

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



Coletânea de Contos & Crônicas



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Preparação e Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy
Diagramação, Capa e Ilustração de Capa | Gabriel Lança Morozeski

II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014

Comissão Organizadora | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C694 Coletânea de contos & crônicas [recurso eletrônico] / Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (org.). - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
206 p. ; 21 cm. – (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 6)

ISBN: 978-85-7772-292-1

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR>

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. I. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-34

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

Coletânea de Contos & Crônicas



EDUFES

ORGANIZAÇÃO
VITÓRIA, 2015

Apresentação

Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autoral; um livro de contos & crônicas autoral; um romance autoral, um livro de literatura infantojuvenil autoral, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

Premiados

Premiados

Modalidade Autor

Livro de poemas: *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

Livro de contos e/ou crônicas: *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranha Coelho (SP)

Livro de romance: *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

Livro de literatura infantil/infanto-juvenil: *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.

Modalidade Antologia

Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casca, cascos, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);

“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa (Fernando Nicarágua) (SP);

“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nublado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qualquer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é poesia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

Coletânea de contos e/ou crônicas:

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);

Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);

A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);

Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);

A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);

Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);

A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);

Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);

Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura

Comissão

Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Sumário

Sumário

- 10 | MAURO LEITE TEIXEIRA**
Cabeceira do Aventureiro
- 16 | MARCELO HENRIQUE MARQUES DE SOUZA**
Vestígios
- 42 | RAFAEL CAL**
A árvore
- 46 | LIANA GONZÁLEZ**
Historinhas do cotidiano
- 72 | MARIA APPARECIDA S. COQUEMALA**
A grande pergunta e outras histórias
- 106 | HUGO AUGUSTO SOUZA ESTANISLAU**
Os que veem profundo
- 128 | JOSÉ RONALDO SIQUEIRA MENDES**
Quem ri por último, ri melhor
Touchè du Thanathos
Cotidiano em três cenas
Lições
- 152 | JÉSSICA BARCELLIS BASTOS**
A partida
- 158 | MIRIAN DA SILVA CAVALCANTI**
Anonimatos - histórias daqui e dali
- 182 | EDUALDO SELGA**
Solitudes

Cabeceira do Aventureiro

MAURO LEITE TEIXEIRA

Natural de Carrancas - MG
(27/05/1942), cresceu no interior de
Aimorés - MG. Formação: Engenharia
Civil - Ufes 1967; Administração de
Empresas - Ufes 1974; História - Saberes
- 2010; Linguagem e Literatura - Saberes
(concluindo). Engenheiro Rodoviário
DNER/DNIT 1968/2000; Diretor Geral
Deres - 1995/1997; Superintendente
Executivo Instituto Terra, em Aimorés -
MG - 2000/2002; Engenheiro Prefeitura
de Vitória - 2004/2012.

Cabeceira do aventureiro

Cabeceira do aventureiro

Digo certo, sabendo que tô errado;
afinal, o Governo não pode avançar o sol.
(Manuelzão – Sobre o Horário de Verão)

Era um tempo de guerra. Naquela madrugada de agosto, um bombardeiro decolou de uma base militar no Pacífico Sul. Levava quatro tripulantes e uma bomba atômica. No início da manhã, a bomba foi lançada sobre Hiroshima. Um *flash* de luz iluminou aquele segundo que mudou a humanidade. Naquele mesmo instante, do outro lado do planeta, a noite acontecia em paz na serra da Chibata. Nuvens de vaga-lumes rebrilham no ar, antecipando as estrelas. Ali, nasce o Córrego do Aventureiro, um pequeno riacho cujas águas descem do alto da serra para desaguar no Rio Capim, na bacia do Rio Doce. O Aventureiro, no seu nascente, é só um anêmico fio d'água escorrendo entre seculares árvores da floresta que cobre a região. Logo abaixo, o filete úmido esbarrado na pedra e contido no barranco forma um poço de águas claras, que lembram um espelho cristalino, refletindo o brilho das estrelas. Os bichos que ali chegam para saciar a sede parecem que podem tocar a lua refletida.

O amanhecer é lento, anunciado pelos pássaros antes da mudança das tonalidades no horizonte. A saracura chega assustada. Para... Espia... Corre... Para... Espia. E, se vê algo, desaparece piando estridente – sentinela do lugar. E há ainda o som misterioso do vento atravessando a mata. Pelas encostas da serra, descendo o chapadão, as águas do riacho do Aventureiro encontram uma clareira de se avistarem distâncias; sente o brilho do sol; e vê como são bonitas as coisas no caminho do vale. Serras atrás de serras. Montanhas azuis ao longe e gaviões brincando com o vento.

No princípio, ali vivia o gentio. Ele acreditava que a terra era infinita como o céu e não pertencia a ninguém. O homem dito civilizado chegou; o gentio desapareceu. Há quem diga que espí-

rito deste ainda habita a floresta e vez em quando vem espreitar, das copas das árvores, o roceiro que lá vive no seu trivial de cortar a mata, juntar e queimar gravetos, para depois semear o chão. As águas do Aventureiro caminham indiferentes. O tempo passa arastado, sem pressa, parece até que pode parar. O sussurro permanente da pequena queda denuncia sua passagem. Quando chega à baixada, a correnteza diminui e contorna uma clareira onde encontra uma plantação na aragem fresca da beira da mata. É o roçado do lavrador Belizário, iluminado pelo sol matinal.

Naquela manhã, Belizário atravessou o riacho do Aventureiro e começou a lida da semana. Rociro simples de caminhar deselegante e firme. Seus passos, levantados do chão, revelam uma maneira de se evitarem as pedras e os tocos dos caminhos por onde anda. O grotão do Aventureiro é habitado por pequenos lavradores, sitiados ao longo do seu curso. Belizário pouco conhece além das cabeceiras das serras que delimitam o lugar onde vive. No mês de maio, novena na capela, distante uma légua, cantos religiosos e o leilão eram um acontecimento marcante no lugarejo. Eventualmente, ele atravessava o chapadão e ia até a uma vila na barra do riacho do Rosário, onde encontrava moradores da região. Sempre arredio, não cultivava grandes amizades.

Acostumado com silêncios, Belizário tem na alma um mundo de crendices e sonhos forjados pelo costume de olhar o dia, buscar sinais das condições do tempo e sentir a força da natureza que ali se apresenta tão exuberante. Contemplar as estrelas, as fases da lua, o desfilar das nuvens, é um privilégio, e tem serventia para o homem do campo. Na estrada que vai da roça à sua morada, logo depois da porteira, há uma frondosa árvore de angico. Corre uma lenda que ali mora um saci, e que dependendo da hora e da fase da lua, ele aparece para assustar os caminhantes. Belizário evita passar ali na “boca da noite”.

O rei-sol é dono do tempo, e rege a peleja diária dos moradores do lugar, tão distante das terras civilizadas. Belizário orgulha-se de ter força para tirar do chão seu sustento, preparar a terra, plantar e cuidar de sua roça e, principalmente, conseguir terminar sua capina até o dia de Natal. Na região, quando alguém não conseguia terminar sua capina até aquela data, comentava-se com ironia: – fulano recebeu a visita de “Zé do Mato”! Zé do Mato, uma figura imaginária, fruto das crendices do lugar, só aparecia quando o lavrador não terminasse sua tarefa. A roça cheia de mato, no dia

do nascimento do Cristo, era motivo para caçada. Uma demonstração de fraqueza, de incompetência ou até de preguiça. Nenhum lavrador queria receber sua visita. Estatutos do lugar.

O roçado de Belizário este ano se mostrava promissor. O preparo da terra para o plantio tinha sido executado com muita fé no início da primavera, época em que o verde da mata se mostrava arredio, devido a meses de estiagem. A força da terra, adormecida. O capim meloso, depois da florada de tonalidade exuberante, vira uma macega. Os tempos mudam no seu ritmo próprio, e o roceiro, sempre atento às fases da lua e à direção do vento. Com o rodar do tempo, aconteceu um dia em que o vento mudou. Nuvens rabo-de-galo no céu, e tipo castelo ao entardecer – jeito de chuva perto. À noite, ele viu pelas frestas de sua morada o clarão repetido dos raios, anunciando a primeira tempestade da primavera. Adormeceu sentindo o cheiro, acolhedor, de terra molhada e percebeu ter chegado o tempo de plantar. Cedo cuidou de semear o chão.

– Deus dará bom tempo!

Dias corridos, cuidando da plantação com afinco. O trabalho na terra não o desacorçoava. Tinha talento pra lida, e seu maior gosto era espiar o milharal crescendo. O verde escuro era tão vistoso... Chovera dias seguidos. Dias cinzentos, e a terra molhada não permitia o término da capina. Natal chegando e o serviço esbarra-do, conforme dito da região.

No convívio da noite, a luz da lamparina alumia a face dos familiares na prosa habitual. Seu pai tinha sabedoria do mundo, mas agora passa os dias no terreiro, debaixo da jaqueira trançando balaies e peneiras de taquara. Já não aguenta mais a lida na roça. Pequeno sitiante, ali chegou ainda novo, época em que era tudo mata fechada. Dona Sebastiana, sua mãe, gostava de rezar o terço e clamar ajuda e proteção aos céus. Seu pai contava histórias dos tempos antigos, pitando um cigarro de palha:

– De primeiro, quando eu era tropeiro, levando mantimento pra cidade, quase não se via a luz do sol nas estradas, cobertas de muita mata. Agora, só tem capoeira, mata rala. – Dizia seu pai.

– Certo dia, na cidade, apareceu um carro andando sozinho,

sem junta de boi e nem cavalo para puxar. Fazia um barulhão danado! ... Espantando minha tropa. Eu quase que descí dos arreios para sentar o “arrocho” naquele tal de automóvel. Hoje têm muitos por aí..., mas naquela época ninguém conhecia aquilo. – Recordava o velho.

Sua mãe, pacientemente, tudo escutava. Nas noites de trovoadas, acendia uma vela e clamava por proteção contra os raios:

– São Jerônimo! ... Santa Barbara!

Belizário tudo ouvia, quieto, só tinha atenção para o trabalho de conclusão da capina. Pensava na zombaria, se recebesse a visita de “Zé do Mato”.

Finalmente, na véspera de Natal, fez-se um dia ensolarado. Deu uma manhã em que tudo parecia revigorado pela luz do sol. Brilhavam folhas de muitos verdes. Belizário amanheceu no roçado, sentindo o cheiro do ar purificado pela chuva. Trabalhava determinado. O arrulho da juriti e o piar do nhambu às vezes interrompia o silêncio do lugar. Capinar é sozinho... Pensamentos vários: “Na reza da capela, houve a informação de que na guerra da Itália morreu um expedicionário, morador da região. Mas o que seria mesmo um expedicionário que o povo tanto falava? Pra que serve a guerra? Alguém disse na capela que deu no rádio que jogaram uma bomba no Japão que matou mais de mil pessoas. Ainda bem que o Japão fica do outro lado do mundo”. Capinar... Capinar...

Na volta do meio-dia, pequeno descanso para o almoço na tapera, amarrada com embira, na beira da mata. Bebeu aparado nas mãos, a água fria da biquinha. Revigorado, volta para a lida da capina, fustigado pelo sol de dezembro. Na cadência da enxada, seu pensamento pegava estrada. – “Esperava uma ladainha de Natal, na capelinha do lugar, aonde ia ir uma moça de olhos da cor do mato, que há tempos habitava seus sonhos. Sou trabalhador, devo agradar a ela”... Determinado a concluir seu eito, trabalhava... Trabalhava. Com esses pensamentos, nem percebeu um casal de periquitos maracanãs atravessarem o céu rumo ao seu ninho, anunciando o anoitecer. Um sabiá cantou. Belizário levantou a cabeça, e viu o sol já caído no horizonte e não conteve um grito que ecoou no vale:

– Pare!

E o sol parou. Permaneceu imóvel até que ele, num gigantesco esforço conseguiu concluir sua peleja. Cumpridor de suas obrigações, não receberia a visita do Zé do Mato. Esbodegado, ergueu a face e olhou o sol, parado no horizonte. Teve então um derradeiro pensamento:

– *“Agora, sim, pode anoitecer”!*

O sol sumiu atrás da mata. Belizário sentiu sua vista escurecer, cambaleou, tropeçou e tombou sobre o chão de seu roçado. Ousara desafiar o deus sol e foi acolhido no abrigo da morte. No céu, ascendeu uma estrela. No fundo do vale, as águas calmas do Riacho do Aventureiro seguiram seu curso, indiferentes. Rumo à imensidão do mar.

Junho de 2013.

MARCELO HENRIQUE MARQUES DE SOUZA

Escritor, ensaísta, poeta, pesquisador e professor. Autor de sete livros, sendo dois ensaios, dois de poemas, um de contos, um de artigos científicos e um de aforismos. Graduado em Comunicação Social e integrante do Grupo de Formação da NovaMente – Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Articulista do programa de rádio Debates Culturais, antes na Bandeirantes AM, hoje na internet.

A gangorra

A gangorra

Depois de velho, visitava a velha cidade da infância. Digladiava-se em silêncio. Por um lado, tudo tão diferente, o progresso passando a perna nas lembranças; por outro, o contraste que algumas ruas de terra batida resistentes produziam com a distância estrangeira a que se submetera, ao escolher a cidade grande, há mais de três décadas.

Ao contrário do que geralmente acontece, foi ele a abandonar a cidade natal e não os filhos. Plantou as sementes e cortou as raízes. Voou, folha de outono, a traír as cercas de casa.

Abandonou o ritmo compassado do pequeno lugarejo, para aportar no mar de ilhas nômades da selva urbana. Trocou o povoado solitário pela solidão compartilhada da terra das multidões.

Queria, entretanto, visitar o neto. Recebera-o em casa, quando ainda de colo, mas desejava vê-lo andar com as próprias pernas, tropeçar nos próprios impasses, sem o abrigo excessivo de todos aqueles colos.

O neto devolveu-lhe o abraço com um sorriso tímido e um silêncio respeitoso, desses de quem passa pela ponte de um rio imenso. E então o velho sentenciou, *Vais com o vô, dar uma volta na praça*. O menino, de lá de baixo dos seus seis anos, olhou para a mãe, à espera do sinal verde. – Voltem para o almoço...

A praça tinha traços do passado e do presente. O coreto permanecia, mas com outra pintura. A velha estátua do poeta ainda servia de palanque ao sarau dos pequenos pássaros. Enquanto que os velhos brinquedos, gangorras, balanços e cubos labirintos, agora dividiam espaço com uma espécie de horto, separado do resto por uma grade comprida, porém espaçada.

Depois de passear um pouco, avô e neto decidiram, em silêncio, pela gangorra. Uma forma de conciliarem o afã do menino com o cansaço do velho.

Nas grades do horto, insinuava-se uma comprida trepadeira, natureza que insiste, apesar de todo o espaçoso mundo humano. O menino fitou-a com a escada dos olhos, enquanto descia no suave balé da gangorra.

Os olhos do velho buscavam o nó que ancorava o encontro. A esperança de que o neto crescesse livre dos tropeços do destino. Sentimento que nutria mais por obrigação do que por experiência. Sabia que o destino não admite delírios retilíneos. Que a vida acaricia, mas também agride.

Conduzia a gangorra com cautela, distância segura dos extremos. O neto ainda perdia os olhos nas curvas da estranha corda vertical.

Na cordilheira dos instantes, o sol abraçava o ambiente inteiro. O dia corava e corria, pincel de pequenos plágios. O baralho dos velhos, as mãos e as proles, coração da vida que pulsa.

Somos todos analfabetos de futuro. E, entretanto, como somos também algo reféns do passado, deliramos o presente, a exigir redundâncias em excesso. O avô desenhando, dedos de Narciso, o asfalto do porvir do neto. Ao mesmo tempo em que sabia que no mapa do tempo não há estrada sem neblina, buracos ou encruzilhadas febris.

Vô, essa corda cresce até o céu?, o menino interrogava, sem desgrudar os olhos do topo do horto. Uma dessas perguntas que foge do *script*. Teatro sem roteiro. Esse voo da infância, que desconhece a gaiola da gravidade.

Eu nunca vi nenhuma chegar ao céu. Mas quem sabe?...

Essa um dia vai chegar...

Nesse instante, um avião cortou os céus. Como se sonho da trepadeira a enfeitiçar a cena. Gritava a sua pressa, ignorando a mesma gravidade que um dia desceria o menino da sua liberdade sem mapas. A mesma gravidade que agora cambaleava da estrada firme do avô, que vacilava entre a planta e a aeronave.

Um pequeno tranco trouxe o velho de volta. O neto caído, subitamente. O corpo pesou para frente, tombando expatriado na gangorra. Solavanco violento no pequeno coração. Era grave. Todos os projetos pleonásticos perdiam agora o sentido. Era preciso correr. Antes que a trepadeira chegasse ao seu destino cedo demais.

O trem

O trem

Há um bom tempo procura um botão, ou outro dispositivo qualquer. Queria fazer sinal, descer do trem. Não achou. Insiste, mas sem sucesso.

Cola o rosto no vidro de uma das janelas. A noite corre estranha, distante. Soberana demais. Não consegue distinguir o pescoço dos postes de luz, devido à densa neblina.

Passa por uma senhora bem vestida, cujo rosto parece familiar. *Sabe aonde é a saída? Quero descer...* A velha olha-o de cima a baixo, condescendente. Como se já conhecesse a pergunta. *Não é assim que as coisas funcionam, meu filho...* Devia ser louca, só pode.

Decide questionar o maquinista. Certamente saberia o destino final e o tempo até a próxima estação. Ultrapassa os vagões, um por um, sem parar. Ninguém parece incomodado. Todos agem como quem sabe onde está indo.

De repente, esbarra num vagão diferente. Há pinturas nas paredes e nos assentos, a maioria num estilo renascentista. Excesso de tons claros e temas religiosos impregnam o ambiente. A maioria das pessoas permanece sentada, todas com as mãos no rosto, na posição típica das orações.

Pergunta, então, baixinho, a um dos presentes – o primeiro que levantou os olhos –, aonde poderia encontrar o maquinista. Recebe de volta um olhar desconfiado, que diz *Aqui é o último vagão. Se quiser mesmo falar com o maquinista, é preciso ter fé e orar bastante...*

Começa a entrar em desespero. O absurdo da situação o leva a questionar-se acerca da própria sanidade. Teria a sentinela da normalidade caído num sono profundo, desses que sucedem as longas caminhadas?

Fazia o caminho de volta, quando de repente sentiu um leve incômodo nos olhos. Estranhamente, fortes raios de sol invadem o trem, como dia mais alto a substituir a noite mais densa, de uma hora para outra.

Resolve sentar um pouco. Há bancos vazios neste vagão. Respira fundo e julga apropriado pensar um pouco, sem pressa. Que trem é esse? Não há trem nessa cidade. Qual seria a estação inicial? E para onde ele vai?

Nesse momento, outro homem senta-se ao seu lado. Tem um aspecto professoral, óculos típicos, barba imponente. Arrisca a pergunta: *Desculpe incomodá-lo, mas sabe para onde estamos indo?* O homem massageia a barba por alguns instantes, enquanto formula alguma coisa: *Meu caro, não sei exatamente para onde estamos indo. Mas de uma coisa eu tenho certeza: estamos indo depressa demais...*

Como assim? Então, além de tudo, estamos infringindo as leis de velocidade?

Não que as leis de velocidade sejam padrões inatacáveis... Mas o fato de não haver um padrão deveria significar uma variação da velocidade. E não é isto que estamos vendo. O velocímetro só aumenta o ritmo...

Apesar do crescente contrassenso da situação, a postura moderada do outro homem acomoda-lhe um pouco o espírito. Talvez seja a sensação da dúvida compartilhada. Sabemos das fobias da natureza humana e sobre como qualquer devaneio dividido por duas ou mais almas acaba sempre recebendo as benesses alucinógenas da *mimesis*.

Tenta olhar novamente pela janela, mas os raios de sol impedem. O máximo que consegue perceber, muito fosco, é que, de fato, a paisagem parece mesmo cruzar os ares rápido demais. Uma velocidade que realmente preocupa.

Volta os olhos para o banco ao lado. O homem sumiu. O frio dos cumes do desespero retorna a apertar-lhe os ossos. E nota, chocado, que a sua angústia não parece merecer a atenção de ninguém. Nenhum dos outros passageiros sofre o seu sofrimento, que se mostra único, solitário, intransferível.

Apóia os cotovelos nas coxas e abaixa a cabeça. Mãos na testa, esconde o rosto como se buscasse ocultar-se em algum porão inabitado.

E então se lembra do filho. Estão brigados há mais de uma semana. Coisa boba, último pingo de um pequeno copo, incompatibilidade de gerações. Objetivismos não faltam para explicar o que é sempre muito mais amplo do que eles. Mais do que tudo, sente uma repentina e incurável saudade do menino. Dessa saudade, escorre uma lágrima, que vai parar na porta dos olhos. Que não conseguem impedi-la, em sua fome de liberdade.

Enquanto sofre a lágrima a descer pelo rosto, de lá do escuro porão de seus olhos fechados, sente, de repente, um forte solavanco, como se o trem a passar por cima de alguma pedra grande, ou outro tipo de obstáculo.

Abre os olhos assustado, enquanto limpa o rosto. E constata, perplexo, que o trem sumiu. Sumiu! O que antes era o banco do trem, agora é um banco de praça. Algumas nuvens brandas cercam o sol, mas ele resiste, bravo e solene.

O olhar continua pasmo. Como se a buscar, em vão, um corrimão, para apoiar a descida íngreme numa estreita escada. Como viera parar aqui? De onde veio essa praça? E o trem, para onde foi?

De repente, avista o mesmo homem do trem. Passa num andar calmo, a mesma calma no semblante. Mas veste roupas diferentes. Não faz sentido...

Levanta-se rápido, ainda atordoadado. E resume suas angústias numa pergunta que escapa distante, apoiada pelos braços, que apontam em todas as direções ao mesmo tempo: *O que é isso??...*

O homem retarda o passo, até parar. Olha para cima e inspira fundo, como a alimentar o fundo da alma com todas as células do dia. E responde, saciado, de dentro de seu olhar sereno:

É a vida, meu amigo. É a vida...

Película

Película

Começou pelos pés, que corriam sem direção ou destino, dando voltas em torno da própria ansiedade, como bêbado a subir ladeira.

As pernas cruzavam mares em ondas moribundas, saqueando-lhe calmas e ignorando o pouco espaço que sobrava ao redor. Dançava um culto quimérico, cujo enredo lhe escapava. Não havia descanso.

O navegar das mãos era ainda mais atlântico. Obstinadas, insistiam estalos e outras dúvidas. Os dedos alternavam carícias com hematomas, badaladas fiéis, que acompanhavam a incansável peregrinação, sem rumo, mas perseverante.

Tanto não havia rumo que essas mesmas mãos partiam a golpear sofisticas em outras redondezas. Pontilhavam os braços, as pernas, o ventre... E por vezes escolhiam o refúgio hibernico dos bolsos.

Mas eram no rosto as investidas mais angustiadas. Em certo momento, chegou a colher um breve orvalho de sangue, que escorreu escasso de uma pequena cicatriz, atrás da orelha, já quase epitáfio.

Esticava os músculos; mordida os lábios – canibalismo que atacava também a saúde de suas unhas; copulava em tango os dedos dos pés; tremores epidérmicos, quase-lágrimas e outras línguas ainda mais estrangeiras. Tudo se alternava numa Babel intermitente.

Entretanto, ao sair do cinema, o único diálogo que mantinha era com os olhos. Esperanto pretensioso, vestido de cais sem tré-gua, como se tudo não passasse de um reles espelho sem margens.

Nada que afetasse esses estranhos colóquios que resistem na incomensurável memória do subsolo.

No fundo da estante

No fundo da estante

Conheciam-se numa banca de jornal qualquer. Ela, com um Nietzsche nas mãos; ele pensando *Ela gosta de Nietzsche...* E ela, *Quanta consoante...*

O dono da banca olhava a cena, lamentando menos uma venda *Ninguém compra essa merda...*

Lá fora, o barulho do avião. Propaganda de um filme. *Quer assistir? Por que não?*, enquanto esconde o alemão no fundo da pilha. *Não falei?...*

Na fila do cinema, a mulher de meia-idade, cachoeira de recordações e ressentimentos febris, sugere a si mesma *Mais um coração partido, coitada...*

No filme, certa cena, o ritmo da música a diminuir e ele sentiu que era o momento. Depois do beijo, o abraço e mais outro, filme desfeito pela metade. Tudo escuro trechos acordes sonatas ausência *Chega!* Ofegar das narinas a salvarem os corpos da omissão das bocas *Cuidado!* E os cabelos, tão lisos...

Ao passar pela banca, na saída do filme, a mulher de meia-idade compra um Nietzsche. Não dá pra ver daqui, mas parece *A origem da tragédia*.

O homem da banca, com o olhar perdido no meio das nádegas da mulher, não percebeu a merda que vendeu. Pensou na ex-mulher, que morrera, ao menos para ele, no meio de um filme, já nem se lembra qual. Confessou-lhe o adultério. *Trailer* da solidão futura.

Os outros dois, depois do filme, tiveram uma filha. Casaram, sem a comédia dos papeis. E depois de algum tempo, foram engolidos pelo apetite da monotonia.

Enquanto isso, a mulher de meia-idade divagava com os braços do homem da banca, que saíam de dentro de um livro que ela carregava não se lembra qual para tentar atenuar a tristeza momentânea. Sem lamentar, entendeu que fora sonho.

O livro jamais seria removido da estante. Apenas uma capa atraente, numa tarde vazia.

Sentados na mesma noite deserta, o casal colhia as poucas vogais que caíam do passado. Final da vela, os créditos a subirem enquanto a música anunciava a última curva. Novo *trailer*, novo filme, origem de mais um drama sem culpa.

No dia seguinte, pela manhã, o dono da banca recebe mais um Nietzsche da editora. *Mais um traste pra ocupar espaço*, ruminava enquanto acompanhava o rebolar da filha do casal, relativamente crescida, mocinha, *Que ninguém me veja...*

A menina não viu o livro. Não sabia quem era Nietzsche. E sonhava sem culpa com a próxima sessão.

Zero à esquerda

Zero à esquerda

Por trás da vidraça e das grades da janela do pequeno bar, a chuva caía fina e gelada. A moça que puxava assunto comigo desenhava, com os lábios, suas novas descobertas. Acompanhava-a, sem muito interesse, nem por ela, menos ainda por suas ideias. Mas ouvia, com os olhos, as suas mais recentes conclusões.

Acabara de ler dois poemas de Apollinaire e me cercava com sua ansiedade engajada, um engajamento que curiosamente beirava o niilismo. Dizia-me ter encontrado a chave para um *Tratado geral sobre a Insignificância*. Diminuiu a voz, como se temesse a devassa de seus devaneios, para dizer que a brilhante descoberta já tinha nome: *Zero à Esquerda*.

Sem tanto entusiasmo, inquiri se não lhe parecia no mínimo problemático criar um tratado para a insignificância. Não usei a palavra *contraditório* por achá-la violenta demais para o que eu queria dizer. Mas era essa, basicamente, a ideia. Um tratado sobre a insignificância não corria o risco de ganhar significado demais, dado o tamanho da empolgação com que me perturbava o tédio?

Envenenada na superfície de seu alvoroço, o problema não lhe parecia insanável. Argumentava que certas intervenções de ordem técnica resolveriam a contradição. Não fugiria do papel, mas colocaria a capa do manifesto no meio da publicação. Que, exaltou, não teria contracapa. Não teria contracapa, continuava, porque a capa no meio já seria a sua forma de redesenhar a existência da outra. Em suma, em seu delírio vigoroso, um livro sem contracapa seria a realização de uma espécie de funeral da capa.

E o que você tem contra a contracapa?, perguntei, cada vez mais entediado.

O fato de que ela pressiona uma oposição a algo que não tem o menor valor. Ela é o oposto que mantém a dualidade. E, como toda dualidade, ela deve ser abolida, respondeu esperando os aplausos, que não vieram.

Apesar de achar a ideia até certo ponto rica, coloquei que isso não eliminava a contradição. Um manifesto que exista para defender a insignificância deve morrer no anonimato de uma conversa dessas de banco de praça, de teto de lua. Não pode ganhar trejeitos de concerto. É o tipo da coisa que deve driblar a tentação da publicação apressada, para somente ser garimpada dos porões do tempo, pela arqueologia de algum dos canalhas de cem anos depois – como, aliás, quase sempre acontece.

É tempo demais..., ela quase sussurrava. Aliás, já me sinto parte dessa canalha, porque os Álcóois de Apollinaire estão fazendo exatamente cem anos... E ainda não conseguimos a bebedeira do espírito de que tanto Baudelaire falava...

Sua nostalgia só alimenta o meu tédio, disse, quase bocejando.

Não se trata de nostalgia, meu querido – ela parecia cada vez mais segura do que dizia. É justamente o contrário. Ainda não fizemos o funeral do tempo e é isso que sustenta os pilantras dos museus, mesmo depois de tantos terremotos.

Você quer matar o tempo, é isso?, declarei, veemente.

Claro que não. Quero apenas retirar os seus restos mortais de dentro dos relógios e enterrá-lo de vez.

E o que Apollinaire tem a ver com isso?, perguntei, já preocupado com o meu repentino interesse.

Em um de seus poemas, chamado *Zona*, ele sobrevoa as ruínas da Europa, vestindo o sobretudo de suas contradições e apontando, um a um, os cacos do tempo. O declínio da beleza, a natureza que se mantém em sua soberana e gigantesca intimidade, a vergonha do amor e, o mais importante, algumas pistas para que entendamos que, no xadrez obscuro que nos corta a vida, somos apenas o tabuleiro.

Não lhe parece que, se ele aponta para todos esses dilemas, é justamente porque eles são esse sangue envenenado que sempre escorreu pelas entranhas de nossas veias? – minhas reflexões ganhavam tons cada vez mais metafóricos, o que aumentava o meu impasse. O tédio há muito era o meu estandarte favorito. E por instantes me senti garfado pelo emaranhado sedutor das conjecturas da pequena moça.

Talvez... Mas você não ouviu tudo. Há o segundo poema.

E a segunda pista, que não me parece casual. Aliás, nada é casual num poema de verdade.

O caso é que, quanto mais aumentava o meu interesse, mais me sentia a prova mais clara do equívoco daqueles devaneios. Comecei a sentir uma necessidade pulmonar, ainda que compassada, de compreender a sequência daquele enredo. E então experimentei o primeiro passo da angústia: se continuasse interessado, entraria no perigoso beco da ambiguidade, porque a conclusão do diálogo poderia guardar o seu mais violento estertor. O que me lançava num paroxismo dos mais radicais.

No segundo poema, que se chama *A ponte Mirabeau*, Apollinaire sela a questão. Diz que sob a ponte passa a *eterna água do desgosto*. Isso é fundamental! Está lá, ele desenha, como se fosse um Cézanne do verbo escrito, as sombras e vibrações do calvário das pontes. Mesmo as de Paris – talvez especialmente elas. Isso não é óbvio no poema solto, mas, se associado ao anterior, temos o encaixe das pistas. E como não partilhar isso?

Ou seja, você quer construir uma ponte para colocar em questão o martírio das pontes..., insisti, aumentando a artilharia.

Depois de alguns segundos imersa no labirinto de suas manobras mentais, ela retorna. E coloca: Entende o porquê da importância de se aposentar a contracapa? Nela e no ponto final é que reside a resistência das pontes. Por isso também o zero à esquerda. Qualquer leitura que se coloque à direita do texto não altera a sua insignificância soberana. É apenas um esbarrão, jamais conclusão ou empirismo derradeiro.

Surgiu-me então o curioso pensamento de que, em certo sentido, todo texto publicado, por mais poético que o seja, acaba sendo também uma espécie de violência contra o fundamento da circulação das ideias. Expus mais essa questão, no que a pequena menina retrucou, exaltando o naufrágio e a conexão epidérmica e inelutável da questão com o rio e sua correnteza.

No fundo, aquelas palavras e raciocínios não me eram tão estranhos assim. De certa forma, havia algo como um espelho convexo naquela curiosa esgrima. E eu não pude deixar de sentir um leve desconforto, ao perceber que, enquanto eu me agarrava às margens débeis dos meus eufemismos, aquela moça de aparência tão frágil encarava as águas bravas das cataratas.

Apesar de sutilmente modificado pela conversa, uma transversal inteiramente inesperada, senti a necessidade de mais um contraponto, que já me cheirava, ainda que apenas em brisa, a um resquício de inveja intestinal. Preparava-me para dizê-lo, da forma mais enviesada possível, quando ela se adiantou: Gostaria muito de continuar a conversa, mas minha hora chegou. Preciso partir.

Sinceramente interessado num prolongamento para aquelas ideias e já encantado pela coragem da bela menina, arrisquei uma última ponte: Ainda não me disse seu nome...

É verdade. Prazer, *Literatura*.

Pororoca

Pororoca

O destino cruzou-lhes o sorriso. Um toque desses especulares, de tão hipnótico. Ainda que recheado de dúvidas. Não se viam havia mais de dez anos e, apesar disso, era como se o flerte dos olhos fosse o derradeiro arremate da tinta de um esboço que se esculpia há anos.

Intimidaram-se. Nada violento. Algo que dava ao encontro um toque extra de suspense, esse suspense que nos leva a elaborar, mentalmente, em silêncio, diversas entradas que jamais sairão do útero. Pareciam reféns do receio de esbarrar expectativas apressadas.

O sorriso dele diminuiu primeiro. Assumia, aos poucos, a cautela exigida pela situação indefinida. Ilha cercada de ondas que pressionavam as areias da angústia.

Haveria algum indício de ressentimento em seu novo semblante? O que significava aquele breve arrefecimento do sorriso? Guardava-o só por cautela, ou por algum arrependimento? Ou haveria outro atalho qualquer, ainda virgem, a ser explorado?

Não havia, ainda, palavras. A praça era comprida e podiam então desenhar mais alguns testes, enquanto caminhavam lentamente, olhares apartados um do outro, simulando esquecimento cada vez que passavam pelos bancos desocupados.

O verde simétrico dos canteiros margeava o terreno conflituoso das duas ansiedades. Ilha transformada em lago, em tarde de chuva. Esperavam um o cessar de ventos do céu do outro.

Embrenhavam-se no traçado de um mapa sem projeto, a quatro mãos, por uma estrada desconhecida, em cujo desenrolar-se cada passo era dado numa espécie ambígua de consentimento, permeado de dúvidas, renúncias e firmezas esporádicas. Cada folha pisada ditava o pântano da seguinte.

Esses intervalos – que os relógios, fantasias prosaicas, insistem em registrar em seus delírios como miniaturas metonímicas de

um caso encerrado qualquer, passível da descrição mais fidedigna – são, na verdade, os únicos momentos em que nadamos subterrâneos na superfície da vida. Cabeça pra fora da fratura, sem a possibilidade da fuga. O sangue continua a borbulhar seu escoamento. E mantemo-nos na parte orgânica da ferida, coração que pulsa, enquanto a cicatriz não encontra o rosto perdido pra sufocá-lo com mais uma de suas máscaras.

Decidiram por um banco. Sentaram-se cuidadosamente, como quem tenta traçar paralelas que não se cruzem. Inevitável. O infinito está sempre a segurar as cordas de todas as cenas. Os olhares sobem da toca. Roçam-se, receosos, como braço de mãe a envolver o recém-nascido.

Sorriram de novo. Ilha e lago, dois lados do mesmo espelho. Dez anos que desaguavam num mesmo poente. Havia algo de nitidamente exposto naquele longo silêncio. Como se apenas esperassem o último movimento do maestro, o fim da sinfonia.

Como bem sabem os que não levam os relógios muito a sério, os calendários mentem sobre as estações. Cada folha que cai das árvores no outono já contém, nas entranhas, a proteína de neve do inverno. Os cortes se insinuam semanas antes e o porto seguro das dobras é apenas mais um capítulo da extensa história das ilusões.

O que ali sucedia, naquele banco de praça, era um pouco isso, uma dessas tréguas, que por vezes registramos como um instante fotográfico, o fim de uma jornada, o nascimento de um corpo ou o dia do reencontro. Mas é claro que é mais que isso. Aonde vemos uma folha mais lenta no comboio do outono podem ser, na verdade, duas, uma colada à outra, num deslizar de vento cujo rascunho germinara nos entremeios de um dos muitos verões anteriores. Uma lembrança, uma foto, um lugar comum. Tudo sintetizado no beijo conivente, pororoca que sobra como testamento dos dois sorrisos. Sem escapar de ser também o berço de um novo corte, sem mapas, mas agora rasgado, não se sabe até quando, a quatro mãos.

Corpo estranho

Corpo estranho

Acordei inteiramente expatriado do tempo. Sabia que tinha sido atropelado no dia anterior, mas a avalanche de matizes, que se embarralhavam em segredo, tombou-me para fora do mundo calendário.

Olhei em volta e tudo indicava madrugada a galope. O silêncio a flertar com os tímpanos, enquanto as sombras pareciam mastigar os restos dos objetos espalhados no pequeno quarto do hospital. Mesa, telefone, cortina, o quadro da parede, tudo era quase já era no afogar das luzes.

Não me lembrava do dia da semana ou do mês. O gesso cercava o braço e o resto do corpo parecia acordar atrasado, formigando a posição disforme. O efeito do anti-inflamatório começava a dar sinais de cansaço.

A dor começou a soar como um trem, que trepida do horizonte do silêncio a gemer sobre os trilhos do inevitável. Não sabia a quem recorrer, então, me preparava para o pior. O corpo acordava indício, os primeiros passos do deserto no horizonte da última curva da floresta.

Um dos braços doía, o outro formigava. Senti a boca seca de fome e as pernas cansadas. Não conseguia forças para me levantar. Então, apertei os botões do telefone, até que uma atendente respondeu, com voz solícita: *Pois não, algum problema?* – Acabei de acordar e estou sentindo dor – respondi. Busquei ser direto, pra encurtar a espera. *Vou avisar à enfermeira, é só aguardar.*

Só aguardar... Não é o tipo de frase que seduza a dor, mas enfim... Não tinha tantas alternativas.

Lembrei da pequena cartela de remédios para dor de cabeça, que sempre deixava na mesa do meu quarto. Era das poucas dores que sentia. Não sou chegado a exercícios físicos, academia, futebol ou coisa que o valha. Meu corpo não passa de massa residual em meu cotidiano. Mera ponte, que a mente usa para vagar de lá pra cá, de cá pra lá.

A dor no braço, entretanto, aumentava. O efeito do remédio minguava a passos largos. O corpo estranhamente colocava a cabeça pra fora da casca. Como um andarilho, que finalmente acha o caminho de casa.

Procurei manter a calma, respirar fundo. Os pulmões, entretanto, já haviam selado o seu lado na guerrilha. E de mãos dadas com o braço, violentavam as cercas e invadiam o terreno da mente, qual aríete a derrubar muralhas.

Tentei esquecer os pulmões e proteger as cercanias do pensamento. Estilhaços voavam por todos os lados e os alarmes soavam em ritmo alucinante. Procurei abrigo num gueto, no porão de um prédio abandonado. O barulho lá fora era ensurdecedor – invasão em curso.

Encolhi o espírito na parte lateral de um piano abandonado. Vi, então, um vulto, que parecia o de Brahms, sentar-se ao meu lado. Começou a dedilhar o instrumento com veemência, como se buscasse uma sagrada e derradeira composição. A canção solene amenizava o grito estertor dos alarmes.

Não impediu, porém, a explosão de uma bomba, que destruiu a outra lateral do piano, que ombreava a porta da rua. Metralhando a fumaça com os olhos, procurei, em vão, pelo pianista. Sumira, sem vestígios.

Já agonizava a derrota, quando a porta lateral se abriu. A enfermeira trazia nas mãos uma injeção e alguns pequenos objetos adicionais, que meu torpor não conseguiu identificar.

No momento mais crítico do combate, o reforço acabou chegando a tempo. E diante da diminuição da desvantagem, consegui juntar forças para o contra-ataque. Antes que o sono chegasse, efeito colateral da agulhada, ainda cheguei a comemorar, por breves instantes, a batida em retirada daquele indesejável corpo estranho.

Vozes do silêncio

Vozes do silêncio

O som. No momento em que os grãos da ração caíam, ritmados, no compasso cilíndrico dos potes, os bichanos mudavam automaticamente de atitude. Passavam de um miado sôfrego aos movimentos circulares de consentimento, à certeza da satisfação iminente.

O barulho apressado da mastigação, a geladeira cedendo ao apelo das mãos, a garrafa se abrindo e o refrigerante descendo pela garganta. Começou a pensar com os tímpanos. O mundo transformava-se, momentaneamente, em um concerto de impressões auditivas.

Pensou sobre a surdez do próprio mundo. Esse mundo barulhento que, entretanto, pouco se ouvia a si próprio. Em seus lamentos, seus espasmos e falatórios desmedidos. Ao mundo restava o solo surdo de seu movimento involuntário, como um coração que não pede pra bater e não bate pra pedir.

Pouco tempo depois, saciados, os gatos praticavam sua peculiar higiene. Nem tudo era possível aos ouvidos. Certo silêncio forçava atenção. Mesmo que as lambidas fossem igualmente ritmadas, o que refletia uma tremenda ambiguidade, já que sua agitação se misturava com a ausência de qualquer som. Pensou no que aconteceria se o infinito mundo da natureza microscópica surgisse audível em toda a sua epopeia. Possivelmente, não haveria ouvido seguro pra resistir. A natureza, tudo indica, além de sábia, tinha o seu quê de misericordiosa.

Sentou-se ao computador, pois precisava enviar um *e-mail* a um colega de classe. E lembrou-se de uma das últimas aulas, o professor a falar sobre a figura da onomatopeia. Tipo de construção pretensiosa, que tentava a clonagem linguística do som. A captura do som pelas letras. E nesse instante, o telefone tocou.

Diante da falta de resposta aos seus apelos, pousou o aparelho na cômoda. O silêncio do outro lado da linha soava intenso, mais

talvez pela ansiedade de suas expectativas do que por qualquer outra coisa. Aquele silêncio era a face de alguém. O encontro desértico entre o telefone e o seu ouvido não escapou de uma dessas miragens que o inconsciente desenha de lá, em sua autonomia contumaz.

Um dos gatos subverteu novamente o alheamento. Subiu na cama de uma forma incrivelmente elegante. Que não chegou a ser silenciosa, afinal os olhos ouviram. A janela assobiava ao vento, enquanto algumas nuvens prenunciavam chuva.

Decidiu, então, escutá-la. Estancou todos os afazeres, no exato momento em que a cheirosa chuva de verão começava a desabar, veloz e afinada. Os pingos caíam como orquestra, resposta ao maestro destino, que certamente se regozijava sempre que o frescor desse tipo de chuva substituíu o calor abafado daquela época.

Quando o concerto dos pássaros substituíu o das águas, outra aula sobreveio-lhe. Não se lembrava da matéria, mas falava sobre a relação dos orientais com a meditação. Uma espécie de busca religiosa pelo silêncio, que contrastava com a carência que o ocidental médio ostentava pelo barulho. Dia desses, pensou, tentaria a meditação.

A fome dava sinal de vida. Não poderia, entretanto, pedir auxílio à geladeira, em cujo interior jazia o mais espaçoso vácuo. Precisaria do auxílio de forças estrangeiras, ajuda externa para combater o inimigo mais forte.

E no exato instante em que levou o aparelho ao ouvido, retornava-lhe, como a parte das músicas clássicas em que o ameno substitui o trágico, um *alô* melódico e doce, além de bem familiar. Suas reflexões ensurdecaram. Aquele breve som ecoava como onomatopeia dos seus desejos. Até aquele momento, mantinham-se domados. Mas voltavam a passos largos, a partir do instante em que o *alô* invadia uma dessas estranhas regiões do ouvido, que parece ter ligação direta com outras partes do corpo, já que causam reações as mais inesperadas e em cadeia.

Depois de combinar o encontro, voltou aos afazeres. O telefonema foi o seu jantar. Esqueceu completamente a fome. O mais provável é que tenha sido saciada por um dos incontáveis mergulhos que levavam os sons do telefone aos recantos mais apartados do corpo.

Havia um calendário pendurado na parede da cozinha. Não chegou a lembrar dele, mas, mesmo de longe, teve os ouvidos gar-

fados por algum oásis desgarrado do passado. O silêncio viajava no tempo, oscilando pelas verdes estradas da memória.

Voltou a ouvir, cuidadosamente, o entorno. As formas, as cores, a disposição dos móveis, o sono dos gatos. Tudo dançava um lento bolero com o semblante daquela voz. O único delírio é o daqueles que acham que é possível uma autonomia absoluta para os símbolos. Estão sempre a perder-se nesse universo deslocado, no qual os espelhos não escapam de serem apenas cacos do lago de Narciso.

Abriu a porta. E o ambiente, que até então protagonizava a peça, ensurdeceu de vez. O ritmo e o silêncio davam as mãos, para uma nova dança. E todo aquele metabolismo dos sons, que encharcava as entranhas do seu corpo, vazava agora para as margens dos ouvidos, regurgitados e afoitos. Como se buscassem, sem trégua, a curva do atalho, que leva a encontrar a grande nota, auge da sinfonia, o derradeiro ponto de ebulição no qual todos os sentidos se perdem, uns nos outros. O que nos permite escutar essa essencial melodia do silêncio sem fundo.

Entrelinhas¹

Entrelinhas¹

1 - Não era bem isso que eu queria te dizer. Saiu sem querer, ato falho, sabe como é. Eu sei, às vezes a gente fala o que não quer falar e acaba dizendo o que queria dizer. Mas não era bem isso.

Havia mais detalhes, mais vielas e curvas. E eu precisava de um resumo. Achei que tudo tinha que ser rápido. Curta-metragem. A pressa, eu sei, é inimiga...

Sei também que nessa estação não há mais espera nas laterais do trem. Estação-fantasma. De qualquer forma, não era nada daquilo. Ou pelo menos quase nada.

Talvez tenha sido o tom da voz. Não que tenha sido alto, mas foi veemente, confesso. Verdadeiro em excesso. Essa coisa de defender a veracidade do que a gente diz não soa bem. Parece sempre forçado, porque no fundo a coisa não tem fundo. Podia ser qualquer coisa.

Perder faz parte. Mas será que existe algum tipo de ganho efetivo em jogo? Não seria tudo parte do mesmo derreter-se? Não sei, parece mesmo que a maneira que eu tenho de atenuar esse revés é generalizando a perda como epiderme partida de tudo. Eu sei, não é estratégia das mais originais...

O pior é que, vindo daqui, dá pra perceber que havia escolha. Podia ter sido diferente. Mas não será isso a primeira brisa da paranóia? O fato de haver alternativas daqui de hoje não significa que elas fossem tão óbvias naquele momento. *Haver escolha* é uma tremenda ambiguidade, porque escolher é sempre decepar as alternativas que sobram.

Em cada corte que se faz, o tanto de pano que resta é potencialmente infinito. Não há como fugir disso.

Você deve estar achando que eu estou relativizando demais. O rol das opções nunca é tão extenso assim. Mas será que dá pra resumir uma vontade repentina no resultado apressado que ela gerou? Ou esse resultado não corre o risco de afogar a teia de todas as causas num esquecimento inconsequente?

Enfim, não quero aqui pedir nada, porque o que está feito, feito está. Muito daquilo não era, esse é o fato. Que nem é tão fato assim, já que não era. Mas eu precisava te dizer isso.

Precisava jogar pra fora, compartilhar com os ventos o que eu estou sentindo. Aquele erro, fadado pela correria opressiva, impediu-me de estender o período de ensaios. Decidi, mão-única, escrever a árvore inteira, da raiz aos galhos, esmagando a pele do esboço com o negrito da certeza acelerada.

Chamo de erro porque é assim que eu vejo. Publiquei em traços e retas o que deveria permanecer lacuna, o que deveria ser mantido dinâmica, sem o desperdício das conclusões, sempre precipitadas.

Perdi o controle sobre as bordas daquele texto. A gramática veloz se interpôs pelos meandros líricos, envenenando todas as linhas. Já não era dono do que dizia. Aliás, somos mesmo donos do que dizemos? Gosto da ideia de que nada nos pertence, nem as escolhas mais aparentemente seguras.

Eu sei, isso me joga numa espécie de contradição inescapável. Tentar justificar o que não permite correção. Se a minha fala não me pertence de todo, como querer traduzi-la? Como querer passar a borracha naquilo que já nasce apagado? Não dá...

Mas que podia ser diferente, podia...

A árvore

RAFAEL CAL

Professor, dramaturgo e diretor. Tem 28 anos, é de Rio Bonito (RJ) e vive no Rio de Janeiro há dez anos. Com experiência em pesquisa e revisão, atualmente, colabora com sites literários e com o projeto Blogs do Além. É fundador da Interferência Teatral, sendo o responsável pela dramaturgia e direção dos espetáculos da companhia.

A árvore

A árvore

Metáforas elaboradas não explicam sentimentos complexos, pensava.

Era quente. O dia estava claro e o sol rebatia nos carros parados na rua, entrando pela janela entreaberta, causando um leve desconforto nos olhos. Era novidade. Quente, claro, sol e desconforto sucediam a queda. Antes, ainda que fosse quente e claro, havia uma sombra delicada e o sol que rebatia nos carros na rua era barrado, entrando pela janela um balançar cadenciado.

Havia, em frente à janela, uma árvore. Com o tempo, aprendera que era um flamboyant. Não que isso interessasse. Era uma árvore, isso bastava. Se fosse um ipê ou uma macieira, seria irrelevante. Sempre fora sua árvore.

Sempre esteve ali, oferecendo sombra como num poema escrito sobre infância e nostalgia. Não que gostasse de se sentar aos pés da árvore, recostar em seu tronco e receber a brisa suave no rosto, olhando pro céu entre a copa do flamboyant. Isso era poesia. Gostava de estar na sala e não ter os olhos desconfortáveis enquanto lia Tchecov no sofá.

Não ser poesia não significou, em nenhum momento, desamor. Vivia uma intensa relação amorosa com aquele flamboyant. Todos os dias, chegava da rua e, ao entrar em casa, olhava pro alto, em direção à copa da árvore. Quando era criança, carregava alguns galhos. De manhãzinha, juntava os bonecos e construía fortes e trincheiras nas raízes que levantavam um pouco a calçada. Mais tarde, pegava algumas sementes pelo chão e as juntava numa caixa, sem muito sentido. Achava engraçada a sujeira que a árvore fazia e podia ver o céu entre as folhas. É. Talvez, de alguma maneira, fosse poesia.

De certa forma, aquela quase poesia era também um prenúncio de tragédia. As raízes fortes iam aos poucos estourando a calça-

da e os canos em busca de água. As sementes ficavam espalhadas pela rua, assim como as flores. As cigarras sumiram. Havia cupins.

Um dia, chegou o botânico. Nunca havia visto um botânico e nunca viu um depois disso. Se fosse teatro, diria que era uma solução dramática fraca, do autor, colocar um botânico ali, para explicar o inexplicável, como a empregada doméstica da novela das oito que faz uma pergunta à patroa, protagonista da história, pra que ela possa fazer uma cena tocante, que sirva de gancho para o capítulo seguinte e mantenha a atenção do espectador. Não era preciso verbalizar a morte. Fez-se o silêncio.

Dias depois, acordou com a trilha sonora do corte. Foi até a janela e contemplou a coreografia. A luz do sol banhava o cenário e lá em baixo havia uma espécie de diretor. Não conseguiu pensar em nada.

Os dias seguiram angustiados. Era, sim, preciso verbalizar a morte, pensou. Pegou um caderninho que tinha guardado para essas ocasiões angustiadas. Começou a escrever. Nada que achasse gostável. Não estava interessado em ser lido, mas em botar pra fora a angústia. Ele sabia, ou achava que sabia, que escrever era uma forma de superar.

O que ele não sabia era que nada que escrevesse seria capaz de cobrir aquele buraco aberto. Que nada voltaria, ainda que inconscientemente achasse possível que tudo voltasse, em breve, a ser como era antes. O que não sabia é que há coisas que não se superam. Há coisas que não voltam. Não pelo que foram, mas pelo que deixaram de ser. Brincar com seus bonecos na raiz aparente do flamboyant foi banal, mas foi. Não haveria mais aquela raiz para servir de trincheira na guerra imaginária. Não haveria sementes, galhos ou flores. Não haveria.

O acordar seria diferente, assim como a sesta. As tardes e os cafés da manhã também. Não haveria escaladas, podas, arte naturalista. Não poderia se casar embaixo da árvore. As folhas pequenas não poderiam ser postas pra secar, trituradas, enroladas em um guardanapo de bar e posteriormente fumadas, em busca de algum estado alterado de consciência, numa tentativa juvenil de fazer haver alguma coisa. Não poderia construir uma casa na árvore, não naquela, pelo menos, e, se não naquela, em qual mais?, não importa, não poderia construir uma casa com a sua madeira nem tirar uma muda. Não seria possível, um dia, quando fosse avô, reti-

rar um galho e fabricar uma espada de brinquedo para seus netos. Tampouco construir um arco e flecha. Não haveria a sombra e a poesia de olhar pro céu entre as folhas da árvore.

Os dias seriam claros e o sol rebateria nos carros parados na rua, entrando pela janela entreaberta, causando um leve desconforto nos olhos. Tchecov nunca mais seria o mesmo. Nem ele.

Metáforas simples também não explicam nada, pensou.

Historinhas do cotidiano

LIANA GONZÁLEZ

Nasci em Colatina, fui criada em Brasília, vi esta cidade crescer, estudei na UnB. Ativista política quando estudante, hippie quando a ditadura se fortaleceu, cursei Artes Plásticas na Ufes a partir de 1982.

Trabalho como Produtora Cultural da Ufes, executando atividades na Biblioteca Central, retomando sua programação cultural.

Integro o Programa de Doctorado em Lenguajes y Poética del Arte Contemporáneo da Facultad de Bellas Artes, da Universidad de Granada/Espanha, qualificada em dezembro de 2012.

Atualmente dedico-me à fotografia como expressão artística.

Dias que surgem

Dias que surgem

Existem dias que surgem para dominar sua rotina.

Geralmente, são dias que surgem de alguma situação alheia, onde você brota, repentinamente, vindo de algum lugar fora dali onde tudo acontece e, dentro da história, acomoda-se para caminhar, passos firmes, rumo a seu próprio caminho, rumo a casa, ao recôndito que me recebe em silêncio.

Almoço todos os dias no Restaurante Universitário e hoje senti a potência energética de um raio, porque caiu um ao lado do restaurante enquanto eu almoçava – potência de bomba!...Luz de incêndio!... Ninguém compreendeu bem o que ocorreu... Passou a energia de um raio, junto a nós, ao nosso lado!...

Houve uma corrente unindo todos a perguntarem-se o que houve.

Muito calor, muita chuva, a cidade alagada.

Viajo todos os dias 50km para trabalhar, 50km para voltar. Duas horas, no máximo!

Hoje, com tanta chuva, com tanta dominação climática, demorei 4h30min para percorrer 50km inundados, e chegar aqui, para escrever esta historinha de hoje, que me custou não cozinhar, não estudar.

Dentre as histórias que ouvi no caminho, houve uma com final feliz – minha companheira de viagem acreditava que todos haviam morrido no acidente em Viana – sobreviveram!... Acabei de ver no telejornal.

Jacinta

Jacinta

Faz tempo, recusava-me a ir, porém, hoje, impossível evitar.

Enfermaria da UTI do Hospital São Lucas, Vitória, Espírito Santo, Brasil, Jacinta em coma.

Desde maio, Jacinta está em coma; só hoje fui visitá-la.

Creio que não suportou a dor de celebrar um ano da morte de sua filha, que seria no mês seguinte, e fugiu.

Fugiu para dentro de si, numa viagem amarga que não evidencia sua sempre forte alegria com a vida – entrou em silêncio, em distanciamento, deixou-nos.

Mas não morreu. Está ali e chorou quando lhe disse que estava ali. E chorei porque quem vi ali não era Jacinta.

Vi um corpo sofrendo, moribundo.

Perguntei à enfermeira e, não satisfeita, perguntei ao médico. Confirmado. Era Jacinta. Não vi uma pessoa, um ser imbuído de vida. Vi o sofrimento de alguém que não quer viver e não tem a alegria de ir – sofre, ego ferido pela vida, e reclama amor.

Por que não aceita o nosso, Jacinta?

Temos pouco, não temos sua filha.

Estamos vivos,... Viva!

.....

Não viveu. Foi-se no dia seguinte.

O cachorrinho voador

O cachorrinho voador

Tenho um cachorrinho *dauchauud*, o conhecido “salsichinha”, chamado Jóia. Quando nasceu, as sugestões para nome foram tantas, que decidimos organizar um pleito para eleger seu nome. Tinha desde nome de candidato a presidente – nasceu em período pré-eleitoral – até nomes tradicionais como “Rex”, “Mandrake” ou “Cachaça”. Um dia antes da eleição, ocorreu um fato violento: um jogador de futebol de areia da Seleção Capixaba e da Seleção Brasileira foi assassinado brutalmente – o Jóia.

Não houve pleito, houve unanimidade – o cachorrinho chama-se Jóia.

Gosto de ver Jóia brincando com as sombras dos insetos, perseguindo-as, com seu focinho roçando o chão, tal qual sua barriga. Mas gosto mais quando está com os beija-flores.

Tenho um arbusto na porta de minha casa apenas para os beija-flores. O arbusto está permanentemente florido, e suas flores são cálices a guardar néctar, de maneira que para sorver esse néctar é preciso ser beija-flor. Seu bico afilado chega ao néctar.

Jóia quer voar. Todo o dia, persegue seus amigos beija-flores – quer aprender a voar como eles. Acredita que seu sempre giratório e antenado rabo pode tornar-se uma hélice e suas grandes e moles orelhas espetarem-se em asas. Ele tenta, mas seu focinho pontudo como um bico não penetra o cálice do néctar. E o cálice é muito pequeno – teria que sugar todos os cálices.

Certo dia, estava tentando sugar o néctar dos cálices caídos ao chão, mas seu amigo beija-flor disse-lhe que não haveria quantidade suficiente para que ele sequer flutuasse. Nessa hora, passava por ali uma luminosa borboleta amarela que resolveu ajudar Jóia.

Disse-lhe que na cerca havia um ramo de maracujá com três flores bem baixinhas, fáceis de serem alcançadas. As flores de maracujá são muito perfumadas e parecem estar de braços abertos. A

borboleta disse-lhe que nasceu e tornou-se bela ali, entre os ramos do pé de maracujá.

Jóia enfiou seu focinho nas flores de maracujá e, para seu desespero, espirrou!... A flor do maracujá é muito perfumada. A borboleta disse-lhe para prender o fôlego e apenas sugar, sugar, sugar. Assim fez Jóia. E para seu espanto, começou a flutuar!...Chegou bem pertinho das pontas de lança dos paus da cerca, mas estava com seu rabo em hélice para cima e suas orelhas, coitado,... Não conseguia espetá-las! Flutuou, com seu rabinho para cima e de cabeça para baixo por alguns momentos. Despencou. Acabou a força do néctar.

Ficou parado sob a sombra da goiabeira por um instante, refletindo, e resolveu exercitar a capacidade anatômica de suas grandes e moles orelhas. Estava ali tentando coordenar orelhas e rabo quando um robusto bem-te-vi o observou e acercou-se. Jóia revelou sua intenção de voar e o bem-te-vi, feliz, disse-lhe ter a solução.

Havia uma flor muito grande num canto do jardim cujo néctar quase ninguém sugava por não parecer uma flor, por ter espinhos por toda sua volta. Essa flor o faria voar, pois seu néctar estava escondido, concentrado. O bem-te-vi levou Jóia até esse cantinho escondido do quintal, onde um pé de abacaxi explodia sua flor em aroma e madurês. A flor estava caída, aberta, perfumada e succulenta. Jóia a sugou, mastigou, lambuzou-se.

Lá foram eles, o bem-te-vi, o beija-flor, a borboleta amarela e o Jóia, a voar.

Jóia, com seu rabo em hélice e suas orelhas, finalmente, espetadas em asas, aerodinâmicas, a dar-lhe leveza.

Quando voltou, depois de algumas horas, bebeu um pouco de água – pois arfava –, comeu um pouco, bebeu mais água e foi deitar-se em seu tapete. Uma espreguiçada, um rolar as costas entre as almofadas, um olhar direto em seus olhos e, entre piscadelas, dormiu.

Foi sonhar.

O russo Wladimir

O russo Wladimir

Toda segunda-feira arrasta-se. Dia desajustado de tempo, sem vontades. Nunca abro os “bloquetos de cobrança” – como define meu caixa-rápido – ou “faturas de compras” nas segundas-feiras. Esta se arrastou incólume. Anoiteceu.

Novela das oito nova, ainda não reconheço seus personagens, não conheço sua trama, resolvi assistir a ela. Falcatruas, vaidades, performances à exaustão; e Wladimir, “O” bombeiro. É “O” maiúsculo mesmo. Loiro, olhos verdes, porte atlético – o ator é capoeirista – e, simplesmente, um belo exemplar masculino. Para completar o perfil, chama-se Wladimir. Wladimir é “*grande pelo seu poder*”. Tal qual o bombeiro de olhos verdes.

Wladimir foi meu monitor de Física, quando acreditei na possibilidade de ser arquiteta sem cursar as disciplinas “Física” e “Cálculo I e II”. Resolvi enfrentar uma a uma para acostumar-me. Comecei com Física, pois um arquiteto precisa conhecer os caminhos da luz. O conteúdo era “ótica”, que se revelou possível. Seduzi-me pelo livro flexível, de edição caprichada em papel *couchet*, capa elegante, verde-azul, com título escrito em letras brancas e esguias: FÍSICA. Orgulhava-me portar objeto tão estético, elegante.

As aulas – para todos os alunos de todos os cursos que exigiam Física – eram ministradas em anfiteatros e as turmas assistidas por monitores. Meu monitor, Wladimir, assemelhava-se a Clark Kent: super-homem, todo certinho. Isca protética de minha rebeldia sem-cause. Era tímido e compacto.

Desistiu de mim assim que o conquistei.

Wladimir “Clark Kent” conviveu com Wladimir Iliach e foi desaparecendo até sumir por completo por 30 anos; Wladimir bombeiro o reencontrou e resgatou.

Wladimir Iliach permaneceu e ajudou-me a descobrir o mundo e ter causas para lutar. Visitei reuniões e porões. Visitei uni-

versos – cada um contido em um – e abandonei todos, uns pelos outros, em frequência de dízima periódica.

Não abandonei Wladimir Iliach – dediquei-lhe convicções, cautelas e um modo novo de estar no mundo – mas segui só. Iliach, contudo, está na estante, nos textos de muitos livros que formam meu acervo. Algumas vezes reaparece – ou desaparece por longos períodos.

Agora que apareceu o bombeiro Wladimir, percebo que tenho meus Wladimires, inolvidáveis. Fez-me bem o bombeiro, pois viajei ao passado, reconheci mais alguma poção do que me compõe e me forma neste hoje. É mais uma tessela de meu mosaico.

Fato raro, dormi bem.

A semana fluiu tensa, repleta de tomadas de decisões, compras, dúvidas, inseguranças. Trabalhamos muito e acreditamos estar com todas as providências sanadas.

Nova semana começando, acordei sabendo que teria uma segunda-feira atípica, marcada pela ansiedade de estar prestes a comemorar uma grande conquista: a atualização de nossos equipamentos, que se arrastava por dois longos políticos e burocráticos anos. Foram tantas as tentativas, os argumentos, que desta vez parecia impossível acontecer sem problemas. Verdade seja dita, alguns problemas já emergiam, mansamente, anunciando-se.

Não nos importavam pequenos detalhes, pois cruzamos a fronteira do “não-ter-nada”: conseguimos as atualizações que pedimos. Faltavam alguns pequenos alinhamentos entre todos os equipamentos e – pronto!!! – problema resolvido, podemos trabalhar.

Mal sabíamos o quiproquó: naufragávamos kurskinianamente...

Compramos o que a empresa autorizada relacionou: nossos programas de trabalho e um sistema novo para operá-los. Não foi uma compra barata.

Os problemas apareceram na instalação: cada programa operava em um sistema – nós compramos apenas um. Depois de alguns conflitos, conseguimos a instalação grátis do outro sistema. Agora, sim!...

Não, agora não. O técnico, um simpático estudante de engenharia, sabia tudo – até ali.

E nós?!... Perplexos marinheiros do Kurski.

Naufragar segunda-feira é covardia: não há tempo maior que esperar a próxima segunda-feira. A semana pesa feito concreto, existe tempo sobrando para surgirem problemas e mais problemas. E, problema maior, é criar o artifício para justificar gastos imprevistos.

A água gelada do Mar de Barents a molhar nossos pés.

Ainda estávamos como “baratas tontas” quando ouvimos uma voz perguntando algo. A secretária chamou-me e indicou um homem que acabara de chegar. Nossa sala estava agitada, não sabíamos que fazer e, em meio ao burburinho, fui ver o tal homem.

Olhei-o e me surpreendi com sua bela e alinhada presença. Vestia calça e camisa verde oliva (riscada com vermelho), elegante, esbelto, a cor espessa de seus olhos verdes, qual caldo de cana. Dia seguinte, vestindo azul, os olhos tornaram-se azuis. A cada dia vestia e olhava um tom.

Esse homem apresentou-se dizendo (com sotaque de não sei qual idioma) saber o problema de nossos equipamentos e estava ali para ajudar-nos.

Assim mesmo: caiu do céu.

Cativada por sua “divina” e simpática aparição, marcamos para as 9h da manhã do dia seguinte, terça-feira. Guardei a curiosidade e fui dormir leve e cheia de encantamento por essa presença masculina tão bonita – meu salvador!

Pontual, lá estava ele, totalmente azul, sorriso amigo, amplo, falando o português limpo, concordâncias perfeitas, com seu ainda desconhecido sotaque.

Sentou-se em frente à máquina e buscou sua estrutura, em silêncio. Muitas vezes o vi com o indicador cerrando a boca, testa franzida; outras vezes o via trazendo tudo à superfície da tela – sorte igual não tiveram aqueles pobres náufragos.

Eu, qual satélite, lançava olhares de todos os ângulos da sala, tentando decifrar a geografia que ele percorria.

Em nossa sala, temos um cafezinho para oferecer, e todos gostam de ficar ali, diante daquela janela panorâmica, tomando um café, batendo um papo, olhando os vários verdes que possuímos nesse pedaço de mangue-e-montanha tão elegante do Brasil.

Ofereci-lhe um cafezinho, declinou. *Água?... Não, obrigado.* Sem saber o que fazer, porque não estava fazendo absolutamente nada, perguntei qualquer coisa – essas perguntas que fazemos quando só obtemos “não” como resposta e nos sentimos completamente sem-graça. Continuei comportando-me igual satélite até não aguentar de tanta fome. Precisava perguntar-lhe se iria continuar imóvel, nem as pernas descruzar, até quando. *“Pode ir almoçar”, “Se permitir, fico aqui”.*

Não, não!... Sem problema!... Pode ficar. Encomendei uma comida, já deve estar chegando.

Desde as 9h da manhã até aquele momento – 12h, hora do almoço – não o vi em momento algum, trocar a perna que estava descansando sobre a outra, pela outra.

Retornando do almoço, ofereci café e água. Declinou e continuou, dedo indicador cerrando a boca, testa franzida e emitindo algumas observações sonoras que me trouxeram a perguntar se estava tudo bem.

Estava tudo bem, e seguimos assim: eu já escondida, esperando o momento que ele sairia daquela cadeira e voltaria à vida; e ele, cheio de bondade divina, sem perceber-me. Chegamos às 5h da tarde.

Eu já havia almoçado, tomado inúmeros cafezinhos, bebido inúmeros copos de água, muitos biscoitos e conversas. Mas nunca pensei que um texto meu ficaria em segundo plano para mim mesma. E ficou, porque não soube o que fazer com aquele homem que não permitiu meu almoço. Depois, bem depois, fiquei sabendo que ele alimentou-se apenas de frutas quando estive na Chapada Diamantina.

Voltei do almoço, feito na confortável cozinha que temos em nosso pavimento dentro do prédio da administração central, mas comido às pressas, para não deixar meu salvador sozinho. Entrei na sala, ofereci cafezinho, água – nada queria. *Obrigado.*

Dedo indicador cerrando a boca, pernas cruzadas, algumas palavras balbuciadas entre os dentes e o dedo indicador que cerrava a boca; e eu, exausta!!!!

Já estamos às 5h da tarde, ele confere comigo minha disponibilidade para o dia seguinte, e se foi.

Deserto?

Ou o Mar de Barents?

Quarta-feira, 9h da manhã.

Ceguei e ele veio logo em seguida, vestindo a cor dos olhos; sempre assim, a cada dia uma cor a olhar.

Sentou-se diante da máquina e eu, já experiente, pensei estar totalmente livre para deixá-lo e lançar-me a outras atividades. Ele indicou-me a cadeira e disse que alguém teria de estar ciente do que estava fazendo, e essa pessoa era eu.

Eu?!... Foi o primeiro momento, mas sentei-me e começamos a conversar, a estabelecer um entendimento do que estava acontecendo, e eu entendi!...

Ele trouxe à superfície dois sistemas, duas portas para o conhecimento, cada uma delas operava alguns programas, e estavam todos dois em apenas uma máquina, sem conflitos. E quando esse ensinamento foi surgindo diante de meus olhos que recusaram a Física e o cálculo, senti-me amedrontada: conseguirei?...

A partir desse momento, tornei-me sua refém. Sentei-me a seu lado às 9h da manhã e levantei às 12h, tomada de sede e fome, tonta por processar tanta informação que nunca pensei conhecer. Mas estava entendendo tudo que aquele homem dizia – melhor! – via surgir na tela tudo que ele dizia, e compreendia! *Uau!...*

Sempre tive alguma dificuldade para “entender” o mecanismo automático de um programa – ou seja, algumas ferramentas SEMPRE remetem a alguma situação e, eu, cabeça sempre em ebulição, algumas vezes emburreço com força! Tive muito medo dessa específica burrice e, tenho de anotar aqui, as pessoas que convivem comigo e sabem dessa minha dificuldade, sentiram-se, algumas, preocupadas comigo, outras, risos desafiadores – ela não vai conseguir...

Eu via nos olhos e expressões das pessoas um total descrédito à minha capacidade de entendimento do conhecimento que este homem me propunha.

Adorei sentir-me desafiada.

Bom professor, pediu-me que ligasse a máquina e ativas-se um e outro sistemas. Fui desprendendo-me, sentindo que ele

não me convidaria para tal responsabilidade se não confiasse no próprio conhecimento. Além disso, todo o tempo estive anotando tudo, por recomendação dele. Fui entendendo o passo a passo e desinibindo a convivência. Comecei a perguntar.

Ele é do Uzbequistão. Estudou na Universidade Patrick Lumumba, em Moscou – um cientista russo em minha sala, que surgiu do nada para salvar-nos do naufrágio. Pobres marinheiros russos que não tiveram a sorte de encontrar este uzbeque.

Vivemos uma semana de total harmonia no trabalho, eu entendendo tudo, demonstrando os sistemas para quem ficou à espreita, e o uzbeque ria-se ao ver-me desenvolta a falar, argumentar, demonstrar seu trabalho.

De humor alegre – quando o ambiente é de descontração – relatou-nos muitas coisas de sua cultura, de sua vinda para o Brasil (lembro que li algumas reportagens sobre a chegada desses primeiros cientistas russos).

Seu nome é Wladimir.

Russo, meus Wladimires materializados. Um autêntico Wladimir.

Estive todo o tempo observando seu comportamento e percebi que ele não aceitava café, biscoito, água, nada!... Essa situação durou quase a semana inteira, quando resolvi perguntar e percebi que estava diante de um indivíduo que controla sua fome. Capaz de adaptar-se ao ambiente, ele pode alimentar-se apenas com frutas silvestres.

Até então, agradava-me surpreender-me com suas peculiaridades.

Meu olhar mudou quando soube que estava diante de uma pessoa que não bebe água.

Imediatamente lembrei-me duma amiga que, quando visita minha casa, usa todos os copos possíveis e os deixa pelo caminho, tanta água bebe.

Passei a lançar-lhe olhares analíticos – ora mirava sua pele, procurando sinais de falta de água, ora seu rosto, suas rugas. Algumas vezes, pensava ser impossível estar sentado na mesma posição por longo período, sem ter água a lubrificar o corpo.

Ele nunca foi ao banheiro!

Wladimir, russo, cientista, sem fome, sem sede.

Salvou-nos do naufrágio, sem uma gota de água.

Os marinheiros do Kurski, russos, não tiveram a sorte de não ter fome, não beber água.

Tristes Wladimires do Kurski, imortalizados pela água.

Os Júniors

Os Júniors

Todos conhecemos algum “Júnior”. É comum em famílias onde os homens dominam a história familiar de maneira a obscurecer a forte personalidade das mulheres que as constitui. Geralmente, são mulheres que dominam o “cuidar” da família, tornando-se as mães dos “Júniors” – para seu orgulho e altivez! – permitindo-se ceder nesse detalhe que reafirma seu homem: o nome de um dos filhos.

Sou vizinha de uma família de “Júniors”. Essa convivência possibilitou-me descobrir nuances em cada um deles. A família é grande, vários filhos homens, belos filhos.

É um sobrado ao pé do morro, onde a avó, mãe de alguns pais e mães de Júniors, une o clã, sabendo que cada Júnior é o Júnior, seu neto. Já tem bisneto Júnior!

Tive sorte de estar com três desses Júniors, numa conversa frouxa, sem rumo, em minha casa. Uma hierarquia de Júniors, chamando-se “Júnior”. Cada um deles sabe que Júnior é.

Depois dessa conversa, participei de uma reunião familiar onde todos têm “Júniors”.

Perplexa!...Todos falavam de seus Júnior, cada um sabendo qual Júnior é o seu, qual o Júnior da irmã, do irmão, da tia ou da prima que viria, mas não veio porque o pai foi internado às pressas com suspeita de dengue hemorrágica.

Alguns Júniors chegaram da praia.

Muito calor, cerveja, churrasco e um bom chuveiro ao lado da piscina.

– Júnior!... Diz prô Júnior trazer a bola!

– Ele não’táqui, não!... Quem chegou foi Juninho!... Vou pedir pra ele levar!

– Tá bom!.... Diz pra ele avisar ao Júnior que a tia Lita ligou, pedindo pra avisar que o Júnior só chega amanhã e vai trazer a prancha de Júnior.

Alguma coisa despertou dentro de mim uma suspeita investigativa – saber o nome dos pais dos Júniors.

Pensei objetivamente que deixar-se chamar Júnior, dentre tantos Júniors, seria segredar um nome impessoal, não seu, um nome de outro. Como posso ter o mesmo nome de meu pai, sem que saibam que eu-sou-eu-e-ele-é-ele?!... Serei Júnior!... Mesmo que meu pai tenha um nome que me agrade, que eu gostaria de ter, serei Júnior!

Meus amigos Júniors, que sorte serem Júnior!... Não gostariam de ser conhecidos pelos nomes dos pais (pobres pais!... Imbuídos da junção dos nomes dos avós imigrantes, fortes pilares desta terra!, ou de alguma sonoridade hollywoodiana, muito apreciada à época). Impossível ser jovem com esses nomes – melhor ser Júnior.

Investiguei seus pais e descobri o quão fascinante é a possibilidade de ser Júnior!... É a melhor, a mais elegante maneira de ter um não nome – um impossível nome!

Hoje estive com Júnior que me alegrou dizendo que Juninho está bem e estive com Júnior, que também está bem, recuperado de uma aventura onde ele e Júnior quase perderam o avião porque Júnior chegou ao último momento possível para o embarque e se esqueceu onde havia deixado as passagens – que Júnior encontrou na mesa da casa de Juninho, e veio correndo trazer!

Por que invejar Yuri Gagarin?

Por que invejar Yuri Gagarin?

Quando ele deu a volta em torno do planeta, foi o despertar, dentro de mim, da aventura maior – encontrar o infinito, o não visto, o silêncio do que está por revelar-se. Yuri Gagarin, dentro daquela minúscula cápsula, executando o céu. Até então, a lua era a lua, os planetas eram os planetas, estrelas, estrelas – todos lá, observados por nós. Sem nós. Gagarin foi. Viu e disse: “A terra é azul!”

Dentro de mim, esse azul tornou-se a imensidão do universo – eu olhava para o céu e via o ar azul de Leonardo, deslumbrada, invejando Yuri. Imaginava Yuri entrando naquela cápsula onde apenas ele cabia e nutria-me de sua coragem, para enfrentar todos os obstáculos, todas as escuridões, alimentada com seu azul.

Leonardo já havia dito que o ar é azul, mas não viu o ar de lá, tão longe, onde foi Yuri.

Leonardo não precisou sair de dentro de si para ver o que está tão longe, lá fora do planeta.

Dono da genialidade, intuiu, construiu, vislumbrou, visionário, a contemporaneidade em várias de suas formas e viu o ar. Disse que é azul. Demonstrou. Yuri o comprovou vários séculos depois.

Eu, deslumbrada com esses homens tão incomuns, tenho os dois dentro de mim.

De Leonardo, tenho a intuição, a construção, sou visionária. Não saio de dentro de mim, não descobri nada. Mas conheço várias das formas da contemporaneidade. Exercito Leonardo, olhando as montanhas ao longe e tentando descobrir a que distância está uma da outra, tal a intensidade de seu azul.

De Yuri Gagarin, tenho a coragem deslumbrada de olhar para ele mergulhando naquela maior aventura do ser humano e pensar – “eu vou!”. Acompanhei sua aventura com total dedicação e perplexidade – eu estaria ali!

Leonardo não experimentou a tecnologia, ele a concebeu em várias criações, sem lograr executá-las com a força de sua contemporaneidade. Por isso, sempre pensei ser Yuri o homem que mais longe foi – não por genialidade, mas por oportunidade e capacidade, não existentes no mundo de Leonardo. Yuri confirmou Leonardo.

Até ontem à noite, invejava Yuri.

Tudo bem, ele tirou seus pés do chão, ele saiu de nossa atmosfera, foi ao espaço.

Eu fui à França. Caminhei pelo bar e outras salas do Clube de Golf de Vaureal, perto de Paris.

Estive ali, sim, presente, vendo as pessoas dançando, conversando, e eu caminhando pela arquitetura do Clube. Sentada aqui em minha minúscula sala de trabalho.

Mas estive ali na mesma hora que estavam as pessoas – falei com elas.

Estive ali virtualmente, porém levada por suas mãos em concha a abrigar-me e conduzir-me pelas salas do Clube.

Nem sei descrever a sensação de estar em lugar onde não estou, mas estou e estão comigo. Estive percorrendo salas e corredores no Clube de Golfe de Vaureal, próximo a Paris, dentro de suas mãos.

Era madrugada, estava frio em Paris e em Vitória.

Você bebia champanhe e eu cerveja.

Estávamos juntos – você em Vaureal, perto de Paris e eu em Vitória, uma pequena ilha do Atlântico Sul.

Sadam

Sadam

Peculiar a vida de quem tem como lar a caixa de uma geladeira, transformada em veículo para trabalho, cama, endereço. Tudo que possui aí transporta, dorme, muda.

Errante, livre, alienado, marginal, quem é?

No bar, diz-se que veio fugindo lá-de-não-sei-onde, porque matou o amante da mulher e a família não o apoiou, escorraçou-o. Desgostoso, fugido, escondido, veio a dar aqui, neste bairro pequeno, tradicional, onde todos são parentes e todos vivem o mangue.

Não sei como conseguiu a caixa de geladeira, seu ponto de partida para a conquista de um pedaço de solo, a construção, a referência, por meio do trabalho transformador.

Dizem que matou o amante da mulher com um pedaço de pau. Vários golpes, um sofrimento. Alguns meses atrás, quando ainda dormia na rua, em frente ao bar do Fernando, bebeu e brigou com o Índio – um pobre alcoólatra que conheci quando ainda jovem e viril. A briga foi tão rude que ele atingiu o Índio com uma barra de ferro, bem no meio da cabeça. O Índio foi hospitalizado, ficou muito mal, e ele precisou proteger-se – ficou com medo. Foi ser meu vizinho. Ele e sua caixa de geladeira, no quintal, embaixo do telhado aberto ao lado da garagem.

Nos primeiros dias, vinha apenas para dormir.

Alguns dias depois, roupas lavadas penduradas no varal, uma vassoura limpando o entorno da garagem, ele alimentando os gansos com as verduras do fim de feira que trazia em seu carro caixa de geladeira.

Tornou-se amigo dos gansos. Quando um quintal tem gansos – 6, neste caso –, está seguro de invasões. Para entrar, é necessário ter a confiança deles. Sadam os conquistou e os gansos andavam atrás dele quando chegava a qualquer hora.

Pressenti uma tênue mudança na organização do quintal, antes silvestre e totalmente livre para as árvores, a galinhada e os gansos.

O telhado já não estava mais totalmente aberto, com algumas pequenas placas de sobras de construções, alguns pedaços de papelão, e o fundo do barco de meu amigo (guardado temporariamente ali), formaram duas meias-paredes, em forma de L. Achei interessante como este homem aproveitava-se do espaço vazio ao seu redor e construía e solidificava seu endereço.

Passados alguns dias, assustei-me ao chegar do trabalho e encontrar uma cerca dividindo o quintal. Uma cerca precária, com grades de madeira para embalagem encontradas numa firma de exportação aqui perto.

O quintal agora são dois quintais: um é a porta de entrada do endereço de Sadam; o outro, seu quintal.

Quando o Campeonato Brasileiro de Futebol aproximou-se da reta final, lá pela metade do segundo semestre, fizemos um churrasco para assistir ao jogo do Botafogo (jogo importante para definir a posição de vários times). Vimos uma luz avermelhada e grande vindo da garagem – era uma TV de 29 polegadas!

Lá estava Sadam, com sua camisa de botafoguense, confortavelmente assistindo ao jogo de seu time de coração!

Admirei-me com o potencial de dominação, determinação, objetividade que vi nessa pessoa e pensei “ele está dominando o quintal”.

Durante o dia, a TV ficava escondida; e à noite, aquela luz vindo da garagem proporcionava a visão insólita do quintal com um clarão vermelho no escuro entre as árvores.

Dias depois, a TV já estava totalmente protegida e em local definitivo, entre algumas placas cuidadosamente dispostas para formarem um armário.

As coisas começaram a mudar quando Sadam veio chamar-me para responsabilizar-me por algumas pessoas, amigos da dona do quintal, de seus filhos e meus, que sempre estavam por ali, sentados, procurando frutas, conversando, acusando-os de atos ilícitos e esbravejando com muito ódio.

Fiquei assustada com esse homem e compreendi que ele é, sim, capaz de atos violentos. A partir desse momento, passei a observá-lo com agudeza de detalhes.

O quintal, antes livre, estava cheio de caminhos desenhados pelo ir-e-vir de seu andar manco, uma perna a desenhar, arrastada, o risco do caminho percorrido a alguns pontos definidos.

A comida farta dada aos gansos, composta de restos de feira, estava mais próxima de minha janela, e emanava um odor acre, fétido, de decomposição.

Quando ele dividiu o quintal, também definiu uma área para os gansos e esta área é bem próxima à minha janela. A galinhada andava livre e os gansos na parte do quintal junto ao muro.

Sucatas apareceram: um montinho aqui e outro ali, espalhados pelo quintal. Camas quebradas, restos de computadores, galões de plástico, e seu espaço ficava cada dia mais estruturado. Ele já não dorme no carrinho caixa de geladeira – tem colchão, TV, e paredes formando uma porta; ou seja, possui um quarto abrigado para dormir.

Certo dia, percebi que tomava banho em seu quarto com um balde e uma garrafa de plástico cortada usada como caneco; banhava-se tranquilamente.

Deduzi, acertadamente, que a porta de entrada para seu quarto era também seu lavatório. Assisti vários banhos seus, observando da minha varanda.

Até este momento, nossa convivência era tranqüila, pois sua presença no quintal transmitia-me segurança.

O tempo foi passando e a sucata foi aumentando, tomando conta de todo o entorno da garagem e grande parte do quintal. As árvores, soberanas, começaram a desaparecer, dando lugar a mais sucata. O quintal diminuiu, ficou feio, sujo, malcheiroso. A dona, radiante, apoiando qualquer idéia maluca desse homem, permitiu que ele construísse um galinheiro pequeno, fechado, escuro, insalubre, para a galinhada que vivia espalhada ciscando, fazendo ninho aqui e ali... Pobres aves. Pobre de mim, porque construiu esse galinheiro junto ao muro e bem próximo à minha casa. Dessa maneira, estavam transferidos para bem perto de mim os restos de feira para os gansos e o galinheiro. Quando o sol insistia em queimar com seu forte calor, eu fechava a janela de meu quarto para não respirar os odores fortes vindos dessa combinação insalubre e fétida.

Sadam encontrou um grande amigo. Um homem negro, magro e silencioso passou a frequentar seu quarto durante as noites.

Poucos dias depois, os dois amigos já entulharam o quintal com tanta sucata que o quintal sumiu.

Sadam comprou uma geladeira. Instalou também uma lâmpada, bem no centro do telhado. Agora não possui um quarto e um lavatório – mais para dentro da garagem, está a geladeira e algo servindo de mesa (talvez um fogão com a tampa fechada). Não consigo observar plenamente, porque seu aposento tem mais um cômodo: agora é uma casa.

Dia desses, estava construindo outro cômodo junto ao muro. Pensei: será que vai confinar os gansos também?

Depois que construiu esse outro cômodo, comecei a sentir outro cheiro a dominar o ar – cheiro de latrina! Um cheiro tão insuportável, tão desesperadamente irrespirável, que fechei todas as janelas e acendi um incenso.

Não entendendo cheiro tão forte, voltei ao meu posto de observação e via quando foi até lá, no cômodo, e depois voltou, com uma lata grande, foi até um determinado ponto do quintal, voltou para o cômodo, e fez o mesmo percurso três vezes, enquanto o cheiro de latrina dominava o quintal, bem perto de minha janela.

Ratos e baratas proliferaram, a galinhada confinada, eu acuada pelo espanto.

Procurei a dona do quintal, expliquei a situação, ameacei trazer a Saúde Pública, e pouco a pouco o ar foi voltando a cheirar a fim de feira outra vez.

Com o quintal dominado, começou a matança da galinhada. Uma a uma foram emitindo seus gritos esganiçados e eu as via morrendo pelas mãos de Sadam e seu amigo, facas nas mãos, depenando as pobres e antes tão livres galinhas, uma a uma, em uma mesa improvisada bem pertinho de minha varanda.

Mataram todas as galinhas. Aquela cantoria, o ciscar, o anúncio cantado da postura do ovo, a gritaria para anunciar o galo, tudo isso passou, acabou.

Só restaram os gansos, uma galinha d'Angola e o galo.

Nunca mais senti o cheiro fresco que emana das árvores.

A grande pergunta e outras histórias

MARIA APPARECIDA S. COQUEMALA

Professora graduada em Letras pela PUC, Campinas, SP. Especializada em Linguística. Pedagoga. Cronista de O Guarani, jornal de Itararé, SP, cidade turística onde reside. Autora de poesias, crônicas e contos premiados no Brasil, Portugal e Itália. Através de concursos, premiada com a medalha Harry Laus, pela UBE, Rio, 2007, com A Gruta Azul, 2º lugar; e pelo Governo da Paraíba, com À Espera, 1º lugar, ambos coletâneas de contos. Contatos são bem vindos (maria-13@uol.com.br).

A grande pergunta

A grande pergunta

- *Tenho uma pergunta a lhe fazer, Mestre.*
- *Pois faça, Menina. Terei prazer em ajudá-la.*
- *Tentei eu mesma encontrar a resposta por meio dos meus conhecimentos. Não consegui.*
- *E que conhecimentos são esses?*
- *Todos que venho adquirindo desde que entrei na escola.*
- *Seja mais exata.*
- *Desde meu nascimento.*
- *Falta ainda exatidão na sua resposta.*
- *Tem razão, Mestre, pois hoje se sabe que já aprendemos na vida intrauterina.*
- *Pense, pense mais.*
- *Ah, Mestre, lembrei-me de Darwin, de nossa procedência dos macacos. Certamente herdamos muito conhecimento deles, embora guinchar e pular entre as árvores não sejam habilidades minhas.*
- *Vamos, pense mais.*
- *Certo, Mestre, macacos não surgiram por geração espontânea. Sei que provêm de outros seres vivos, numa regressão em cadeia que chega às algas na sopa primordial. Melhor dizer então que meus conhecimentos começam com as algas.*
- *Melhorou, mas...*
- *Ah, de fato, também elas, as algas, não vieram do nada. Nada não há conforme li faz poucos dias. Há sempre alguma coisa nos espaços que supúnhamos vazios. Quem sabe aí a explicação para a existência das algas.*

– Pense, pense, pense.

– Bem, acabo de me lembrar de Karl Sagan, o grande astrônomo americano, divulgador da Ciência, professor da Universidade de Cornell, somos feitos da mesma poeira das estrelas. Corrijo, pois, Mestre, para “desde meus conhecimentos vindos da poeira das estrelas”.

– Continue.

– Ah, Mestre, também essa poeira não surgiu do nada. Conforme acabei de dizer, nada não há. Ela surgiu da energia produzida pela explosão da partícula inicial, o Big Bang.

– Depois?

– Bem, segundo se comprovou recentemente no Cern, aquele túnel-laboratório entre a Suíça e a França, somente têm massa as partículas que passam pelo chamado Campo de Higgs e interagem com ele. Campo que se estende pelo universo inteiro. Todas as partículas originalmente não possuíam massa. Quando o universo esfriou depois do Big Bang, criou-se esse campo que dá massa às partículas. Daí as estrelas, das quais somos todos filhos e às quais voltaremos.

– Depois?

– Depois? Ah, claro, claro, essa partícula inicial que explodiu, a do Big Bang, pode representar não o início do nosso Universo, e, sim, um recomeço.

– Prossiga.

– Prosseguir?? Entendo. Lembrei-me de Lavoisier, na natureza nada se cria, nada se perde... Etc. Essa partícula também não veio do nada, veio de algo. Algo a perder de vista na infinitude do tempo pregresso. Foi talvez aí que meus conhecimentos começaram.

– Só?

– Só??? Ah, claro que não. Meus conhecimentos talvez sejam captados também, em ignotas paragens a que conscientemente não tenho acesso.

– Está quase bom.

– Quase????!! Bem, segundo alguns teóricos, o Universo não existe, tudo o que pensamos existir nele são imagens que o cérebro cria manipulando os sentidos. Ufa!!!

– Está bem, Menina, já sei o suficiente sobre a origem de seus conhecimentos. Diga, pois, qual é a pergunta para a qual não encontra resposta.

– Que pergunta?

– A que me pediu que respondesse.

– Ah... Pois não é que me esqueci, Mestre.

A mulher e seu *Ipad*

A mulher e seu *Ipad*

Aos poucos, o que parecia a todos apenas entusiasmo dela, mulher inteligente e culta, por mais uma novidade tecnológica, foi revelando-se algo mais, muito mais do que simples entusiasmo: submissão, total submissão ao pequeno *Ipad*, aparelho de fácil manuseio, preço acessível, que lhe permitia não apenas comunicar-se com parentes e amigos por intermédio de *e-mails*, mas, também, a qualquer momento, fotografar, estar em contato com todas as redes sociais, pesquisar, acessar as mais variadas leituras de obras científicas e artísticas, revistas e jornais, ouvir música popular ou clássica, gravar conferências, agendar, funções que ele cumpria muito melhor do que seu PC de mesa ou *notebook*, dada a sua fácil portabilidade. Enfim, um aparelho relativamente barato, funcional, rápido, excelente meio de comunicação. E, justamente por tais características, passou a tê-lo consigo aonde quer que fosse, onde quer que estivesse.

Nas viagens, frequentes, quase todo final de semana, acompanhando o marido, por vezes também com as filhas, desaparecia o tédio da era *pré-Ipad*. Com ele, o tempo, voava... Podia-se vê-la rindo, conectada com amigos, fotografando a paisagem, conferindo contas bancárias, preparando aulas, lendo piadas, conversando numa rede social; o pequeno aparelho isolando-a da família que, absolutamente, não se importava, ele, marido, atento à estrada; elas, as meninas, entre risadas e cochichos sobre namorados, afinal, eram adolescentes. Almoços dominicais – sempre deliciosos, dado o gosto dela por cozinhar, almoço que ela mesma preparava com a família e, com frequência, alguns convidados – eram também comandados pelas receitas no *Ipad*. Almoços esses antes preparados entre risadas, piadas, troca de informações sobre o trabalho, a vida social etc. Não mais, pois, acompanhada de seu *Ipad*, pouca atenção lhes dava agora. Convidados que, com o passar do tempo, continuavam comparecendo, sim, com muito gosto, mas, em geral, aproveitavam a piscina, se o tempo permitisse, ou conver-

sando entre si, respeitando, assim, a preferência dela por seu *lpad*, conscientes de que não estavam à altura de lhe fazer concorrência. Servido o almoço, *lpad* ao lado do prato, sempre nele mergulhada – enquanto os demais, comiam, elogiavam os pratos e conversavam entre si – participava das conversas com neutras concordâncias e discordâncias, perdendo, desse modo, o teor das conversas, ninguém se importando, sabiam que o mundo virtual podia ser muito mais interessante que o real.

No trabalho, lá estava o companheiro *lpad* na sala de aula, alunos resolvendo as tarefas propostas, também com seus *lpads*, que ela doava a quem não pudesse adquirir. E a comunicação fazendo-se frequentemente por meio deles, *lpads*.

Com o transcorrer do tempo, as meninas foram para longe, Inglaterra e França, levadas por suas bolsas de estudo, enquanto o marido se tornava mais absorvido pelo trabalho, acabando ela e seu *lpad* por se tornarem inseparáveis noite e dia, a ponto de não se afastar dele nem para dormir, nem para o banho, acontecendo um dia, distraída, de tê-lo ensaboado, mergulhado em água morna, reconfortante, mas que acabou na morte dele, atacado por invencível mofo verde. O que não foi um drama, de jeito nenhum, outro o substituiu com muitas vantagens, mais rápido, com novos recursos, endereços, entretenimentos... De curta existência, dado que numa noite, posto a seu lado na cama, como se tornara seu hábito, rolou sobre ele e... Deixado no lixo, sem memória, peças espalhadas, ele o recolheu, apertou-o ao peito, um pobre funcionário público, tendo ainda como instrumento de trabalho uma velha máquina de escrever, lerda, barulhenta, peça de museu. Um novo *lpad* foi adquirido.

Meses rolaram, um dia, a mulher não foi vista em casa. Nem no trabalho. Não estava em parte alguma. Muitos a procuravam: filhas, marido, parentes, colegas, detetives, Polícia... Em vão. Nenhuma pista. Seu *lpad* abandonado sobre a mesa do escritório era uma triste lembrança.

Semanas depois, a filha mais velha voltou para casa. Viu o *lpad* da mãe, mãe que ela tanto amava. Conectou-se. E lá estava ela, sorridente, braços estendidos, *venha, querida, venha, venha...*

Aflita, desequilibrada diante da impossível cena, martelou-o até reduzi-lo a pedaços, que jogou na lixeira. Mas pedaços que lentamente se reuniram e se reintegraram. Nada contou a ninguém. Escritora, talvez um dia escrevesse um conto narrando o aconteci-

do. Que classificaria como *conto-fantasia*. Ninguém acreditaria se escrevesse como história verdadeira.

Encontrado pelo jardineiro na manhã seguinte, foi deixado na biblioteca.

Dias depois, deu-se o retorno da filha mais nova. Viu por acaso o *Ipad* da mãe, sentiu falta dela, tristeza... Quem sabe um seqüestro, a exigência de resgate de repente chegando... Ligou o aparelho e... Atônita, viu a mãe acenando-lhe, *venha, venha, venha para cá...* Não acreditou nos próprios olhos, benzeu-se, calou-se sobre o acontecido, ou seria tomada por louca, quem sabe internada, aquilo era coisa do capeta, roubara sua mãe, melhor ficar longe dele.

Quanto tempo se passara desde que sua mulher desaparecera sem deixar vestígio? Um mês apenas no calendário comum, porém longo, incontável, sofrido tempo no calendário da saudade... Viu o *Ipad* na biblioteca, tomou-o entre as mãos, alisou-o como se a acariciasse. Quase inconsciente, ligou o aparelho, quem sabe atenuar a dor da ausência... E a viu, acenando, *venha, venha...* *Neste espaço sem espaço, neste tempo sem tempo, seremos apenas o que quisermos, traremos nossas filhas, aqui seremos todos felizes... Venha, muitos já aqui estão, milhares virão em breve...*

Não titubeou. Estendeu-lhe a mão e... Arrancou-a do *Ipad*, o qual se despedaçou.

No dia seguinte, a mulher adquiriu um novo *Ipad*

Dilema

Dilema

O drama começou quando, envelhecidos os três, o problema surgiu e a solução exigiu alterações drásticas no ambiente doméstico, gerando conflitos e sofrimento. Não que tivessem doença incurável ou alguma forma de demência ou deficiência física. Mesmo com as limitações da idade, a vida deslizava serena, todos mais sensíveis, mais recolhidos ao lar, mais próximos entre si.

Quem eram eles? Um casal e um gato, Dito Guimarães Rosa, o sobrenome deste, uma homenagem ao escritor famoso. Idosos, quase oitenta anos, não o gato, claro, Dito andava por volta dos treze. Sem raça definida, fora abandonado um dia na garagem da casa. Era tímido, dócil, sensível ao mínimo agrado. Foi envelhecendo e ganhando a especial afeição do dono, não da dona, que não o ignorava, mas não com o mesmo afeto do marido. Envelheciam os três, ajudados pela funcionária doméstica, já considerada da família, tantos os anos na casa, expectadora sensível das alegrias e tristezas de todos, gente e gato.

E eis que no ambiente de perfeita concórdia, surge o tsunami arrebatador.

Um montinho de cocô apareceu de manhã no tapete da sala. Culpou-se Rabicó, um gato pensionista e o expulsaram. Não passava pela cabeça deles ser Dito o autor da afronta. Mas era. E apesar de toda a vigilância, esgueirava-se e diariamente lá estavam as fezes no tapete. Tapete grande, já adquirindo cheiro de mofo por força das lavagens. O cheiro do cocô, imperceptível aos humanos, certamente não era para Dito, tendo já gravado na mente ser ali sua especial privadinha. Concluiu-se, porém por sua inocência, retirou-se definitivamente o tapete da sala e... O cocô continuou, agora em frente ao piano. E Dito passou a ser posto a dormir fora de casa, em lugar confortável e seguro.

Mas aconteceu naquela manhã sem que se soubesse por quê. Após a noite mal dormida pela dor nas costas, a mulher foi à

cozinha. Ao entreabrir a porta, Dito entrou feito um raio. Não se preocupou, por certo estava desafojado depois da noite fora. Preparou o desjejum. Mesa posta, sentiu o cheiro expandindo-se pela casa... E lá estava o montinho de fezes em frente ao piano.

Acordou o marido, que o mimava demais. Entendia os mimos, também se compadecia do animal, percebia suas limitações, porém aquilo ultrapassava qualquer tolerância. E daí o rápido arrancá-lo da cama, exigir que fosse à rua ainda de pijama pegar areia numa construção próxima, varrer tudo, limpar, desinfetar... O problema, ela pensava na sua ira, não estava no gato, estava nele por mimá-lo tanto. Agora: ponto final! Era ela ou o gato. Escolhesse. Fosse o caso, iria para outra casa, talvez outra cidade, viveria a seu modo.

Marido que não acreditava que tais ameaças se cumprissem, sabia quanto ela se compadecia do animalzinho, como sabia das suas dores na coluna. Por certo, tinha boas razões sua mulher, com quem estava casado por mais de cinquenta anos, digna, bonita ainda, mas... E Dito? Tão necessitado de cuidados no fim da vida quanto ele próprio, alquebrado, precisando de ajuda, de compreensão, colocado agora como responsável pela delicada situação. Viver não era fácil, mas nunca fora tão difícil. Que fazer?

E naquela tarde, enquanto a mulher fazia compras, ele, que havia tempo não dirigia, tirou o carro da garagem, colocou Dito no banco traseiro bem ajeitado em sua caixa de transporte, juntou o essencial para a sobrevivência de ambos e dirigiu-se à rodovia. Que se cumprisse a vontade dela. A escolha estava feita.

Everest

Everest

No último ano do colegial, formavam uma turma de adolescentes brincalhonas, extrovertidas; no geral, ótimas alunas. Já os colegas, nem tanto. E vítimas das brincadeiras delas, das provocações, mas, quase todos, eles e elas, amigos entre si.

Naquele dia, mal entrei, senti a tensão na sala. Como se alguma coisa fizesse subir a temperatura. A emoção estava na cara das meninas. Então o vi entre os rapazes, um astro brilhando no meio da noite escura, de modo a ninguém deixar de ver. Alto, grandes olhos azuis, cabelos escuros encaracolados, atlético, ar de quem se sabe o bendito fruto entre as meninas, amém. E logo se revelando bom aluno. O pai, juiz, tinha vindo transferido para a cidade. O fato de falar também inglês e espanhol aumentava o charme. O assédio era explícito, as meninas suspiravam...

– Por que unzinho, se são tantas as nossas carências? Piedade, Senhor...

Ele se divertia, brincava com todas, poderia namorar quem quisesse.

Entre as meninas, uma não brincava, a Jô: tímida, nada bonita, a Patinha Feia, como diziam as meninas, entre si. E nem sequer uma aluna que se destacasse. O destino irônico a colocara ali entre as alunas bonitas e brilhantes. Eu podia imaginar quanto se sentia inferior na comparação com as colegas.

E, para surpresa geral, o disputado novo aluno, o Everest, como o chamavam as colegas, interessou-se por ela. Passaram a sentar perto um do outro. No pátio, sempre juntos. Saíam da escola de mãos dadas. Receei por ela, visivelmente no auge da paixão. O que o movia? Desejo de provocar? Amor? Atração?

Eu costumava estar sempre atenta a meus alunos pra melhor lidar com eles. Troquei ideias com uma colega de minha confiança. Perguntava-se também, tão curiosa quanto eu. Um dia, as meninas me cercaram no pátio, cochichavam:

– Mestre, já ouviu falar nos zandes?

Eu não me importava com aquele valorativo, *mestra*, mesmo nunca tendo feito mestrado. Respondi que não, nunca tinha ouvido, fiquei curiosa.

– Alguns são bruxos capazes de fazer desejos se realizarem apenas pela mente. Não precisam de sal grosso, arruda, galo preto, pinga, agulha enferrujada, nada disso.

Ri delas, perguntei se havia algum zande na escola.

– Não, mestra, mas tem uma mulher zande na cidade, uma bruxa. A Patinha Feia foi lá pra conquistar o Everest, é o que todo mundo está comentando.

Brinquei com elas, chamei-as de fofoqueiras, ciumentas...

Apenas dois meses passados e o namoro acabou. Era outra agora a namorada, uma mocinha bonita de outra sala. Jô parecia arrasada. A frustração era bem visível nos olhos baixos, na indiferença, nada parecendo ter importância. A presença do rapaz na mesma sala causava-lhe certamente um grande sofrimento. Perguntava-me como poderia ajudá-la. Um dia, conversamos; e ela me confidenciou o que eu já intuía: achava-se feia, mais ainda agora que o namorado a deixara, sem qualquer razão. Everest simplesmente tinha confessado que a atração findara. Desejava-lhe sorte. Chorou ao me contar. Foi quando me lembrei da mulher zande. Não que acreditasse em feitiços, mas...

Tratei de saber quem era, disfarcei-me como pude e uma noite fui procurá-la. Fiquei surpreendida quando a vi: aquela velhinha miúda, escura, cabelos brancos, que ninava o netinho com doces palavras, não podia ser uma bruxa.

– *Vim à sua procura, expliquei, porque uma pessoa querida sofre, abandonada pelo namorado. É uma guria feia querendo um rapaz bonito, disputado por tantas outras. Não dá mais importância a nada.*

Fitou-me de um jeito severo, foi fechando devagar os olhos... Minutos depois me olhou, parecendo me repreender através da voz.

– *Não existem meninas feias. Nem bonitas. Nem homens feios. Nem bonitos. O coração, não os olhos, vê a beleza.*

Fechou novamente os olhos, balbuciava palavras que eu mal ouvia, nada entendendo, parecendo que orava. *Vá com Deus*, finalizou. E foi só.

Dei uma boa gorjeta, despedi-me incrédula quanto ao bom resultado da visita. Aquele *vá com Deus* me remetia a um sincretismo religioso tão comum no Brasil, talvez a mulher nem sequer soubesse da existência de tribo zande.

Ainda pensava nisso, quando, dias depois, soube da notícia. O pai do Everest se transferira, estavam de mudança. Surpreendente, já que juízes não costumavam permanecer tão pouco tempo numa cidade. Everest já não frequentava as aulas.

Jô foi voltando à sua rotina. E ainda hoje me pergunto se aquela transferência do juiz teve alguma relação com minha visita à mulher zande.

Golpe

Golpe

Na rua

Tudo tão rápido que só se deram conta do ato tresloucado quando o viram em chamas, uma tocha humana ao cair da noite, naqueles dias tumultuados pelas incertezas que contaminavam quase todo mundo. Atirados ao longe, os recipientes vazios do álcool que certamente entornara sobre o corpo, trágico comprovante à Polícia, não fosse ela culpar algum inocente pelo ato. Ele, só ele, o responsável por sua morte. E as inúteis tentativas de apagar as chamas, dos que correram em seu socorro aos gritos, janelas se abrindo, transeuntes se aglomerando, carros estacionando nas laterais da rua. Alguém liga aos bombeiros. O jovem padre se aproxima, reza...

Mais importante a alma do que o corpo? Pergunta-se a mulher, um dia religiosa, não mais, tantas as dúvidas, as perguntas sem respostas ao longo da vida.

Rápida, uma sirene se aproxima, alguns fotografam com o celular o corpo que arde, o espetáculo se sobrepondo à compaixão, afinal, não é todo dia que se vê alguém queimando vivo.

– *Quem era?*

Nem se tem certeza se já morreu, se agoniza, se pode ainda salvar-se, mas o verbo no passado já é um atestado de morte.

– *Não sei, certamente alguém enlouquecido.*

– *Como todo mundo.*

– *Quem sabe um coitado, cheio de chifres.*

Cheio de chifres? Pensa o outro coçando a cabeça. Quem assim pressupõe, talvez já os tenha. Ó mundo maledicente, nem os mortos são mais poupados...

– Que nada, deve é ter doença incurável, um tumor maligno.

Poderia ter dito câncer, reflete a jovem ao lado, mas a palavra o apavora, foge dela como todo mundo fugiu um dia de lepra, trocando-a por hanseníase, como se o eufemismo erudito pudesse de fato suavizar a doença ou desagrarar o doente, denotar respeito ou algo assim, como explicara seu professor.

– Nada disso, amigos, foi morto pela UE.

– Ah, bem lembrado.

– Deve ter assumido compromissos em lojas e bancos, comprado apartamento de gente rica, carro zero, sem ter agora como pagar. Os irresponsáveis acenam com o paraíso para em seguida tirarem tudo, o emprego, o salário, jogando os devedores no inferno das dívidas. Miseráveis!

– Sou pelo calote total, estamos sufocando, danem-se os países ricos.

– Já o colocaram na maca, abanam a cabeça, deve estar morto.

– A mim, tudo isso se assemelha a uma tragédia, daquelas dos nossos antepassados. Ali um corpo morto, não mais o suporte de uma vida com suas ilusões e decepções, quem sabe morada de uma alma imortal...

– Como assim, antepassados?

– Sim, a História se repete, mas no passado resultava do insuportável sofrimento decorrente da paixão, de um destino cruel, como na tragédia de Sófocles, o filho matando o pai, casando-se com a mãe, depois cego pelas próprias mãos...

– Mas, isso aconteceu mesmo?

– Bem, se aconteceu mesmo, não sei dizer. Os grandes dramaturgos, como todos os artistas de todas as formas de Arte, de todos os tempos, criam, digo, recriam sobre a realidade. Sófocles,

Eurípides, Ésquilo e demais trágicos do nosso glorioso passado queriam despertar na plateia o horror e a compaixão. Agora, temos esse capitalismo selvagem que cega os homens, mas é outra a paixão, tão ou mais violenta. Muito mais que o coração, atinge o bolso.

Assim explicava o Mestre de Literatura, desejoso certamente de exhibir seus conhecimentos em contexto tão oportuno, outro igual, plateia tão interessada, talvez nunca mais.

A ambulância se afasta, o povo vai se dispersando, o cheiro de carne queimada persiste na noite...

No aeroporto

No aeroporto

– Aqui estão seu passaporte e demais documentos. Viaje tranquilo. E lembre-se: tem outro nome, outra filiação e... Cuidado! Não se esqueça de que os cabelos são postiços. Qualquer descuido e...

– Serei cuidadoso.

– Bem, na Austrália ninguém se importará se um dia aparecer no trabalho sem eles. O que vai contar é sua competência e responsabilidade. O resto, com quem anda, o que come, aonde vai, se é careca ou cabeludo etc., não é a da conta deles. São impecáveis respeitadores da vida particular. Não lhe farão perguntas indiscretas. E tem tudo para sair-se bem. É um exímio cirurgião.

– O que não me garantiu uma vida tranquila no meu próprio país.

– Há milhares como o senhor. Está chegando a hora do embarque, então repito: somos uma organização secreta com a finalidade única de ajudar nossos concidadãos injustiçados. Centenas e centenas, infelizmente.

– Gostaria que me explicasse como me substituíram de modo tal que todo mundo pensou que fui eu mesmo quem se imolou em chamas na rua, naquela noite.

– Não matamos ninguém. Retiramos mendigos anônimos, recém-colocados em suas covas. O coveiro faz parte do nosso grupo. E sigilosamente os encharcamos de álcool, por dentro, por fora, e os colocamos numa ruazinha qualquer, ao anoitecer. Atrai logo muita gente, carros, polícia, Imprensa. Sempre em substituição a alguém endividado injustamente, precisando sumir. Previamente, o colocamos num trabalho num país estrangeiro e o despachamos sob diferente identidade. Seu caso. Nosso preço é o já combinado, silêncio sobre nossa organização e nos remeter alguma ajuda, assim que puder. Temos centenas na fila de espera. E fique tranquilo, ninguém saberá a verdade. E quem se importaria com mendigos anô-

nimos, recém-enterrados, habitantes das ruas, como tantos outros nestes tempos difíceis?

– Tive o cuidado de não deixar pistas. E além da carta de despedida e de desculpas pelo ato suicida mandada ao diretor do hospital; conforme sua instrução, mandei outra de igual teor à minha mulher.

– Lamento muito por ela.

– Pois não lamente. Vinha me traindo desde que não pude mais comprar-lhe o que adora possuir, roupas e acessórios de grifes famosas, joias, carros... Foi a principal responsável pelas dívidas que me levaram ao caos. Vai aproveitar a oportunidade para algum novo modelito preto para a missa que certamente vai encomendar, a bandida. Adora exibir-se, até mesmo num ato religioso.

– Bem, estão chamando. Boa viagem.

– Obrigado. Voltarei um dia e lhe farei uma visita. E a meu túmulo.

No cemitério

No cemitério

– O túmulo é este, Senhor.

– Você o conheceu, digo, o homem que aqui está?

– Todo mundo pensava ser de um médico que se matou incendiando o corpo. Estava endividado. Mas, quem está aqui é um mendigo encontrado morto na rua.

– Como aconteceu? Quando?

– Vai para dez anos. Nosso coveiro trabalha aqui há vinte. Foi quem se encarregou do mendigo, fazendo-o passar pelo médico. Nada recebeu pelo que fez, pensou que estivesse ajudando mais um necessitado, mas não, tinha caído na conversa de uma quadrilha que falsificava documentos, colocava exímios profissionais em dificuldade para fora do país, simulando suicídio, sequestro, afogamento... Passavam depois a receber ajuda desses profissionais. Até serem descobertos, há poucas semanas. Fugiram do país. O coveiro já foi ouvido, sabem que é inocente.

– E sobre os profissionais?

– Não há pistas, destruíram tudo antes da fuga. Acompanhei pela TV.

– Bem, quem sabe um dia o médico retorne e tome seu lugar entre os vivos da cidade. Certamente, fará uma visita de agradecimento ao funcionário.

– Ele ficaria feliz. É um homem simples, quase analfabeto, pensou que estivesse praticando uma nobre ação em favor dos caídos em desgraça, resultado da má administração de nosso país por políticos incompetentes. Pobre homem.

Berço da civilização ocidental

Berço da civilização ocidental

Retorna à Austrália. A revelação da verdade não lhe provoca nenhum sentimento de revolta, de mágoa contra os malandros que, por anos tinha ajudado, mas que, por outro lado, tinham aberto para ele um novo caminho. Estavam quites. E nem sequer contra a ex-mulher que ironicamente recebera uma gorda indenização pela *morte* dele, por meio de um bom advogado. Tem agora um trabalho rendoso, o reconhecimento da comunidade e uma boa companheira. Mas, talvez retorne um dia, levado pela saudade de seu país, berço da civilização ocidental, com sua Arte, sua Filosofia e sua Ciência, como gosta de repetir orgulhoso, quando se refere a ele.

O Santo

O Santo

Tinha a mesma profissão do pai, pintor de paredes; com ele, aprendera o respeito ao próximo, a viver com parcimônia, a valorizar a amizade. Da mãe, o exemplo do tratamento carinhoso e a consciência do aconchego que o lar, mesmo pobre, pode oferecer.

Jiló gostava de bebericar nos bares com os amigos, partindo depois para as farras, por vezes retornando de madrugada a casa, o que não incomodava os pais, o menino tinha limites, embora dado à boemia. Mas, por *menino*, entenda-se, o rapaz Gilberto, vinte anos, nome escolhido no capricho pela mãe. Reduzido a Gil, acabara evoluindo para Jiló, apelido vindo de amigos, quem sabe por ação da eufonia, nada a ver com o amargor do fruto. Amargura era o que menos existia na vida dele, sem ambições, importante era curtir o momento, beber uns tragos, papear, frequentar as *meninas* do bairro distante, tocar a vida, sem indagações metafísicas.

Mas Jiló, sem qualquer especial razão, foi morar em cidade distante onde, em pouco tempo, trabalho de pintor não lhe faltava, e até para vigiar casas durante as viagens dos proprietários. Educado, bondoso, foi fazendo amigos entre pintores, construtores, professores, médicos, comerciantes, advogados... E frequentemente convidado para festas de casamento, aniversário, churrascos, pescarias... Boêmio, por vezes faltava ao serviço, justificando a ausência com histórias inventadas, *morrera a tia, tão boa que ela era, a pobrezinha... Passei a noite ajudando o pai desesperado a procurar a filha fugida de casa...* Mentiras descabeladas já sobejamente conhecidas que irritavam as mulheres, mas provocavam gargalhadas nos homens.

Os anos fluíam na rotina, quando encontrou Generosa, viúva, sozinha e pobre, que fazendo jus ao nome tanto agradou a Jiló na arte do carinho ao corpo e à alma que em pouco tempo juntaram os trapinhos, literalmente falando, pois que trapinhos eram quase só mesmo o que eles tinham.

Uma noite... E que noite! Jiló levou Generosa ao circo, um agrado, bom companheiro que ele pretendia ser sempre. Sentados no alto da arquibancada, riam do palhaço como todo mundo, quando Jiló caiu lá de cima e rolando sobre os expectadores, foi parar rente ao picadeiro. Num primeiro momento, não se acreditou em queda accidental, e sim em algo combinado entre ele e o palhaço, entre outras hipóteses, como a que atribuía o tombo aos goles a mais com amigos de boteco. Poderia ter morrido, deu com a cabeça num suporte de ferro, ponderavam alguns, preocupados.

Levado ao hospital com grave ferimento na cabeça, correu risco de morte.

Restabelecido, Jiló foi voltando à profissão, mas mudanças no comportamento foram surgindo, desaparecido o jeito amoroso, prestativo, tornando-se a cada dia mais impaciente, chegando a agressivo, surrando impiedoso seu velho cão, maltratando Generosa, desprezando amigos, relapso no trabalho, intolerante a ponto de entornar uma lata de tinta na cabeça de uma criança que ousara desenhar em parede recém-pintada. Quando, desesperada, a mãe ligara à Polícia e Jiló foi preso.

Amigos, deveras consternados, tentavam ajudar. Doutora Chris, advogada, cuidou da soltura e o levou a morar em sua chácara com Generosa, onde cuidariam da horta, venderiam a produção, teriam o rendimento. Professor Walter, grande amigo, o encaminhou a renomado psiquiatra que, após dias de observação e exames, marcou encontro com eles. Não tinha boas notícias.

– A ressonância magnética acusou alterações cerebrais, provavelmente provocadas pela pancada na cabeça.

– E seriam tais mudanças responsáveis pela transformação de um homem responsável, humanitário num pintor relapso, no companheiro violento e perigoso de uma mulher bondosa, num indesejável social? Perguntava o professor.

– O que a ressonância magnética acusou foi a fraca atividade em áreas do cérebro envolvidas com a conduta moral. Ou seja, Jiló transformou-se num psicopata. E psicopatas se situam acima do bem e do mal. Não por ato da vontade livre, já nascem assim. Mas, este é um caso especial. Há outro, parecido, citado na literatura médica, o de um trabalhador americano, moralmente bem formado, zeloso pai de família, e sua radical transformação para o crime, após ter o cérebro atingido por uma lasca de madeira.

– O trauma físico levou-o à transformação moral? Seria então a conduta humana manipulável por agentes físicos, interferindo-se no cérebro? Voltou a perguntar o professor.

– Sim, o trauma teria diminuído a atividade cerebral, neutralizando o juízo moral. Tenta-se hoje amenizar o problema com drogas modernas cujos resultados são medidos pela observação da ressonância e da conduta do paciente, dado o risco de efeitos colaterais. Podem ser experimentadas, desde que a esposa autorize.

– Como deve a Justiça proceder no atual estágio do meu cliente? Pergunta Doutora Chris.

– A questão terá de ser discutida também com seus colegas. Psicopatas são inocentes, porém potenciais ameaças à sociedade. Estarei às ordens para assessorá-los no que couber.

Submetido a diferentes tratamentos – drogas da medicina convencional, sessões com psiquiatras, benzi mentos, galos sacrificados no escuro das sextas-feiras nas encruzilhadas dos caminhos entre velas queimando, e mais o que a Ciência e a fé dos homens supõem que algum bem possa trazer – Jiló foi voltando à conduta anterior, mas exacerbada, não se sabendo a que específico fator atribuir tal mudança, se ao conjunto de todos, se... Esmerava-se no trabalho, doava-se de corpo e alma ao próximo, quem quer que fosse, ajudando a qualquer hora do dia, da noite, sem descanso, a ponto de alguns, já o considerando santo, pedirem sua bênção na rua. E desse modo, confundia os amigos que já nem sabiam que atitude a tomar.

Então Generosa ouviu falar de um curandeiro que expulsava entes do mal, encarnados em homens bons, e o procurou, explicando, entre lágrimas, querer apenas o companheiro dos primeiros tempos, não um santo que se repartia com tanta gente que nada sobrava para ela. O homem não tinha receitas. Compadecido, apenas citou o Buda, *entre luzes e sombras vivemos...*

Anos escorreram... E naquele dia, entre notícias de mais uma vitória do Corinthians e a descoberta de novo meteoro ameaçando a Terra, a população ouviu, consternada, a notícia da morte de Jiló. A dedicação ao próximo o tinha dominado a tal ponto que acabara morrendo de exaustão.

Dizem que faz milagres.

Rot e Chi

Rot e Chi

- Ufa! Que jantar, Mila!
- Que aconteceu?
- Surpreendente, Mila! Surpreendente!
- Conte.
- Não vai acreditar.
- Conte, conte.

– Bem, você sabe, fui ao jantar, nada sabia sobre o restaurante e muito pouco sobre o Sr. Hermenegildo, com quem fui me encontrar. É produtor rural, interessado na compra de nossas máquinas. Trate-o bem, meu sócio tinha recomendado, o homem tem potencial para ser um grande cliente. Conselho que esse sócio exagerado repete sempre, até com referência a um plantadorzinho de batata de fundo de quintal.

– E?

– Telefonou ontem, conforme você sabe, chutou compromisso sem a mínima consideração, esquece que estou viajando em férias, não sabe o que é isso, nunca as tira. Depois lhe conto mais sobre ele, voltemos ao restaurante. Imaginei um coronelão do interior, daí que me apresentei, conforme você bem viu: bermuda e rabo a cavalo, donde pode imaginar a importância que dei ao encontro.

– E?

– Quando saí, estranhei o carro luzindo de imponência, já me esperando em frente ao hotel, motorista enfatuado... Coisa de caipira se dando importância, pensei. As coisas pareciam não combinar, mas...

Chegamos rapidamente ao restaurante, logo ali. À primeira vista, nada de especial, até que atravessei o pátio e fui conduzida a um jardim privativo, com algumas mesas ricamente preparadas, ambiente desses que a gente vê em filmes sobre milionários. O *maitre* se apresentou seguido de um garçom, perguntou sobre preferências, bebidas etc. Você me conhece, já viajei meio mundo, já estive em ricos e exóticos lugares, mas aquele...

– *Que aconteceu?*

O rabo de cavalo e a bermuda começaram a me incomodar. Então doutor Hermenegildo entrou. Magro, feioso... Estranhei. Esperava algo, digamos, melhorzinho. Mas, a cada passo, garçons o cumprimentavam, sorridentes, curvando-se, como se faz a uma grande personalidade. Estranhamente, Hermenegildo começou a crescer... Aproximou-se, cumprimentou-me, como só se cumprimenta uma rainha.

– *Inclinou-se?*

– *Sim, e beijou-me também a mão, sorria gentil, um lorde. Educado, culto, foi crescendo. E mais, muito mais pela consideração com que o serviam e o tratavam. Um estrangeiro veio até ele, um britânico, depois outro, alemão, falou fluente com cada um deles na língua de cada um. Crescia... Resumindo, Mila, senti-me esfarrapada, jantando com um gigante, quem sabe campeão de basquete na juventude. Fui encolhendo, sentindo-me nas dimensões de formiga operária. Não me pergunte o que comi, o que bebi, sei lá, tomaria cicuta, como aquele pobre Sócrates, sorrindo meio petrificada, com meu rabo de cavalo, minha bermuda, enquanto ele, nobre, fleumático, impecável, recebia suas honras, seus tributos, qual Sua Majestade Luís XV, com toda sua pompa, **le etat c'est moi**, ou algo assim, ou melhor ainda, Tutancâmon em plena glória, vivo ou morto.*

– *Ufa, Aninha, estou perdendo o fôlego só de ouvir, mas o que Sua Majestade, o Glorioso Hermenegildo, desejava da empresa de vocês?*

– *Na verdade, foi apenas um primeiro contato. Falou em futuras compras para uma nova propriedade. Consegui balbuciar algo, será uma grande satisfação ter o Senhor como cliente, mas sei*

lá, posso tê-lo chamado de Magnífico Reitor, Vossa Excelência Reverendíssima, essas tratamentos que aprendemos na escola, fixam-se lá nos groões da memória e lá um dia, como diz Lacan, o eu do inconsciente comanda e...

– *Que imagina que vai dizer o sócio quando lhe contar sobre o jantar?*

– *Uma coisa liga-se a outra, Mila.*

– *O quê?*

– *Acabo de imaginar um princípio: o da plasticidade humana.*

– *?*

– *Faz anos, venho observando as alternâncias do meu sócio em diferentes ambientes. Mas, nunca tinham me chamado tanto a atenção quanto hoje. Pra você ter uma idéia da metamorfose, quer ouvir um único caso, porém exemplar?*

– *Conte.*

– *Mês passado, caiu uma paineira do quintal vizinho da nossa empresa, sobre o muro divisório, abrindo uma passagem. Já tínhamos alertado o proprietário sobre o risco. Você tinha de ver a fúria do meu sócio, nossos cães poderiam invadir a propriedade, causar sabe-se lá que estragos, até mortes. O proprietário não atendeu ao nosso pedido de urgência nos reparos. Daí que fomos procurá-lo em casa, sócio tão furioso que temi fosse esganar um homem que nunca tínhamos visto pessoalmente. E a surpresa: ali uma rica mansão, onde um senhor de clara procedência estrangeira, idoso, modesto, educadíssimo, pediu mil desculpas, tinha estado viajando, acabava de chegar, providenciaria imediatamente o que fosse necessário. Sócio se desmanchou em sorrisos, não se preocupasse, imagine, tão cansado de viagens, nossa empresa cuidaria de tudo, só precisávamos mesmo da autorização...*

– *E?*

– *Ou seja, em minutos, o sanguinário **rottweiler** rosnador se metamorfoseou num **chihuahua** subserviente. Daí meu princípio.*

– *?*

– *Sentimentos e emoções tornam plásticas as dimensões humanas. Hermenegildo transformou-se num gigante; meu encorpado sócio, num anão. **Rottweiler** e **Chihuahua**.*

– Nesse caso, Aninha, haveria até o risco de numa união conjugal um **rottweiler** se transformar cronicamente em **chihuahua**?

– Depois de três casamentos desfeitos por conta dessas transformações, Mila, penso que vou morrer descasada.

– Já eu e meu Cão, Aninha, depois de tantos anos, de tal modo nos acostumamos com nossos latidos que já nem percebemos quando o **chihuahua** toma o lugar do **rottweiler** e vice-versa.

Aninha e Mila são amigas desde a infância.

Os que veem profundo

HUGO AUGUSTO
SOUZA
ESTANISLAU

Bancário e licenciado no curso de Letras Português na Universidade Federal do Espírito Santo, Hugo Augusto Souza Estanislau é natural de Cariacica desde 1989 e morador de Viana. Tem na observação da profundidade das relações humanas e da cidade pulsante em sua volta a inspiração para tentar decifrar em palavras as singularidades de um mundo que quer ser narrado.

O primeiro choro

O primeiro choro

A linha do fim da testa e o desmato da cabeça careca abrin-do-lhe os olhos nervosos a uma calvície. A mão frenética nos cachos loiros sem cabeça da Peruca sobre o balcão de vidro forte. O vigiar dos seus olhos de cílios grossos nos fios que notava espalhados ao chão... Cabelos por todos os lados: da peruca loira em mãos, das perucas das clientes, do seu cabelo, dos cabelos das clientes, dos cachorros das clientes... Mas para os seus olhos, todos eram dele. Todos caíram dessa cabeça oleosa, babujenta e untada com caspa mole... Ele cuida das de todas, mas a sua; a sua, ele cobre. Aliás, não fica melhor com a peruca mesmo? Pois que fica... Vai tirando alguns cachos dela com sua tesoura azul. Ele sempre diz que ela era a última a entrar no *look*. A última peça depois da base, maquiagem, cílios, lápis, sombra, sutiã enchido. Depois de se prender, por a calcinha apertada, o enchimento, o vestido, o sapato quinze e, logo, ela. Era a vez de encaixar a cabeleira loira em sua quase careca morena. Usava cola, e hoje ainda tem um pouco no frasco. Aplica, abaixa a cabeça, encaixa e sobe a cabeça novamente num lance; movendo-a, peruca, e a boca aberta como quando se tenta o difícil, encaixa... Pronta... Mas o que tanto olha no espelho? Já está atrasada, não está? Não tem de atravessar a cidade ainda para se apresentar montada? O que tanto se olha? Acha diferente o *blush* marrom dourado a lhe deixar mais morena e o batom crescendo sua boca e fazendo nascer a boca dela? Acha-se mais nova agora, com a base cobrindo-lhe os poros? Tapando-lhe as frestas e lhe fazendo plana?...

– Bom...

Tem de fechar o salão antes de sair, tem de tirar o carro da garagem; ligar pra Jandira e ir depois com ela à casa da Elétrica. O salão, deixaria para limpar depois, depois. Mas antes: não se esqueça do remédio!

– Onde deixei essa merda? – Por que não tenta sobre o frigobar? – Eu acho que deixei perto do copo em cima do frigobar... – Isso!

Na ponta, unhas roxas, os dedos levaram à boca; bebeu.

Ela não notou o que foi junto com a água quando engoliu o remédio, mas sua garganta parece ter percebido. Engasgo. Cada músculo debaixo de sua naca face de pó contraindo-se e a mão vai socorrer-lhe a boca que, salivando, tenta acabar o engasgo. O batom lhe sai na mão, e percebe ter-se esquecido de tirar o relógio do homem.

O rangido da tosse funda ecoa pelo salão. Conseguiu. O ar, em alívio, começa a voltar-lhe, e ela sente ter vencido mais uma vez. Escora-se sobre a bancada de vidro e escovas, sobe a cabeça, jogando os cachos loiros, e dá as últimas tosses: ainda talvez possa ter algo...

Espera! Fazendo com a boca como faz um gato enrolando a língua para tirar algo da garganta, vai se aproximando mais do espelho. A cara manchando. Os dedos finos e alongados delineados na ponta com as grandes e quadradas postições roxas de cera pegam a ponta! Era um fio, um grosso fio.

– A mer-rda de um ga'cabelo – Disse um pouco enrolada quando puxou até o ver.

De seus dedos, o fio se desvia molhado em baba espessa e suas mãos não o pegam com a força necessária. Aproxima-se mais e mais do espelho, abrindo bem a boca de alguns dentes negros e língua fissurada. Pega-o, e suas mãos não conseguem trazer o fio para fora... Está agarrado, agarrado! Pois que o puxa, faz pulsos leves. Sempre teve jeito com as mãos. Mas por que, ao invés, ela não poca? Poca isso logo, que você tá atrasada loca?! Acha que é melhor puxar?! Acha... Vê resistência e o pulsa, pulsa com a boca o máximo aberta. Tal linha de pipa quando emperra. Observa e pulsa o fio de cabelo, até que seus olhos se arregalam e sua garganta contrai. Era o anúncio que ele cedia... Pocava? Não... Saía um pouco, isso sim, estava cedendo e vindo, um longo fio negro, vindo de dentro.

Respirando fundo, seus olhos começaram a espantar-se, ar-

fando com o ar relinchos agudos. Era mais longo que imaginava! E se tivesse pocado? Ele ia ficar dentro dela? Uma coisa desse tamanho?! Seus olhos lacrimejando sentiam a ânsia de ter algo na garganta, mas segurava tossir. Se ela assim o fizesse e ele dentro ficasse, seria metade e ficaria sem o saber.

Suas mãos já começavam a tremer, mas continuava a puxar até que, num único reflexo teso, seu corpo quedou para trás, para longe do espelho, quase caiu no chão, tanto que a cola ainda mole não evitou que sua peruca fosse levitando, aberta, ao chão atapeitado de fios... Seu corpo arqueou em si, seu peito sem movimento. Estava sem ar. Entre babas, sufoco. Entalo. Tinha de continuar! Tinha! Não tinha mais escolha. Tinha de ir puxando! Com a maquiagem manchada, com a careca agora exposta, ele se achegou ao espelho novamente. O rosto fino arroxando-se. Vai! Vai! Você vai ter de fazer sozinho! As mãos trêmulas continuaram a puxar, alternando entre si o movimento firme de puxar calmo por morte próxima. Os olhos choravam por continência, mas, mesmo assim, tinham a sua frente o foco na boca escancarada no espelho e o fio negro brilhante e mucoso vindo sem fim do fundo.

Até que seu corpo emitiu um som. Iria vomitar? Suas mãos não paravam; em frente aos já metros na bancada, não paravam. Não podiam agora! Era só ele ali. Quatro paredes. Só ele. Se não fizesse... E persistiu, tremendo firme, até que viu sua garganta expandir. Estava vindo! Estava! Sua garganta da base, perto do peito de pelos raspados, vinha expandindo-se. As camadas de pele se abrindo. Suas mãos puxando. O volume subindo. E suas mãos puxam. Vindo. E as mãos. Vindo. Os olhos. Vindo. E a boca. Subindo. E o rosto de tão roxo rompendo veias. Rompendo as ligações. E as mãos puxando. Teria. E a boca. Teria. A boca abrindo. Abrindo-se mais. Mais! As pontas dos dedos puxando, com força, puxando, tremendo, e os olhos olhando o que vinha. Pelo espelho, o que vinha. A boca expandida, preparada expandida, e em um movimento, em uma última força, suas mãos, persistindo, trouxeram à boca... Seus olhos, vendo-o despontar a cabeleira... No último solavanco, com as duas mãos puxando o fio! O que vinha saiu, de ar saiu, saiu em gosmas, pesado, sobre a bancada transparente de escovas e cabelos...

Ele deu aquela respirada encurvada de alívio; as mãos nos olhos, a emoção levando a voz. Aos poucos, seu rosto foi recompondo a cor da maquiagem. A boca foi deslocando-se ao lugar como

cobra que vomitara. Repôs-se de pé melhor, e os olhos desceram cãndidos à bancada olhando aquilo... Tremendo, ele riu iluminado.

Pegou-o em mãos, afagou-o sorrindo e deu os tapinhas nas costas dele que o médico tinha recomendado... Continuou até que o choro ecoou pelo salão.

Os que veem profundo

Os que veem profundo

Mas como que posso te falar assim que foi a tal epidemia? Escuta bem. Dizem que começou aqui mesmo, no bairro, casa do Oliveira, a de muro com texturas a vinte passos do poste da praça. Foi o filho mais novo. Levado e tudo pelos homens de apito. Com o som deles, a gente de tudo não chegando perto, em silêncio ouvia-o: eu entendi, entendi! Mas nem ninguém imaginava que ia assim se alastrar, mas ele foi o primeiro com a doença do fim. Hoje, escutei no jornal do almoço que ela ataca os nervos dos nossos dois lacrimejantes, fazendo deles pro que eles não servem. Já prenderam mais cem hoje lá no centro, fazendo gritaria. Onde já se escutou? “Pra isso que servem!” Inventaram até um verbo, ouve só: ver, vendo, veremos. Gritavam que estão vendo! “É tudo diferente!”... Ontem, prenderam um; e os homens do governo disseram ser o último que, ouve só, o último que “via”, né? A gente espera. Expor nossa família, assim, de perigo de sair parando tudo, gritando tudo, dizendo que é mais, que o mundo é mais... Onde já se ouviu? Já tudo conhecemos, o resto é doideira da cabeça. Só som. Ainda o mesmo. O mundo é dos que ouve.

O novo bote

O novo bote

Amiga, senti aquele aperto. Aquele momento quando você sente que desceu? Já estava com cólicas faz tempo. E o que eu podia fazer? Se eu estivesse em casa, seria mais fácil... E a Natália ali me olhando de frente, mesa pra dois, taças longas, com aquela cara de não entender nada. Pôs a mão no meu cabelo recém-cortado. Saiu um pouco dele mais do que o comum na mão dela, e não teve como não evitar. Seus olhos foram crescendo com a pergunta que viria, mas antes falei que tinha de ir ao banheiro. “Mas Gustavo?” Larguei o guardanapo um pouco úmido com o que pegajoso que já vasava do canto de minhas unhas. “É rápido, já volto”; foi o que menti para ela enquanto me levantava; e foi só me por de pé, que senti o fluxo vindo por debaixo da pele; pus a mão na virilha e acertei a cueca. Disse que voltava. No caminho, fui sentindo pesado o olhar de Natália a ver-me quase derrubar o garçom e entrar no banheiro. Masculino, é claro. Eu não errava mais... Dei sorte: ninguém. Amplo, limpo e branco. Entrei na cabine. Tirei o terno. Enrolei-me com o nó da gravata roxa. Fui desabotoando a camisa e, assim, no peito já se viam as bolhas da rejeição. Lembra como você estava mês passado um pouco antes de você trocar? Nossa, a pele sobre mim estava bem pior... Mas eu tinha de vir a esse encontro com ela. Negócios... Tirei o sapato de couro italiano. Pus sobre a caixa da privada. Desafivelei o cinto. Abri o zíper, o botão da calça. E a dor aumentando, meus peitos apertados, o sangue querendo fluir apertado. Tirei a cueca. O pênis murcho já estava negro, mais do que que era hora de trocar!... Como faria com Natália? Ela não me reconheceria quando eu saísse. Pegaria o próximo que entrasse. Carreira por água abaixo... Comecei a sentir que meu cheiro já tomava o banheiro todo. Não tive mais jeito. Pus minhas mãos tremeluzentes no umbigo da pele, bem na fenda escondida de pelos, e abri. Fui fendendo-a bem devagar, no início, e aquele som de pele que descola e rasga o ar que é mais frio e arde... Fui puxando, e ela já toda descolada foi abrindo-se em uma fenda fácil, que ia da barriga ao peito cabeludo, deixando-me exposta e pegajosa por

dentro. Foi descolando toda, bem diferente da vez em que precisei da sua ajuda pra tirar as partes que ficaram. O tronco saído fácil, joguei tudo na lixeira e me olhei por um instante, eu por dentro vermelha, doendo-me toda. De sangue que brotava escondido. Sentia o fluxo da minha vagina descendo pela perna. E meu ventre, e eu lívida, pulsante, em contato com o mundo doente. Continuei. O pênis da pele, tirei de junto da perna, retirando tal qual uma calça. Foi uma pele agradável. Mas já gasta estava, e o cheiro até se sentia por fora... Fui tirando a dos braços de sobre mim até a pele das mãos peludas. Só restaram minhas unhas comidas e meu interno vermelho. O rosto, a parte mais difícil, fui tirando, apertando, colocando as mãos rentes ao pescoço e pressionando em direção ao queixo. Sentei-me no vaso. O contato frio da porcelana com minhas pernas foi dando-me quase choque. O sangue desceu em volume. O rosto dele saía de sobre o meu em bloco único, e podre massa transparente verde restava em minhas mãos. Faltava ainda a parte do cabelo. Deixei a pele do rosto grudada ainda pela testa. Peguei o papel higiênico seco e o passei lento, tirando o verde e pegajoso do meu rosto. Como... Nossa! Muito tempo sem me mostrar. Muito tempo ligada. Sensível. Doía-me a pele, o seco do ar me rachando os vasos. E o sangue ainda me descia em fluxo para o vaso. Joguei o papel já úmido na lixeira e puxei a pele da testa em direção ao coro cabeludo. Saiu ainda um resto do pescoço dele. Só ouvi o barulho da pele que se chocou molenga no lixo. Meus cabelos negros foram descendo úmidos até se encostarem ao vaso, e algumas pontas indo ao chão. Moviam-se como vivos pela alegria da liberdade, que devia ser pouca. Se eu ficasse mais, ia me rachar toda. Endurecer. O ar me desfazer. Esperei o fluxo de sangue parar. Eu não podia ficar mais. Há quanto tempo já? Quase dez minutos. Lembra quando você ficou vinte e ficou depois acamada? Tivemos de cortar os chifres e tudo? Só me acalmei quando ouvi a porta do banheiro. Era um que vinha. Vi seu sapato lustrado e brilhante por debaixo da porta. Apertei o botão lateral da descarga, que ficou vermelho com o meu toque. Destravei a trinca da porta do reservado em que eu estava, enquanto já fui deslocando a mandíbula.

Peso da crítica

Peso da crítica

Quando eu entrei no banheiro, ele já engolia, difícil, as páginas. Ajoelhado. O outro na frente relinchava, Engole essa merda! Era o autor. O de joelho tremia. E eu, sem saber, assim, fui ficando frio quando notei a arma que forçava as engolidas do papel duro, tirado do livro novo. Sem venda de nada. De sobra em estantes, Vai engolir cada folha! Tá no primeiro! Não era o pior começo? Não era? E as folhas brancas iam. Nunca pensei. Pra mim, já estavam no *cocktail*; depois da palestra, “o autor fala”. E ia falando agora de arma em punho, Vai ser bom pra você! Pra você, seu merda! Vai me engolir. E iam as folhas entre tosses, estrofes duras, rimas amargas, versos sem sal, metáforas doces demais... Eram de fato poemas difíceis de digerir. Saí antes que sobrasse pra mim.

Leite negro

Leite negro

Fechei a porta do consultório e vim pelo corredor, ouvindo as recomendações da minha voz: amanhã eu tenho de ir buscar o Frederico duas horas, porque ele vai pro teatro apresentar a peça, qual era? Eu gravava tudo, falava com o celular que eu tinha, mas qual era a peça? Não sei, ouvi depois, em casa. Era Hamlet. Já estava atrasada, ainda mais longe de casa, naquele prédio velho em que eu tinha o consultório, amanhã lembrar a cláusula, não, Cláudia, de desmarcar o procedimento de Dona Leonina: ela não me pagou; e continuei gravando enquanto apertei o botão de bordas cinza do elevador. Depois, percebi na gravação que o elevador não tinha feito o bipe e ouvi também os passos que vinham arrastados pelo corredor, mas eu, na hora não a ouvi chegar, ah! Depois da peça, ir pra casa deixar Fred com a babá e ir pra academia, *spinning*, preocupava-me ainda com isso quando vi a mão com unhas duras e amareladas apertar o botão que imediatamente ficou verde; lembro-me que pensei que ainda fiquei na dúvida se eu tinha apertado ou não o botão. A mulher não falou nada, continuei gravando baixo, o que o Tiago tinha me pedido pra fazer? E enquanto eu me lembrava, o som do elevador, com aquelas portas rangentes, foi nítido na gravação. A senhora primeiro, disse a voz nítida e seca que saiu de trás, a minha esquerda. Nem a olhei, só senti um cheiro forte de cravo. Cinco mil da conta, deixar pra pagar as duas parcelas; e, pelo espelho, lembro-me de nem ter visto sinal da mulher, era como se no apertado cubículo estivesse só eu; acertei o cabelo, toquei na incisão da cirurgia... Ai, no domingo tem jantar com a tia da Eimar na Ilha. Sem querer, encostei a bolsa na mulher; só aí, percebi que ela não tinha descido; respondeu-me um desculpa baixo, que só meu celular gravou; eu não o tinha ouvido, continuava na voz, falando e me escutando. Já estávamos no quinto andar, depois de amanhã, e abri a bolsa, procurando o papel, estava dentro da agenda, que merda, e não achava; pus o celular no ombro pra ficar com a mão livre, peguei a agenda, e, com o solavanco duro e o de repente escuro do elevador, o celular foi ao chão como uma pedra

dura, a primeira queda, merda! Segurei a bolsa, a luz do elevador pulsava, até que desligou; tudo parou. Silêncio... Depois do barulho forte na gravação, eu só escutei as minhas reclamações e respirar forte. Abaixei para tentar achar o celular e encostei-me numa pele grossa e seca; afastei-me para trás, o elevador balançou, devia ser o pé dela de sandália barata, pensei, foi quando ela começou: eu gosto daqui; no fundo, a cidade me agrada quando passo pela ponte; lá, no fundo, observo a cidade, o mar descendo e a gente subindo. Sob a ponte, a baía refletindo as luzes amarelas da margem, luz brilhando como o petróleo sujo, que ninguém vê; usa, mas não vê; toca, cheira do ar seco e empoeirado, mas não vê – e meu celular continuou pegando as palavras que vinham dela pelo escuro do cubículo, só uma voz que nem respirava e soltava tudo – mundo todo coberto de sobre de tudo, uma esfera repleta de pele e pelos, sobra de tudo, usamos a única gota da merda, defecamos e respiramos carniça. Energia espessa em líquido de sombra escura, o começo do fim no fundo da terra, e nossa mãe nos entrega, passa-nos o peso, está pisada, não quer mais nos carregar, entrega-nos mais e mais, mais e mais do leite negro; quando tiver quase tudo duro em seu seio ressecado, não vai mais haver boca pra sugar... E seguiu o silêncio na gravação que não captou o meu peito de medo pulsando. Depois do escuro quieto, ela respirou fundo, tossiu, e não se escutou mais som no elevador escuro e de mim até quando a porta rangeu de novo...

A faca limpa

A faca limpa

Na verdade, foi o jeito que eu puxei a ponta de plástico do lacre, não era, como eu resmunguei, culpa da caixa de achocolatado. A ponta saiu, o lacre no fundo, impedindo, ficou. Não dava. Foi a única coisa que eu comprei naquele dia para beber com os biscoitos amanteigados... Olhei em volta no quarto do hotel no qual eu estava, e nada; nada pontiagudo o bastante. Pensei na chave. Sim. Mas não teria coragem de beber o leite. Olhei no celular: cinco e cinquenta e cinco. Talvez estaria, ou melhor, estivesse aberto ainda o supermercado... Vesti uma bermuda. Lembro-me que a mesma camisa do dia anterior. Desliguei a luz, deixei o ventilador e desliguei o ar refrigerado, que escorria pela parede e ia pelo piso. Igual premonição, lembrei quando vi toda aquela água escorrendo espessa pelo chão quente e áspero do quarto. Fechei a porta com a chave de chaveiro bola de bilhar verde. Quarto seis. Bola Seis. Por conta do horário normal, já estava noite na rua. Há quantos dias? Há um dia lá naquela cidade, e, quando andava na rua, era impossível os olhos não saberem que não eu não era de lá; até o cachorro deitado no mesmo lugar, da mesma forma e hora do dia anterior, de olhos acompanhando-me, sabia que eu não era, punia-me por não ter o mesmo ar. E, piorando, vinha aquela diferença estranha e pesada de não ter ninguém na rua, Será que trouxe o cartão?, sim, eu estava com ele, não teria de voltar pelas ruas de blocos extremamente alinhados, passar pela moça simpática da portaria e procurar na bagunça de malas sacolas e roupas... Quando me dei por mim, estava eu e o tal homem que falava sozinho na rua, aquele... Pessoas nas sacadas pareciam às vezes vigiar... Sozinho, o homem resmungava algo que do outro lado da calçada não dava para ouvir. Parei de observá-lo; só reparei que um pouco mais à frente uma mulher loira, com cara de dois filhos, curvou a esquina, encostou-se ao ombro do homem, Passa lá em casa amanhã, Passo, passo, E sua mãe como está?, e conversaram mais, só que a esquina da rua do supermercado não me deixou saber mais sobre o que tanto interessava nele para ela.

Entrei na rua vazia, mas decidi ir mais além, à ponte à frente, ver o famoso rio da enchente de outubro, tão comentada por todos que iam à agência. Ali, os homens no bar davam o papo da rua, sem música, rindo, enquanto outros três pescavam sobre a ponte de parapeitos irregulares, tombados, quase tocando o rio, Acho melhor não... E não fui de fato para a ponte torta; dei meia volta e vi um casal à frente, o supermercado, um homem parado dentro de um prédio em construção e uma drogaria vazia. Apressei o passo. A vontade do achocolatado era urgente. Seis e meia. Entrei finalmente no supermercado e fui direto procurar o que queria; a mulher não me percebeu entrar, já estava por fechar. Ninguém por perto... Fui tão rápido assim que quando eu percebi já estava com a faca na mão de frente pra dona.

– *Vai levar o quê? O que, Márcio?! – Não falei meu nome?*
Márcio Vinicius Hamel de Oliveira...

– *Só a faca...* – Pus a faca lentamente sobre o balcão. A dona olhava pra minhas mãos. Pediu meu cartão. Pegou. Suas mãos tremiam. Levou-as ainda pra secar o suor recém-saído da testa...

– *Aqui é sempre quieto assim?* – Ao que a senhora se virou e respondeu:

– *Sempre... É assim mesmo, uma maravilha, gosto muito, posso deixar tudo aberto, casa, carro, gosto muito,* – Fiquei assim, olhando pra ela; ri sem graça,

– *É estranho...*

– *Pera, que vou pegar uma sacola pra você!*

– *Obrigado, Boa noite!*

– *Por nada,* – e fui saindo do supermercado. Já na porta: *Boa noite do...* – Mas antes de eu terminar a frase, saí e dei de frente com o homem falante que vira antes.

Meu coração tentou disfarçar o susto, rindo e colocando a sacola no antebraço. Conferi a sacola. No celular, sete horas. Segui rápido para a esquina à esquerda. Voltava para o hotel... Talvez, até nas lojas vazias os manequins sabiam do meu trajeto. Voltava. Mas estou com uma faca; olhei para trás e só havia vindo um rapaz sem camisa de boné vermelho, conversando com outro, de azul, tudo

tranquilo. Tranquilo. Olhei novamente e só havia o rapaz de blusa de listras azul. À frente na lanchonete, que já tinha aberto nesse pequeno espaço de tempo, outros dois bebendo, um deles o sem camisa, boné vermelho. Fizeram silêncio quando eu passei. Mas eu não podia correr, fazia barulho, mais olhos viriam para as sacadas. Mas medo de quê? Já eram sete e vinte. Olhei para trás de novo e só um carro longe vinha, nem os rapazes mais havia... Votei o olhar para frente, analisando minha sombra iluminada pelas luzes laranja dos postes, e percebi o quanto estava sendo bobo. Na mesma calçada de antes, procurei os olhos inquisidores do cachorro. Não havia nada. Só uma mancha molhada.

Já no hotel do posto, a moça da portaria não estava. Subi as escadas sem fazer o barulho habitual do sapato que calçava para ir trabalhar; e chegando ao escuro corredor, desacelerei o passo. Quase oito horas. O tempo no relógio voando estranho. Olhei para trás, escada vazia, sala vazia... Segui lento.

Seu quarto era o seis, falava-me pra lembrar? Olhei a chave de bola pra confirmar... Era um pouco mais pra dentro no corredor. Fui indo, lento. As outras pessoas, nos outros quartos, o barulho delas, e eu lento. Parei. Ouvi algo que silenciou até os outros do quarto. Tive vontade de olhar para trás. Só ouvi aquela mesma voz. Olhar pra trás. A voz falando sozinho. Não. Não era. Minha cabeça. Não fiz. Não virei. Tirei o celular do bolso. Oito e trinta e sete... A luz de susto só se acendeu quando eu cheguei à porta seis. A porta cor de madeira seis. Abri, e por que havia desligado o pingante ar, estava o quarto abafado. Joguei a sacola com a faca sobre a cama. Fechei a porta sem fazer barulho. Assim, a moça da portaria não saberia que já entrei... Sim, lembro-me de ter dito isso... Tirei a camisa suada. A bermuda manchada. Peguei o celular, coloquei música no ar, fechei a porta do banheiro, o celular sobre a privada. Olhei-me no espelho, levei a mão ao nariz, cheiro metálico. No celular, tocava barato modesto, Eu fiz um samba para o carnaval passado... Abri a cortina pesada e entrei no chuveiro... A água foi ficando cada vez mais, mais, gelada e eu me agradando. Esfregando os cabelos, percebi lá de baixo na rua um movimento, um carro chegando. Com a abertura da báscula, com certeza dava até para ver a minha cabeça lá de baixo lá, foi quando tentei fechá-la. Eu disse “tentei”, pois algo a travava. Ela não encostava para que a tranca fechasse. Vi que algo grande havia entre a tranca e a borda da báscula. Tentei mover. Coloquei o dedo para retirar e a água

caindo, o sabão escorrendo por minha testa, foi descendo até meu olho. Alcancei com o dedo o que travava, um gelado que travava, fui abrindo os olhos, o dedo sentindo, os olhos quase ardendo, mas, abertos, resistindo ao que os meus dedos... Não! Deixei cair, me cortei. Era a faca. O som metálico ecoou ainda um pouco. Demorei a entender. Caiu no chão do box. Na parede, sangue no azulejo branco. O piso se tingindo.

Seu fim

Seu fim

Você pode ter conseguido de fato ir muito correndo na frente pela noite. Foi muito esperta, mas se eu não deixasse e fosse como lobo, assim, por entre. Eu devia estar mancando, não é? Mas foi tão de raspão, que meu sangue quente nem me fez sentir, tá vendo? O pior pra você é que não percebeu, e foi tão burra; devia ter-me envenenado, tiro na cabeça, deixado a arma lá. Você acha mesmo, Ava, que um tiro na barriga assim... E pior, você nem deixou a arma no chão perto de mim. Francamente... Vi muito bem quando no meio da festa você foi chegando perto e, no ouvido dele, foi dizendo algo, com certeza, mais ou menos assim, “Deu tudo errado, ele está aqui, você vai primeiro, pega o carro e eu vou meia hora depois pela porta dos fundos sem ninguém notar, a arma tá comigo”... Você deve ainda ter falado pra ele aquele eu te amo doce que saía de sua boca pra mim, mas não pensa que eu não vi, vi você escorregando pela porta, honrando seu francês. Na mão, a bolsa pequena segurada forte. Abaixou pra tirar os sapatos num relance, segurou-os com a esquerda e, sem som, foi indo pelo mato. Como pode ter pensado que seria boa ideia o mangue? Você e suas vontades e fugas, Não é o que está pensando, Paulo, você só pode estar louco, foi isso que você disse, não é?! Com aquela cara de maquiagem dura, com os cantos da boca tremendo como se eu não percebesse. Não sou idiota, Ava! Não sou o mesmo idiota! O mais engraçado foi ver você andando difícil entre as raízes tortas do mangue quase seco. Salto na mão. Os que ele deu. Anel que ele deu. Vestido que eu te dei. Não adianta dizer-me que comprou; você não tinha pra isso. Era uma promoção, amor... Amor? Promoção?! Não azucrine minha inteligência, deve ainda ter ido ligar pra ele do banheiro naquele dia; por que demorou tanto e tanto, fui procurar seu celular em todo canto; procurei-o, assim, igual um rato nas suas camisolas finas. Aí, tive ideia de ligar. Ficou em segundo plano, e você saiu com ele do banheiro. Ah! Depois de tudo, teve coragem ainda de me denunciar. O fato é que eu cansei de ficar de trás, olhando-o tentar fugir; só me excitei mais quando

vi você acelerar o passo, quando, olhando pra trás, me viu, Desgraçado, filho da mãe! E você devia já sentir que não tinha como. Fez um movimento, deve ter tirado da bolsa, não é? Não adiantava esconder! Achava que eu ia morrer, não é? Com um só tiro na barriga?!...Você tinha que manter as aparências, devia estar na festa hoje, as pessoas deviam vê-la feliz e limpa, sem saber que em casa iam me achar no seu tapete de pelúcia francesa! Mas seus olhos ficaram de peixe me vendo entre eles que dançavam e bebiam com livros na mão, todos assim tão fingindo ver quadros nas paredes... E você, tropeçando no escuro. Eu, já perto, ouvia até seus sussurros próximos. Ao fundo, nenhuma luz; tava tão longe ainda a saída da universidade onde o Rodrigo de Almeida Burgos ia pegá-la. Nem luz do farol, que deve ser o sinal que vocês combinaram, dava pra ver perto da saída do mangue... Mas foi aí, olha só, hein, foi aí que você se abaixou, e não adianta me dizer que não. Abaixou, não foi?! Olha sua mão toda suja de lama podre, Ava! Começou a cavar, não foi?! Me diz, Ava! O que você tava fazendo?! Você enterrou ali, não foi? Porque eu não consegui achar; mesmo fazendo isso com você e você não fala, sua merda?! Deve ter-se achado muito esperta! A gente não sai daqui até você falar! Seu fim, você que esconde.

Bexiga sem linha

Bexiga sem linha

Entre tantos pela rua andando, vai o pai à frente, desviando suas rugas de preocupação das dos outros que procuram perder as suas nas lojas. Vai à frente, puxando o pequeno. O que puxou a mãe. É mais claro que o pai. Quatro anos ou cinco. Aos passos largos, vão. Ele é sozinho agora, tinha de acostumar...

– *Que horas, moço?* – Perguntou uma senhora com muletas. Têm muitos perto do hospital.

– *São; são...* – e procurava, com as duas mãos, entender o relógio no braço – *é cinco e meia.* – e era já, pois o sol já ia indo, escurecendo o envolta... E a senhora continuou:

– *É que eu to com uma parente ruim no hospital, sabe...* – Genuíno, a olhou, parou por um momento e de quase engasgando disse:

– *Melhoras pra ela, ela vai passar por isso... Eu sei como é difícil...*

– *É assim mesmo, moço... Se Deus* – Mas a senhora parou ao ver que o homem se arregalou:

– *Liano? Cadê Liano?*

– *Como moço?*

Genuíno olhava de um lado e de outro; sua mão nem se quer falta sentiu?! Como pôde! E o menino? Onde tava?! Agora, tava sozinho! Agora, tava... Nem tinha um dia! E a cabeça quente, espremendo água!

– *Liano! Meu filho! Oh, meu Deus!!* – Gritou até que sacudissem os outros perguntando...

Os braços erguidos, como que tateando pra sentir tudo em torno, querendo-o de volta. Querendo tudo normal, todo mundo

junto de novo. E ele já começava a sentir o frio da água nos olhos, até que olhando perto de uma; de uma farmácia: viu o menininho loiro agachado na calçada. Foi correndo sem sentir o chão!

O menino olhava algo ao...

– Não faz isso nunca mais, meu filho, não faz!! – E o pegou no colo, como se fosse um mole boneco alvo. – Não faz!

– *Na-Não papai! Não... Deixa eu comprar pra ir! Eu quero!*
– E apontava o menino pro chão sem nada do susto entender... – *Eu quero dar pra mamãe! Ir na mamãe... – e começava já a chorar...*

– *É o quê?* – Perguntou Genuíno ainda sem compreender muito... Mas só conseguiu ligar quando olhou ao chão e viu uma redonda moeda de vinte e cinco centavos... O menino apontava pro colorido vendedor do outro lado da rua... E parou. Pôs o menino de olhos com os seus:

– *Pra mamãe não vai dar Liano... Pra ir não vai dá.*

E o menino não entendia... Começava a apertar, doído, a boca.

– *Não. Não chora. Tem de aguentar. A gente já conversou sobre isso...* – Diziam pra ele que ela tava longe, depois do céu, pra lá...

Genuíno, mais calmo, pôs o menino ao chão. Ajeitou o cabelinho louro dele...

– *Agora é só a gente. – Mas era...* E foi pensando assim que o pai não percebeu que, enquanto andava, puxava o menino demais, estavam atrasados. O pequeno ia-se enchendo, pois Liano ainda queria (olhando o vendedor de balão que ficava pra trás), queria ir até. Ir pro céu... Com a cabeça leve, atravessaram a rua.

O menino, puxado, tropeçou... Mas não caiu no chão: o ar não se segura.

O pai tentou puxar a linha, sua linha, mas linha não tinha... Liano, flutuando, foi amarelo que nem outro balão, seguindo pro céu, até que estourasse e fosse com a mãe.

A bola de toalha azul

A bola de toalha azul

Júnior é aquele segurando o bebê da Carla, o de suéter bordado de vermelho; casou em uma igreja mês passado. É que ele sempre quis ter filhos. Uma menina de bonecas gosta de brincar de mãe, dar de mamar, cozinhar em um fogão rosa, mas ele não! Não brincava de coisa de meninas. Não era assim... A Carla era carlinha; a mamãe não podia; eu estudava. E o que ele fazia? Adorava tomar banho sozinho. Ia ao banheiro com sua toalha azul, pequeno que era, a toalha maior que ele. Trancava-se no banheiro e rápido fazia uma bola com sua toalha azul. Não a chutava, colocava-a perto de si, punha-a debaixo da blusa... “Uma bela barriga senhora! Parabéns! Quem é o pai?” Ouvia eu do sussurro de sua voz, enquanto o espiava da janela. Mamãe nunca desconfiou, até naquele dia que abriu a porta e viu o Júnior no chão, fazendo força e esperando a toalha chorar...

Quem ri por último, ri melhor;
Touche du Thanathos;
Cotidiano em três cenas;
Lições

JOSÉ RONALDO SIQUEIRA MENDES

José Ronaldo Siqueira Mendes é carioca, tem 40 anos, casado e com uma filha abençoada chamada Clara. Formado em Direito e em Letras, com especialização em Literatura Brasileira, atua como professor de Português e Literatura em instituições públicas e privadas no interior de Minas Gerais. Venceu o IX Concurso Cleber Onias Guimarães, a V edição do prêmio Barueri além de outros e está em algumas antologias espalhadas pelo país como Concurso Sesc/DF Machado de Assis, o Sesc/AM, o VI CLIPP e o 6º Prêmio UFF de Literatura. No início de 2012 lançou o livro O prisioneiro, pela editora Caki Books.

Lições

Lições

- *Quantos que custa, moço?* – perguntou o menino.
- *Completo?* – respondeu o homem.
- *Isso! Completim, com direito a tudo!* – reafirmou o garoto.
- *Quatro reais.* – disse o vendedor.

Eram três. O mais velho não aparentava ter mais de dez anos, e, pela aparência deles, pelos traços idênticos, podia-se presumir alguma sincronia genética de irmandade. Virando as costas para o vendedor, confabularam entre si, cochichando, na intenção de fecharem negócio.

– *Quanto você tem aí? Me dá pra interar!* – obrigava o mais velho.

– *Mas é tudo que eu tenho....* – simulou um chorinho manhoso o que parecia ser o mais novo, entregando, enfim, o que possuía.

– *Só tem isso aqui, ó! E nem vem que num tem mais!* – entregando de pronto os centavos que possuía, o irmão do meio levantava os braços, naquelas poses de jogador de futebol que mostra não ter culpa na falta, para terminar o enredo.

– *‘Xô vê quantos que tem... Ih! Num dá não.* – lamentou o líder daquela tropa que, voltando-se ao vendedor, barganhou – *E sem a batata, o milho e a ervilha, quantos que custa?*

– *Bem, aí dá pra fazer por três reais.* – respondeu o moço, atendendo outro cliente.

A praça estava cheia. Fim de semana era sempre assim, fervilhavam almas desgastadas pelo sol da lida na lavoura, consumidas pelos ombros arqueados de descarregar caminhões e

evaporadas em mungidias madrugadas de leite. E provinha gente de todos os cantos da cidade e de fora também. Os povoados rurais divertiam-se na cidade nos esquálidos dias de descanso.

O três irmãos tinham acabado de sair da missa, regra disciplinar imposta pela mãe: “Sair pode, mas depois de cumprir com as obrigações de Deus!” Estavam arrumados para o passeio, ou quase, com o que tinham de indumentária: camisas de malha desbotadas e puídas, bermudas de uniforme escolar e sandálias japonesas recomendadas até na composição química da borracha. Sempre desejaram comer um daqueles monstruosos cachorros-quente da carrocinha, daqueles que escondem o rosto do sujeito de tão grande e que é impossível abocanhar todos os ingredientes numa dentada só.

Durante aquela semana, não fizeram gasto excessivo nenhum, embora já não o fizessem mesmo. Como iriam gastar o que não tinham? Bem, pelo menos evitavam usar as poucas moedas que tinham em balas e chupe-chupes desnecessariamente. Decidiram que seria naquele domingo, depois da missa. O desejo já os estava consumindo. A vontade alucinante chegou até a interferir no pequeno imaginário dos três meninos, com sonhos, redações na escola e até nas preces. Estavam, ali, decidindo suas realizações e frustrações.

O menino, ao ouvir a resposta do vendedor, coçou a cabeça, fechou a mão e colocou-a sobre a boca, num desses gestos mecânicos que fazemos para pensar melhor, finalmente disse:

– *Ô, moço, e se o senhor só colocar a salsicha no pão, sem molho, sem nada. Nós nem usamos quétichupi, nem maionese, nem coisa alguma. Quanto o senhor faz pra nós?*

– *Ô, menino, diz aí, quanto é que vocês têm em dinheiro, afinal de contas?* – questionou o homem, sem perder a paciência, manso e tranquilo. Conhecia a realidade da sua região. Sabia das dificuldades do povo, também sofrera quando moleque.

– *Este é todo nosso dinheiro, ó.* – e abrindo a palma da mão, deixou-se mostrar umas poucas moedinhas que mal e mal perfaziam o ridículo montante de um real – *Juntamos a semana inteira!* – sorria o menino, tendo os outros irmãos às costas, arreganhando os dentes em caquinhos já inutilizados pelo desleixo.

– *Ih! Cambada. Isso aí só dá pro pão!* – lamentou-se o vendedor, vendo a impossibilidade de ajudar os três Jasõesinhos a terminarem sua jornada.

Mais que depressa, sem se abater, o mais velho coloca as pratinhas em cima do carrinho e, esfregando as mãozinhas raquíticas, diz:

– *Tudo bem, negócio fechado. Mas moço, o senhor poderia nos fazer um favor?* – pediu o pequeno ao vendedor.

– *O que é?* – pergunta o vendedor, recolhendo as moedas e pegando o pão.

– *Dá pro senhor cortar o pão bem devagar e demorar a entregar, como faz com os outros? Só pra gente sentir o gostinho e pensar que é completo?* – falou o moleque, enquanto seus irmãos balançavam a cabeça afirmativamente.

Aquilo arrebentou o peito do vendedor. Também tinha família e filhos. Não tinha a vida fácil, ao contrário, era bem dura a sua labuta. Pegava cedo no batente, descarregando caminhões de saco de cimento, de manhã até altas horas da noite. Fins de semana, para ter um algo a mais, tinha a carrocinha. Lembrou-se da infância desgraçada que tivera. Engraxate, vendedor de sabugos de milho para as casas que não podiam comprar papel higiênico, tocador de gado, tudo. Aquelas três pequenas manchas de humanidade resgataram uma infância triste daquele homem e eram seus companheiros de tormenta, compartilhavam das mesmas necessidades pelas quais ele também passou um dia. Olhando os meninos, disse-lhes:

– *Completo, né, senhores!*

– *Na...não, moço! Só o pão! O dinheiro num dá!* – interrompeu o mais velho, pensando haver ali um mal entendido e o seu desespero foi crescendo à medida que o vendedor preparava o cachorro-quente com a salsicha, o molho, o milho, a ervilha, a batata palha e até o ovinho de codorna por cima. – *Como é que vamos pagar isso?* – pensava amedrontado.

O vendedor olhou-o e piscou-lhe, como quem tranquiliza um amigo, chamando toda a responsabilidade para si, e atalhou:

– *Eu acho que um cachorro pros três é muito pouco! Hoje vou fazer uma promoção especial pra vocês. Três pelo preço de um pão. Que tal?*

Os meninos arregalaram os olhos. Não podiam acreditar que aquilo estivesse acontecendo com eles. Por que logo eles, tão pobres, tão desgraçados, tão esquecidos? O mais novo chorou um choro de alegria, choro pequeno mesmo, contentamento enorme. O do meio, fazendo o sinal da cruz, agradecia ao Papai do Céu a benção e o presente maravilhoso que tinha recebido. O mais velho só olhava a cara do moço, com um meio sorriso nos lábios. Analisava aquele homem que os ajudava sem saber nem de onde eles eram. Ao receber seu sanduíche, o mais velho fitou o vendedor bem no fundo dos olhos, alcançando sua alma, e disse-lhe:

– Muito obrigado, moço! O senhor vai ser muito feliz! Deus te pague!

– Não há de quê! A vida é uma mão na outra! – disse por fim o vendedor, ainda intrigado com o olhar daquele menino.

Hoje, estão *re*-inaugurando a praça. Novos tempos, prefeitura atuante, povo satisfeito. O novo prefeito remodelou tudo, aperfeiçoou o que já havia, melhorou saúde e educação e construiu pouca coisa nova. Investia mais no aspecto social do que no físico da cidade, mas teve que alterar a praça, ampliá-la mais, a cidade prosperava economicamente, cresceram a indústria e o comércio, tudo graças a ele. A população marginalizada era meta prioritária naquele governo municipal e nunca era deixada para as sobras de recurso. A praça seria rebatizada. Nenhum ex-presidente, ex-prefeito ou herói nacional. Nenhum parente de algum poderoso da cidade. Pelo contrário, o nome da praça seria uma homenagem a quem nela trabalhou por muitos anos, e a quem o prefeito tinha muita estima. Com os olhos mareados, em seu discurso de descerramento da placa, teceu inúmeros elogios ao homenageado, um vendedor de cachorros-quentes.

Cotidiano em três cenas

Cotidiano em três cenas

Cena I

Finalmente, meu lar. Véspera de Natal o *shopping* fica lotado. Todos os olhares nas vitrines e nós sendo vitrines de todos os olhares. Os pensamentos alheios nos fitando, filtrando nosso caráter, nosso potencial de consumo: “Deve ser rico!”, ou então, “Ih! Pé rapado! Vai comprar seis meias, não dá nem para a comissão do vendedor...”.

Sento-me na poltrona. Tiro os sapatos. Como me apertam os calos! Pés calejados, mãos calejadas, alma calejada. Calço meus chinelos para ver se conseguem dar algum conforto ao meu corpo. Pego o jornal. Abro-o aleatoriamente na parte literária. Arte. Foi-se o tempo em que arte era *ars*. Hoje, a ideologia da estética não a vê mais assim. Hoje, arte é preço, é lucro, é oportunismo que eleva a sombra da mediocridade às cadeiras imortais da academia. Fecho-o.

Vou à cozinha pegar um refrigerante. Pego-o. Abro-o. Encaro-o como se, assim, pudesse encarar todo o complexo sistema capitalista-explorador que aquela marca representa. Enervo-me. Imponho-lhe restrições e sanções. Encaro-o como para mostrar-lhe que temos força, que podemos mais, que, afinal de contas, somos o Povo. O adorado e glorioso Povo de Marx. Escarro nele. Depois de certo tempo, bebo-o, com escarro e tudo. Deixo empurrarem-me aquela gosma cáustica garganta abaixo. Como sempre o fizeram. Sem reclamar. E o pior de tudo é que ainda sinto prazer nisso. Não há mais o que fazer.

Volto para a sala. Passando pela *bombonière* na arca pego o último bombom. Abro-o. Aprecio-o. Uma caixa deles fora o último presente da última mulher que tive. Não sou bom em meus relacionamentos. Geralmente, duram o período existencial de uma caixa de bombons. São sempre doces e passageiros. Mentalizo-a. Metaforo-a no bombom. Delicio-me, devorando-a.

Procuro no bolso da calça, meu isqueiro. Sempre demoro a achá-lo, quando não o perco. Por isso, só compro os baratos. Se Prometeu soubesse que o fogo roubado do Olimpo teria essa finalidade no futuro, não teria cometido o crime. Os abutres não se alimentariam eternamente. Acendo meu cigarro. Prazer. Prazer mesmo deve ser parar de fumar. Já tentei. Fiquei, no máximo, cinco meses. O Homem é um bicho burro mesmo, sabe que essas merdas matam, mas não deixa de fumar, de beber, de cheirar, de injetar, de comungar e de casar... Ô raça!

Ligo a TV. Passa uma propaganda de supermercado. Lembro-me de que estou sem gilete e sem palha de aço aqui em casa. Amanhã os comprarei.

Começou o programa. Aquele decano *reality*, pai de todos. Vou espioná-los enquanto eles monitoram minhas terminações nervosas, minhas ramificações e células cerebrais, enfim, domam-me e reestruturam meu bulbo e cerebelo. Minam-me. Põem-me arreios e montam-me. Xucro não mais. Manso e dócil como um cordeiro prestes a ser imolado ao falso ídolo. Adormeço.

Cena II

Ainda bem que cheguei a tempo. Já pensou se eu perco o meu programa favorito! Mas, graças a Deus, ainda há prazo. O dia lá no *shopping* custou a passar. Também pudera, né, véspera de Natal é sempre assim, lota! Aquilo lá mais parecia o trem da Central que eu tenho que pegar todo dia.

Meus pés tão me matando. Fiquei em pé o dia todo atendendo gente. E cada peça que me apareceu hoje, viu! Teve aquela bicha velha com rapazinho a tiracolo e tudo. O rapaz era muito bonitinho mesmo, e ganhou quase um guarda-roupa inteiro de presente de Natal da “mona”. Pareciam até recém-casados. E a peruona toda emperequetada que queria por que queria a saia da cor verde limão *shock*! Eu a avisei que a saia só tinha nos tons azul e amarelo, mas a desinfeliz queria porque queria verde limão *shock*. Não só me perturbou a paciência como foi reclamar com a gerente “que eu não estava sendo bastante atenciosa para com ela”. Ah! Vai

te catar fedegosa!! Vai procurar serviço! Ainda bem que a gerente presenciou tudo e ficou do meu lado. Defendeu-me. Fiquei superultra feliz. Nunca ninguém havia me defendido antes. Gostei. Mas continuo com dores nos pés. Cadê os chinelos? Onde os coloquei? Ah! Tão aqui! Ahhhhh! Que bom tirar os sapatos.

Tenho que ligar para a Graça. Bem que o horóscopo do jornal disse que eu ia achar minha alma gêmea hoje. Tava lá, em capricórnio: “Hoje o dia é propício a relações duradouras e confiáveis. Agarre as oportunidades com unhas e dentes, pois nunca se sabe se elas retornarão outro dia.”, e não é que deu certo? O Valmir, segurança, me convidou para almoçar. Pagou tudo, a comida o refri. Me deu até um bombom de sobremesa. “Um perfeito *gentleman*”, diria a minha mãe. Acho que tô apaixonada!

É, fia, tá ficando veia! Tu é do tempo em que ainda passava propaganda de cigarros na TV. Ainda bem que parei de fumar. Faz uns cinco anos. Nem isqueiro tenho mais. Para não dizer que não tenho, tenho um, bem velhinho, velhinho, que uso para acender o fogão. É mais econômico que comprar fósforos ou aquele aparelhinho de acender fogões que a gente compra de camelô, importado ou falsificado no Paraguai, e sempre arrebenta depois de três meses de uso.

Ih!! A imagem da TV tá uma bosta! Deve ser a antena. Vou colocar palha de aço, peraí. Pronto. Tá jóia! Nossa! Isso de palha de aço na antena é muito pobrinho! Lembra os tempos do grupo escolar, quando quem tinha apontador era apontado como grã-fino. O resto fazia a ponta do lápis era com gilete mesmo. Começou o programa. Ahh! Olha só o apresentador! Como é bonito esse homem gente! Tudo de bom! Ah! Moço bonito, eu queria que você me espionasse toda!!! Ahhhh!!!

Cena III

Odeio o Natal. A véspera é pior ainda. Você sabe que não tem para onde fugir, ele chegará, o Natal. Acendo um cigarro. Ando apressado. Parece que vai chover. Trago-o como quem come pela primeira vez em dias: ávido. Aperto o passo. Esse tênis é confortá-

vel, tem absorvedor de impacto, perfeito! Melhor do que o chinelo que ganhei de presente. Odeio chinelos, lembram-me do velho. Quero deletá-lo da memória, a minha.

Pego um ônibus. Ao meter a mão no bolso para tirar o dinheiro da passagem deixo cair o meu isqueiro que é, em seguida, recolhido e confiscado por um mulato mal-encarado. Eu o vejo ficar com ele e nada faço. “Não vale a pena brigar por isso!” Era o que o velho dizia. Velho idiota! Sento-me. A moça na minha frente folheia o jornal. Leio a manchete da página bem rápido, antes que ela mude de novo: “Crescem as expectativas de venda na época do Natal.” Claro que crescem! Famílias inteiras se digladiando pelas melhores ofertas nas ruas e nos *shoppings*. Foi-se o sentido real do Natal. A família. A Sagrada Família. Esse é o principal intuito de se comemorar o Natal. E não a porra das compras! A porra da ceia! A porra da árvore! Exalto-me. Principio a lacrimejar. Tento reassumir o controle. Há três anos que deixei de usar os ansiolíticos e é a primeira grande crise que enfrento livre. Livre de tudo. Livre de todos.

Olho pela janela. Vejo a cidade à noite e seus olhos luminosos me veem também. Ela me encara. Ela me conhece. Julga-me. Ela sabe quem sou. Vejo o luminoso daquela famosa marca de refrigerantes. Vermelho. Como eu sou por dentro. Vermelho. Como é o meu ódio. Vermelho. “Isso são horas de chegar em casa, vagabundo!” Era o que ele diria. Velho estúpido.

Chego a casa no momento em que a chuva cai. Cai não; desaba. Chuva grossa, torrencial. Ligo a TV. Propaganda. Uma marca de bombom. Não sei por que esse tipo de doce lembra minha infância. A época que eu era ingênuo, inocente. Vai ver, é uma associação de ideias e memórias entre doce e infância. Vai saber. Pode ser. Lembro-me de minha mãe dando-me, sempre aos domingos, um bombom, depois da missa, quando saíamos da igreja e passávamos pelo cego que vendia doces. A Sagrada Família. “Não acostume mal esse moleque, Ana!” Era o que ele dizia. Velho imbecil.

A chuva está aumentando. Igual aquele dia. O dia em que morri. O dia em que ele morreu para mim. Sozinho em casa. Ele na sala de TV. Bêbado. O normal. Mamãe havia saído para fazer as últimas compras do Natal, as compras da véspera, com a chuva forte deve ter ficado presa no trânsito. Vai começar o *reality show*. Odeio esse programa de merda! Muito torpe. Muito vil. Muito sujo. Ele... Eu estava no quarto. Estudando. Sempre fazia tudo para agradá-lo.

Nunca o consegui. Tinha doze anos naquele tempo e já trabalhava só para não pedir mesada. Estudava muito. Jogava bola, nadava, contudo o porte físico ainda era mirrado. Ia à missa. Fui até escoteiro. Mas nada conseguia fazer com que eu o contentasse. Que ficasse feliz comigo. Ele chegou à porta do meu quarto. Trôpego. Alcoo-lizado. Entrou no quarto. Trancou a porta e desabotoando as calças me chamou para perto dele. Não obedeci, e fui recuando até a janela para que eu pudesse pulá-la, já que morávamos em casa de um só pavimento. Ele então, num frenesi de guerreiro nórdico, deu um salto que mais parecia um bote de jibóia, surpreendeu-me com um soco, rendeu-me e... “Papai faz isso por que te ama muito.” Foi o que ele disse. Velho filho da puta!

Começo a chorar. Descontrolo-me. Era véspera de Natal. E minha própria Sagrada Família me havia dilacerado. Crucificado. Hoje, minha mãe não existe mais. Nem ele. Foram-se, mas não se foram. Sempre me lembro deles. Vou ao banheiro. Volto para a sala. A poltrona em frente a TV. Fito a TV. Encaro a gilete que trago nas mãos. A lâmina da verdade, a que expõe tudo. A que traz à tona toda a lama que há dentro de nós. Passo-a nos pulsos. Jorra sangue. Muito sangue. Esguicha sangue na tela da TV. Vermelho. Minha pressão cai abruptamente. Suo frio. Enjoo. Vomito todas as marcas que comi no chão da sala. Turva-me a vista. Embaça-me a visão. Vermelho. Já não ouço mais a TV. Já não ouço mais a chuva. Já não ouço mais meus pensamentos. Tenho, num relampejar de minha mente, uma memória. A última. Outra marca de minha inocência. Quando faltava luz em minha cidade, lembro-me de amarrar um barbante em palha de aço, acendendo-o e rodando por sobre minha cabeça, fazia milhões de estrelinhas. Vermelho... Eu era um farol... Vermelho... Um farol para o devir... Vermelho... Um farol para o futuro... *Senderos...*

Quem ri por último, ri melhor

Quem ri por último, ri melhor

O jogo era simples e extrovertido, um pif de sábado à tarde, desses em que todos se conhecem e se divertem com os causos contados entre um embaralhar e outro de cartas. O grupo já tinha esse ritual havia tempo: a não ser nas datas comemorativas, todo sábado era dia de pifinho na casa do Bastos. Parecia que a maré de sorte estava tendendo para um jogador apenas:

– *Bati!* – disse o Seixas, rindo-se todo, satisfeito de vencer mais uma mão e contabilizar mais algum dinheiro em seu bolso.

– *Droga! Assim não é possível! Só esse porcaria é que bate!*

– *Bosta! Num tem jeito, o homem tá com a sorte toda do lado dele!*

– *Parabéns, Seixão! Levou a gente de novo!*

O Seixas estava feliz. Já tinha uns mil contos no bolso e a jogatina mal começara, passavam apenas duas horas de jogo. Estava com a fortuna, ela própria, sentada em seu colo:

– *Tu deve é estar com uma baita galhada na cabeça, seu corno!* – disse alguém, e todos se puseram a rir estrondosamente, incluindo o próprio Seixas.

O Japeri não estava lá muito satisfeito, tinha já perdido todo o dinheiro, parada após parada, dobrando todas as que podia, só levando ferro. Mesmo as mãos que saíam boas, com dois jogos, par e liga, jogo que não dura uma volta, o pobre diabo demorava, até que o Seixas batia na frente e lhe levava o dinheiro. Estava quebrado, não tinha mais nem um puto no bolso:

– *Posso pagar em cheque, negada! Fali os cascalhos do bolso!*
– perguntou aflito, pedindo anuência aos outros participantes, temeroso de ter que parar de jogar, ainda cedo do dia.

– *Que é isso, Japeri! Já alisou? Manera, véi! Olha as obrigações!* – alertou o professor, sempre preocupado com os outros no tocante ao comedimento, pois ele mesmo, outrora, perdera a compostura para o álcool, caso já contornado havia mais ou menos uma década.

– *É tu que me sustenta por acaso, ô seu baitola! Que é que tu tem a ver com minha vida, seu filhadaputa!* – estourou o Japeri ante o aviso do amigo. Transtornado, olhar alucinado, tremelizando o olho esquerdo em sinal de estresse, assinou um cheque de Algarismos, jogando-o na mesa. A turma cessou as brincadeiras para com ele, viram a alteração do companheiro de carteadado, a qual deixou o pobre professor avexado, pedindo desculpas, sem graça de todo.

O Seixas pegou o cheque, analisou o montante e troçou do colega:

– *Como é que é, Japeri, vais querer perder tudo de uma vez ou é para trocar para você ir sofrendo aos cadiquinhos?* – e toma nova saraivada de risos e gargalhadas a chibatearem a alma e a estima do perdedor do dia.

– *Numa lapada só, quero ver se você consegue me tomar esse cheque, seu égua!*

Os outros jogadores ficaram de espectadores e testemunharam nova surra do Seixas no pobre lombo curtido do Japeri. Bufando, esse pegou as chaves do carro e as atirou na mesa, pedindo revanche. Seus amigos tentaram dissuadi-lo a não cometer tamanha sandice, que aquilo era jogo de amigos, não carecendo tanta animosidade, ao que o Japeri mandou todos ao inferno e, encarando o Seixas, perguntou:

– *Como é que é, seu bundão, não tem colhão para me enfrentar não?*

O Seixas, sempre sorridente, acenou afirmativamente. Embaralharam as cartas, distribuíram-nas, sempre de três em três. O

Japeri começou a tremer; novamente, dois jogos, um par e liga, com várias possibilidades. Ao que ia pegar a primeira carta, o Seixas segura-lhe o braço, dizendo:

– *Sinto muito, Japera, mas não é mesmo seu dia. Saí batidim de todo, três jogos prontos de mão!* – riu mais agora, enquanto o seu oponente, perplexo, ia retirando as cartas do baralho para ver onde estaria o seu bate: era a segunda carta do monte. Os outros jogadores quedaram-se apreensivos, notaram que o Japeri perdeu a cor, mas mantinha um olhar vermelho sangue, algo ruim em suas vistas. O Seixas esticou a mão para apanhar as chaves do carro e, em seguida esticou de novo, pedindo a documentação do veículo. Os amigos protestaram, reclamaram que aquilo era para ser um joguinho para passar o tempo, que não havia necessidade de Seixas exigir o carro do Japeri, já que todos ali eram amigos e colegas. O dono do carro retirou o documento do bolso e entregou-o, falando:

– *Quando eu precisar de advogado de porta de cadeia, eu mesmo contrato um, viu! E além do mais, aposta é aposta; não sou menino, tenho palavra ainda!*

O Japeri ficou pensativo um momento. Um silêncio assolou a mesa, a sala e seu interior. Não tinha mais muita coisa com que pudesse chamar o Seixas para outra aposta. Não tinha casa própria, mas ainda tinha seu hectare de terra boa lá pras bandas do Córrego Novo, terra boa de café bebida. Todo mundo estava de olho naquele filete de terra e ele sempre a enjeitar proposta. Sugeriu jogá-la, dessa vez ninguém mais se interpôs, compreenderam o último aviso. O Seixas arregalou os olhos da cobiça e topou na hora, sem nem pensar duas vezes. Deram as cartas. Novo azar de Japeri. Estava, literalmente, a zero.

Precipitou-se a sair da mesa. Levantou-se sem estímulo; milhares de pensamentos trombavam-se em seu âmagô, querendo liberdade, pois renunciava-se a erupção. Estancou de costas, perto da porta, e ainda lançou uma última proposta ao Seixas:

– *Seixas, quero revanche. Você aceitaria outra aposta?*

– *Só se for a tua vida, ô Japera, tu não tem mais nada!* – e escancarou-se a rir, não sendo acompanhado por mais ninguém, já que todos estavam muito abalados com os acontecimentos das últimas mãos.

– *A vida não, aposto a alma!* – e jogou, como num lance de dados mallarmenianos, uns olhos inquiridores, sinistramente oblíquos, enegrecidos pelo fel do ódio e da vingança.

– *Taí, aposto!* – disse o oponente num tom zombeteiro – *A minha não vale de nada mesmo e se eu ganhar a tua, pelo menos te azucrino por toda a eternidade.* – riu mais escrachadamente ainda.

Todos os outros participantes do jogo deixaram a mesa, não queriam compactuar de bizarra aposta. O Japeri voltou ao seu assento habitual. Estava sério, retesado, mas parecia desprovido de sentimentos, como um dente sem terminação nervosa, insensível até o extremo. O jogo era o mesmo, só a forma de jogar do Japeri é que mudou. Estava mais lúcido, verdadeira pedreira, na qual o Seixa estava passando por sufoco para por abaixo. Japeri descreitava as cartas que não serviam ao Seixas, enquanto apanhava um bocado do lixo que iam se encaixando em seu jogo, vomitando outras já apanhadas de lá, só para confundir o adversário. Seixas suava, pensava que, na pior das hipóteses, se perdesse aquela mão, devolveria as coisas do colega, para que não ficasse mal visto pela turma. Japeri não pensava em nada, só em derrotá-lo.

De repente, do nada, alguém gritou:

– *Bati!* – e era Japeri, com três jogos de dois, uma das combinações mais difíceis de alguém fazer, nove cartas do mesmo número com auxílio de um coringa. Japeri deu uma risadinha debochada, mas aguda, algo não condizente com este mundo.

Seixas, então, principiou uma sonora gargalhada, estufando-lhe a veia do pescoço e uma enorme que lhe singrava a testa. À medida que se passavam os segundos, a intensidade dos risos aumentava, esbugalhou os olhos, abanou as mãos como pedindo auxílio, enquanto os colegas lhe batiam nas costas ou abanavam-no com revistas. Japeri testemunhou a tudo, imóvel, impassível, mãos cruzadas segurando o queixo, como se esperasse um desfecho já antecipado a ele em sonhos e névoas maléficas. Por fim, Seixas coloca ambas as mãos no pescoço, como se tentasse torcê-lo, para interromper o fluxo das gargalhadas. Em vão agiu de tal forma, até que chegou ao limite, projetando-se, inertemente sem vida, por sobre a mesa, esparramando o baralho por todos os lados, morrendo engasgado pelas próprias risadas de menosprezo e humilhação.

Pacientemente, Japeri recolheu todos os seus ex-pertences, agora reincorporados a ele novamente, mais os pertences do finado, colocou o chapéu na cabeça e, antes de se despedir, tocou com o dedo indicador a testa do defunto Seixas. Como se um resquício da benção dada a Lázaro ainda coexistisse nossa dimensão, o corpo, antes inerte do falecido, começou a estribuchar-se freneticamente, soltando brados e gemidos numa língua há muito esquecida e, ao que parecia, só o Japeri sabia de seu conteúdo. O pouco tempo em que se deu a bizarra cena, todos os que a testemunhavam estarreceram-se, uns chegando a levantar os pés do chão, sentados nas cadeiras, com receio de que a terra os tragasse. Ao término daquela dança mórbida, o Seixas tem sua segunda morte, se isso é possível, estatelando-se no chão, de braços abertos, quieto e imóvel, definitivamente. Japeri, então, despediu-se, saindo porta afora num assobiozinho de satisfação e vingança, para nunca mais ser avistados por ninguém na cidade.

Daquele dia em diante, o grupo de amigos abandonou completamente o jogo de cartas, não fazendo nem menção do antes tão adorado prazer pelas mesmas. Dizem por aí, que a turma aderiu a um novo passatempo nas tardes de sábado: palavras cruzadas.

Touchè du Thanatos

Touchè du Thanatos

– *Você vai ver só, seu velho filho da puta! Quero ver você chegar nos cem!* – uns olhos arregalados ao fundo de um rosto transfigurado, mais parecendo um bizarro mosaico asteca construído atrás de alguma cachoeira mística, tal era a sua sudorese facial.

Ele todo descontrolado, escondendo-se numa das incontáveis grutas indígenas que se multiplicavam pelas encostas do desfiladeiro do cânion. Um eco de vento alertou seus ouvidos equinos. Respirou-o como calmante:

– *Maldita tradição! Tinha de ser ideia de gringo mesmo, essa porra! Tudo um bando de velho vagabundo e filho da puta!* – sussurrou ferozmente – *Mas a mim não, violão! Vou fugir à regra.*

Encostou a cabeça e, intrometidamente seguindo por um impulso, as costas, na gélida parede limosa da caverna. Lembrou-se de seus tios e primos, todos tão cordatos e pautados em retidão e ele sendo o amálgama de erros, intempéries e insucessos de sempre.

Até os sete anos, brincavam e faziam tudo o que qualquer criança normalmente fazia: divertir-se, rir e malcriar. Natural. Humano.

– *Eu não! Vou ser exceção! Nunca irão chegar nos cem! Essa cambada de doido de merda!* – falou por entre os dentes, olhos injetados e alucinados a vigiarem a entrada da gruta.

Recordava-se, agora, quando três dias após completar seu sétimo aniversário, aproveitando-se da presença de todos os seus parentes, foi submetido ao ritual da família Carmine. Soubera depois que fora um rito instituído pelo seu bisavô que fugira da Bélgica nazistalizada e se refugiara por aqui. Ele criou o método Carmine de educação e correção para que os seus descendentes pudessem ser homens de escrúpulos, espíritos fortes e disciplinados.

– *Que vá disciplinar a vaca da mãe dele então, porra! Porque não relevam essa merda? Somos todos do mesmo sangue!* – falou, dardejando olhares sorrateiros a todos os lados, freneticamente alterado – *E por qual razão tudo isso? Culpa daquela prostituta casada com o Jean que me infernizou a vida toda? Caramba, não sou de ferro!*

A partir do sétimo aniversário, a vida, as coisas cordatas e as irresponsáveis, haveriam de ter um sentido único para todo e qualquer Carmine, homem ou mulher. Todo aniversário de sete anos era uma convocação geral para todos os descendentes do velho Baptiste, seu bisavô. Onde quer que estivessem, em qualquer recanto escondido no mundo, eles compareciam ao aniversário.

Após as comemorações de praxe: brincadeiras-presentes-parabéns-bolo, dava-se início ao ritual. Este consistia num grande círculo ao redor do iniciando, onde, por várias horas, um quarto de dia mais ou menos, orações em altíssimos brados eram feitas ininterruptamente, para que aquela pequena alma fosse iluminada e tivesse suas dívidas espirituais perdoadas.

Seguindo a essa maratona exegética cansativa, os homens gritavam a todos os pulmões os pilares básicos da doutrina Carmine: retidão-obediência-disciplina, por um enésimo número de vezes. Por fim, o pai do aniversariante se aproximava e lhe explicava o que aconteceria dali por diante, dizendo que a vida seria a mesma, mas que não poderia mais se comportar de forma irresponsável. Deveria ser uma criança obediente e sempre cumprir suas obrigações, correndo sérios riscos caso desobedecesse.

– *E o pobre Michel? Bando de covardes! Ele só queria ser feliz! Se ele era gay, dava o que era dele e estava satisfeito daquele jeito! Precisavam fazer aquilo? Uma alma que não atingia ninguém? A criatura mais inofensiva que conheci!* – aumentou um pouco a voz sem se aperceber disso. Na sua mente confusa, mil variações sobre um mesmo tema teciam subtextos que se entrecrocavam num *maëlstrom* amórfico e atemporal. Precipício da razão.

Explanaram-lhe sua real situação a partir daquela comemoração natalícia marcante: para cada erro, mentira, desobediência ou insubordinação que cometesse, quer por ação, quer por omissão, receberia um “Touchè du Thanatos”, um toque de Tanatos, na

testa. Esse nome fora tirado das teorias psicanalíticas freudianas das quais seu antepassado era fiel seguidor.

A figura de Tanatos, deus da destruição e aniquilação, dentro do processo pulsional do ser, era muito potente e podia servir ou para destruir o próprio indivíduo ou, catalisada essa força e redirecionada, poderia ter um propósito mais construtivo.

O tal toque consistia na pressão do dedo indicador do responsável pela educação do indivíduo bem no meio da testa do educando. Com isso, sua vítima deveria sentir uma vergonha tão profunda, tão avassaladora, que o fazia trilhar pelas vias da autorreflexão, levando o “criminoso” a perceber sua culpabilidade e estimulando-o a que atingisse um grau mais elevado de crescimento espiritual.

Esse método era formidável por dois aspectos relevantíssimos: além de se evitar a agressão física, muito em voga nas atuais doutrinas pedagógicas e sociais, pois na visão geral é um dos fatores imperiosos no crescimento da agressividade irascível dos filhos, também leva a um autoconhecimento, somando louros e vitórias na busca da perfeição do ser.

Complementa a eficácia e o sucesso de tal metodologia carmesina educacional o porém final e necessário para seu êxito: o fato de que, ao atingir a cifra alta para os padrões disciplinares de seu idealizador, do centésimo toque de Tanatos, o indivíduo deve ser, sumariamente, neutralizado e destruído pelo seu pai ou por qualquer membro da família em hierarquia de idade. Isso porque se acreditava que uma centena de oportunidades era mais do que suficiente para se aprender com os erros.

As crianças, a partir desse momento, sentiam-se acuadas, atemorizadas. Aprendiam, então, a crescer pautando-se na frustração de não realizarem suas ideias e planos, receosos de transgredir qualquer norma, para não receberem mais nenhum toque. Geralmente, aos quinze anos, nenhuma criança do clã Carmine precisava mais ser doutrinada pelo método familiar, tendo atingido, no máximo, os sessenta toques.

Claro que algumas lendas contribuíram para a fixação e a internalização da técnica, como o episódio de um tal primo Gerard, de quem ninguém nunca ouvira falar, que chegou a inteirar o fatídico centésimo toque. Era um assombro quando os mais velhos contavam tal mito e os recém-iniciados o ouviam. Via-se o pavor legítimo

cintilado em seus olhos arregalados e narinas abertas, arrepiando-lhes o corpo todo, tudo regado às gargalhadas sádicas dos que, sorrateiramente, assistiam à cena, já não mais tementes à historieta.

Ele não fora um dos melhores exemplares da família Carmine. Sempre questionador, arredio, rebelde, provocador e genioso. Aos doze anos, já atingira a admirável marca dos setenta toques. Foi quando seu pai, após consultar os anciões da família, atendeu aos seus pedidos e o enviou a uma escola militar.

No período em que esteve interno na instituição, conseguiu interromper a contagem nos oitenta e alguma coisa, num espaço de tempo de doze anos aproximadamente. Logo que concluiu os estudos, ingressou no exército e, meritosamente, galgou a íngreme escalada rumo às patentes, onde estacionara na de sargento.

– É... *No Exército, eu era feliz. Tinha disciplina, tinha sanções, tinha frustrações, mas bem diferente dessa tortura sino-belga de gotejar dedos em nossa testa até atingir o limite para liquidar-nos. Lá, nós crescemos por vontade própria, não por pavor e desespero e, por isso mesmo, fiquei maior, mais forte que os outros do meu sangue.* – ponderou como se um resquiciozinho de lucidez brotasse daquele pântano conturbado que era a sua mente. Porém, um nevoeiro mais denso de irracionalidade, tombara sobre sua consciência, tragando toda a nitidez que a claridade poderia lançar em suas ideias – *Mas tinha de surgir aquela desgraçada na minha vida! Aquela rameira oferecida dos infernos!* – esbravejou ensandecido.

Referia-se a Suzanne, esposa de seu primo, pela qual perdera a razão. Conhecera-a numa das festas da família. Demonstrou por ela um interesse que ia além do simples conhecimento interpessoal entre entes desconhecidos de uma mesma família. Ela insinuou o mesmo desejo de aproximação mais íntima. Jean, esposo da moça, de nada suspeitou, mas os olhares mais experientes das idades e das malícias logo caíram sobre o casal em falta mortal, detectando uma mancha na honra do clã.

Ele recebeu mais um tanto de toques até que alertaram o primo traído que, num acesso de fúria, certo dia lhe dera um ultimato: que saísse da cidade, caísse no mundo e sumisse para sempre, carregando sua pele de ovelha negra, já tendo blasfemado o bastante e enlameado o suficiente o brasão da família Carmine.

O primo teve o apoio de todos os parentes, enquanto que, para ele, restou apenas seguir o que lhe fora proposto. Não por medo nem do esposo traído nem da contagem dos toques de Tanatos, que atingira a perigosíssima casa dos noventa e oito, em detrimento de tantos sussurros trocados e encontros à surdina entre ele e a mulher do primo, espalhafatosamente revelados e muito menos em consideração a Suzanne sobre a qual ele sabia, mais dia menos dia, estaria com outro, substituindo sua paixão clandestina.

Sumiu porque já estava saturado de tudo aquilo: da contagem, da família, dos escândalos, em suma: de si mesmo. Pediu remoção para uma região distante e isolada, a fim de se entender enquanto criatura no mundo, procurando uma fuga geográfica de si, de sua própria convivência:

– Me arrebentei todo por conta daqueles porras e agora isso? Por cinco anos me afastei daqui e dessa gente degenerada em disciplina e retidão. Sozinho, sem uma cara amiga, só a dos recrutas querendo me bajular, com aquele sorrisinho dócil e servil de viadinho de cela. Nem uma linha num papel borrado produziu-se por mim; nem um telefonema de meio minuto com interferência não ousaram fazer, bando de filhos da puta! E essa agora! Nem quiseram me ouvir, não acreditam em mim! Pela primeira vez na vida, sou inocente e ninguém leva fé no que eu digo! – vociferou levantando-se e se dirigindo à entrada da caverna, esperando que alguém aparecesse.

De onde estava, pôde perceber vários pontos luminescentes, ora falhando, ora altivos e fortes, que se espalhavam por toda a encosta do paredão do desfiladeiro, como se fosse uma tropa de formigas de fogo a assaltarem um formigueiro inimigo: eram tochas e lanternas a procurá-lo, como caçadores em busca da raposa.

Havia retornado há poucos dias e, sem nem ter tido contato com Suzanne, fora caluniado pelo primo, que não se esquecera da ameaça que lhe tinha lançado. Por conta disso, recebera o penúltimo toque de Tanatos do pai, o que o ensandecera.

Naquela noite, dirigiu-se ao seu quartel, adentrou o paiol de armas e roubou um rifle AK-47 e bastante munição. Depois, rumou à casa de seu primo Jean e o fuzilou, juntamente com a esposa. Agora, estava ali disposto a eliminar quem se atrevesse a colocar os córneos na entrada da caverna:

– *Pelos meus cálculos, chegarei aos cento e dois. Mas quero ver o homem que conseguirá me dar o centésimo toque!* – disse gargalhando, voltando ao fundo da gruta, destravando a arma e se posicionando para ter uma melhor visibilidade da entrada.

A partida

JÉSSICA
BARCELLOS
BASTOS

Sou uma estudante de Direito, que não estuda muito direito, mas que espera fazer isso em breve. Gosto dos amigos sinceros, da beleza das coisas sem importância, de desenhar e de ler um livro que me faça pensar que, naquele momento, tudo faz sentido e que não é desperdício viver sem miséria.

A partida

A partida

Impressionante, fato se deu quando Clarissa levantou logo de manhazinha, quando o sol ainda tímido ficava num aparente vai e vem. Engraçado era que o pássaro de bico torto e penacho amarelo, acostumado a ser o primeiro nos sons matutinos, não cantou; ficou assim: num estufar de peito e contemplação por algo que se não era bem longínquo, tinha algo de imaterial, coisa que existe só para quem existe inexistindo. Ele era azul, deixou claro aqui. Ele era azul e tudo era despertar naquele momento.

Clarissa jamais acordara tão cedo – nunca havia sequer respirado consciente o ar estranho, carregado duma emoção forte e gélida; uma emoção talvez causada pela incerteza do futuro dia, da vida. É um ar de mistério, esse da madrugada; e ninguém, pelo menos ninguém que conheci, sabe explicar de onde ele vem. Concateino os pedaços dos pensamentos, dos odores e pergunto para um eu menos sólido se ele, o ar alienígena, vem duma pequena fenda, delicada e insignificante, que está localizada em lugar desconhecido e misterioso, abaixo duma folha desprezada; esse pontinho-fonte traz o ar do passado, carregado das coisas que já não voltam e estão esquecidas, mas que, de alguma forma, unem-se ao presente, somando, diluindo e o seu resultado é esse cheiro de ansiedade, misturada à naftalina e à renovação pelo que talvez nunca ocorra. Havia Clarissa acordado por isso? Por se ter dado conta de que estava perdendo coisa tão essencial? De ter percebido que estava no mundo, sozinha? Havia Clarissa, em sua inconsciência abraçada pelo sono profundo de quem é inocente e não julga, descoberto que, por dezesseis anos, não se dera conta de que a verdade se dava na madrugada, de que a paz só existia ali e de que as pessoas realmente sábias eram filhas eternas dos ares da manhã?

Não. Clarissa não havia acordado por isso. Fora por um sonho. Fora por um sonho que Clarissa largara a mão confortável de Hipnos e atinara-se da necessidade de partir. Precisava deixar a casa e nunca mais voltar. A cidade, as ruas vazias, as casas pe-

quenas e confortáveis dos vizinhos, os jardins verdejantes, úmidos e cortados com minúcia... A própria casa e os móveis de madeira negra e polida... As roupas no varal e o vento instável trazendo as sobras de poeira, palavras cortadas e entrecortadas e pessoas desconhecidas... Nada mais fazia sentido, e ela sentiu o coração formigar, porque Clarissa não gostava de clichês e, por isso, o coração não deveria apertar; coração apertado qualquer um sente, e o que ela sentia era muito estrangeiro: era uma necessidade de preencher a parte incompleta que antes nunca soubera ter. Não fora sonho, era realidade pura. Os ouvidos estão ligados a fio comprido e malandro até o coração, disse Clarissa sempre soube. O seu estado se devia aos seus ouvidos, não à imaginação, não ao coração. Eram os ouvidos, em especial ao direito, que ouvia melhor as coisas internas e não cessava de ouvir. Ouvir, ouvir e ouvir. Ouviu, de repente, enquanto repousava, um conjunto de sons combinados e as partículas musicais de tal sinfonia magnífica que marchavam para o infinito, transformando e arrastando como um vendaval incoerente tudo adiante, lavando e lavrando – não tinha chances, queria sim ser coqueiro resistente ao forte vento, entrementes, coqueiro algum conseguiria fincar raiz no solo com essa tempestade. Teve de deixar para trás quem ela era e o de que gostava. Acordou, levantou, tomou um pouco d'água, e o incômodo não passava; e sabiam, ela e todos, vivos ou passados, que o som vinha do infinito – ele não cessaria. Não cessaria! A música celestial veio alastrando-se pelo canto esquerdo do cérebro, depois envenenando rápido o que era dentro e fora da menina; que, sem dúvida alguma, percebeu ser o som a explicação das causas significantes, desse universo subjetivo, fluido e fugidio, que guardara dentro de si havia muito tempo numa caixinha acinzentada, dada em momento esquecido da vida. A música era Clarissa, eram os seus desejos e a sua identidade. “Meu Deus!” Compreendeu logo: a essência da sua pele partia da obra que a conduzia para o mundo – procuraria um lugar onde a música pudesse habitar, o seu lugar verdadeiro.

Pegou a mochila, as roupas, enquanto o ar da manhã tratava de embalsamar a cama, a cadeira, os livros e o quarto. Caminhavam os móveis e as bugigangas para o véu do esquecimento – a poeira caiu-se mais pesada que o comum. A escuridão ainda custava a ir. Sabia que nada ali seria mudado de posição, intocável para sempre. Pontada de tristeza atingiu o olho direito e chorou um pouco anil ao ordenar algumas fotos; pensaria na mãe e nas toalhas xadrez dia após dia, até a morte. Vicissitudes – não pode-

mos evitar. O que poderia fazer? Muitos são os eventos; dos caminhos, não temos controle e, apesar do respeito e da gratidão, não conseguiremos fugir... Fugir... Fugir... A canção aumentava e já era insuportável ficar, hora de...

Clarissa via agora o mundo dividido. Dois gomos dentro duma laranja. Gomos opostos. Pai contra mãe. Cachorro contra gato. “Mas que idiotice!” – gritou sem pronunciar palavra. “Até que não”, foi deixando o fio ir em prolongamentos. “As pessoas, por exemplo, dividem-se. Há aquelas que percebem, há aquelas que não. Umas vivem e nem se dão conta de que estão vivendo e de que a vida pulsa e existe até mesmo sem elas e de que a vida vai incomodando porque o que não se compreende incomoda. Mas as outras, as solitárias e tristes, percebem. Essas, sim. Percebem. Percebem e até se esquecem de tentar viver, contudo, o que é viver? Viver o que?!– elas se perguntam. Até que morrem. Veja o Brasil: Dor, alegria, árvore, Villa-Lobos, pagode, onça, rio, cidade, calor, frio, favela, coxinha, saudade, buzina, sabiá, tiros, cocada, viola, índio, moleque, sorriso, lágrima, lixo, praia, caatinga, bola, chinelo, ponte, poste, bosta, mar, carro, carroça, movimento, lentidão, brisa, SP, Acre, bunda, político, jeans, morte. Quem entende o sentido disso?!” Esse torpor, essa música, a falta de sossego – estava embriagada. Voltou um pé, a cabeça girava, os olhos minúsculos de âmbar iam às órbitas. Cheirava o que não havia mais de ser seu e com a mala das outras eras foi, vagarosamente, mitigando, ou pelo menos fingindo mitigar, o sofrimento de menina decidida. INEXORÁVEL – lembrou-se de uma professora, cabelos grisalhos e rainha de si e de todos – “tínhamos medo”. INEXORÁVEL, não sabia a mulher o significado da palavra! “Pedi para que eu fizesse o favor de procurar no dicionário”. Não sabia o que era tempo, essa pessoa de horários e agendas... “Viaja o Brasil, bebe no bar mais sujo, escuta os ecos e não para, principalmente, de observar”, seria o conselho do pássaro azul.

Vem vindo a manhã, vem vindo. Ela era baixa, tanto gorda e aturdida. A menina, não a manhã – pois esta aí era só o azul. Uma poça de promessas distantes. Em Clarissa bateu outro sentimento: inutilidade. O corpo parou por completo e não se via mais esperança. Sentou comendo as unhas, até não sobrar mais pedaço para arrancar. Passou. Abriu a porta, passeou pela casa sem notar chão e quadros; quando viu a toalha xadrez sobre a mesa. Parou. O nervosismo cresceu, avolumou-se como mercúrio dentro do termômetro

no sovaco febril. Não sabia onde por as mãos, a mochila pesava mais e os olhos: fixos. Entretanto, uma gota na pia caiu, o hino em sua cabeça voltara. Cortou com a tesoura da gaveta do armário um pedaço do pano e aninhou-o no seio quente e esquerdo. O pano ajudou a saudade se aninhar. Esperaria o café? Não, não era certo. Percebeu que alguém estava a observá-la, levantou a cabeça; apertando os olhos, viu uma sombra rajada por pequenos raios de sol. Era a mãe em sua camisola branca. Nada disse. Ficaram a olhar a penumbra uma da outra. A mãe virou a cabeça negra em direção à toalha xadrez; depois, retornou, reparando mochila e tênis da filha.

– *Toma o café antes de ir.*

– *Não.*

– *É rápido, não demora nada.*

– *Não, mãe.*

– *Pensei que ia demorar mais. Só dezesseis... Nem gente é ainda.*

– *Se fosse escolha, mamãe...*

– *É incômodo do sangue, eu bem sei. Mal de família.*

A mãe fez o café sem contar minuto, queria do momento cada gesto, cada instante materno. Coava calma. Repousada quase em estado de glória: a mãe, preparando para a filha a melhor refeição, o último cálice antes da partida cravada havia muito pelo destino. Professora de história que fora, tinha esse quê de epopeia, de imaginativo diante do porvir. Clarissa e a mãe conversaram miudezas, a hora chegava. A mãe perguntara se Clarissa havia pegado a escova de dentes no banheiro; a garota respondera que não. Com a ausência proposital da mãe, levantou da cadeira, guardando um pedaço de bolo no bolso da mochila. A mãe não gostava de despedidas. O som vinha avolumando-se e ela começou a ouvir uma voz espiritual nascer, voz feminina e sereiana.

– *Adeus, mamãe.* – disse, encarando a porta.

– *Adeus, minha filha.*

Clarissa sentia a toalha no peito. Vagarosamente também sentia que não sobrara quase nenhuma separação entre tecido e pele. As bordas cheias de fiapos não espetavam mais, cresciam en-

trelando-se a pulsar toda vez que imergiam na carne macia e alva. O pano foi parar no centro do seio, talvez, suspeita-se, de que tenha ido habitar no coração – é só uma hipótese – outra seria a de que tenha ido mergulhar mais fundo, no que chamam segredos da alma. Clarissa abriu a porta; os ouvidos estavam cansados, a cabeça, confusa, mas a esperança veio abraçá-la: o dia finalmente havia raiado.

Anonimatos - histórias daqui e dali

MIRIAN DA SILVA CAVALCANTI

Carioca, de 1944; no ES (DSL/Pat. da Penha) desde 1993. Só beirando os 60 é que incorporou à vida, definitivamente, a paixão desse ofício de escrever, de ser surpreendida por histórias donas de si mesmas, independentemente do intuito de quem escreve. Crê no poder da arte como fator de aproximação entre os povos, apesar da lavagem cerebral da globalização. Livros - Ao Colégio Pedro II, Tudo ou Nada? e Confraria Van Gogh. Prêmio: 2013 - Obras Lit. Infanto-Juvenis, Autores publicados, Secult/ES – 3º lugar.

Cozinham-se umas batatas...

Cozinham-se umas batatas...

Convenhamos, é quase universal: o prazer de cozinhar esbarra, para muita gente, no determinar o quê. Não me refiro aos grandes momentos, que festa é festa, mas ao dia a dia, quando se procuram ajustar gostos, filosofias de vida, determinações médicas, orçamento, tempo de que se dispõe, geladeira mais ou menos sortida, e vai por aí.

Tanto é que — e conheço as personagens — ao entrevistar a candidata a cozinheira da família, antes mesmo de chegarem ao quesito salário, a patroa viu-se inesperadamente atropelada pela pergunta: “Com penso ou sem penso?”. [?]

Sábio povo, esse nosso. Na breve pergunta de poucas palavras, era possível perceber-se o que teses acadêmicas sobre cotidianos femininos não conseguiriam resumir com tanta maestria.

E antes mesmo que a candidata a patroa processasse todas as implicações da pergunta, a jovem foi definitiva: “Porque com penso é mais caro”.

A história divertiu-me, e de pronto me transportou a tempos em que a família ainda estava completa nesta vida. Pois não é que meu pai captara esse detalhe do universo feminino? Sempre que, diante ainda da mesa posta para o café da manhã, deparava-se mais uma vez com a pergunta “o que fazer para o almoço?”, ele não titubeava: “Pois é fácil! Cadê a minha sogra? Basta perguntar que ela responde: cozinham-se umas batatas...”

De fato. A simples menção à frase, ainda hoje, me traz o rosto sorridente da avó, buscados, lá das suas lembranças lusitanas, prazeres descobertos na infância.

E o prazer vislumbrado no rosto dela, nessas ocasiões, não nascido da solução de um impasse gastronômico familiar, me remete justamente à simplicidade dos prazeres primitivos. Sobre a mesa, uma terrina com batatas ainda quentes, regadas a azeite e bordadas de salsa.

A esquina do pecado

A esquina do pecado

Quando alcançou a rua Jogo da Bola, António deu uma parada. O calor forte não convidara ninguém à ensolarada subida pela ladeira João Homem, mas era por ali que gostava de subir o morro da Conceição. Agora, até a casa da irmã, um pulo só.

As sardinhas fritas, acomodadas entre dois dos mais novos pratos de que dispunha, cuidadosamente embrulhados em jornal, não chegavam a lhe pesar. O que incomodava era o peso das garrafas de cerveja preta. Por causa do braço. O certo era que o braço não lhe ia bem.

Muita coisa ruim nos últimos tempos: a guerra, a queima de safras de café, o porto do Rio perdendo aos poucos sua posição para Santos, o acidente bobo, mas com consequências que ainda o estorvavam... Muita coisa, mesmo. Mas agora era esquecer isso, e pensar nas caras da irmã e do cunhado, naquela surpresa que lhes fazia, aproveitando a folga do cais.

Domingas não era lá muito chegada a cervejas, sabia — preferia vinho e pão. Vinho para molhar o pão, pão para enxugar o vinho... Dizia-lhe ela sempre, a piscar-lhe os olhos, com aquele ar arteiro de menina, que não a abandonara. Mas Joaquim, este, por certo, apreciaria.

António procurou calcular a hora. Cedo ainda. O cunhado não teria chegado, com certeza. Mas Domingas era presença certa. Bom isso; teria com quem trocar uns dedos de prosa.

E já se aproximava da casa da irmã, quando percebeu que a porta estava aberta; na verdade, escancarada. Espantou-se. Domingas não era dada àqueles gestos de expor a intimidade da casa... E foi se aproximando devagar, apreensivo, para logo rir-se folgado, ao chegar à porta. Pois não é que uma acalorada Domingas encontrava-se deitada no chão, abanando-se com o abanador de palha? Mas, o que é isto, Mingas?

Sorrindo-lhe, ela espreguiçou-se, como que querendo afastar do corpo, pelas pontas dos dedos, todo o calor. Pois que entre!, disse-lhe, sem se levantar.

Engraçada, essa Domingas...

Aberta, a porta da rua mostrava um corredor, onde desembocavam as portas dos dois quartos da casa, ficando ao fundo a entrada da sala, a que se seguia todo o resto. Pois Domingas estava deitada no chão do segundo quarto, mas com a cabeça no corredor, por sobre um pano que bem poderia ser uma fronha. Mas assim pura, vazia de travesseiro.

Pois entre, António! Por que ficas aí parado? Vem pegar uma fresca aqui no assoalho!

Pousando os embrulhos das cervejas e das sardinhas logo na entrada, ao pé da porta, António imitou a irmã, ajeitando-se ele também ao modo dela, o corpo no outro quarto, cabeça no corredor.

Que é que deu em ti, Mingas? Ela deu de ombros. Pois não é que o calor era tanto, mesmo dentro de casa, que resolvera dar uma espiada na rua? E quando o ventinho entrou, António, eu cá não resisti, e deitei-me. Não é que a irmã tinha razão? Queres um travesseiro? Estás louca, criatura? Eu cá me defendo bem, enrodi-lhando a boina. E olhou meio desalentado para a boina gasta no dia a dia de carregador lá no porto.

Em que estavas a pensar, aqui neste chão? A pergunta dele, largada à toa, não tinha intenção alguma além daquele esticar conversa que se começa sem saber aonde se vai. Mas Domingas foi direta. Pois estava a pensar no pecado. No pecado? António quase deu um salto, a pôr-se de pé de vez. Mas se segurou, cauteloso. Que estás a me dizer, Mingas? Por certo o calor mexeu-te com os miolos...

Domingas riu-se. Como é que uma simples palavra tem o dom de espetar pessoas... E ficou calada por uns instantes, saboreando o efeito das próprias palavras sobre o irmão, deixando espaços para que ele preenchesse do jeito que quisesse. António era um dos irmãos preferidos. Porque alegre, porque bom músico, porque tocador de fados e até mesmo de sambas.

Estás tendo problemas com o Joaquim? Olha que cá de minha parte não sei de histórias...

A pronta defesa do cunhado despertou certa curiosidade em Domingas, mas não... deixasse aquele assunto pra depois (mas ficasse ela atenta aos movimentos do seu homem), porque agora queria mesmo era se divertir um pouco com a aflição de António.

Não, António... O Joaquim... Esse está bem. Mas me diz cá o que trouxestes nesses embrulhos.

António pareceu esquecer por um momento a preocupação com os rumos da conversa da irmã. Pois lhes trouxe sardinhas e cerveja. Da preta, como tu e Joaquim gostam!

O rosto de Domingas animou-se. E o que vamos nós comemorar?

António mal ensaiara um movimento de ombro, ao jeito de tanto faz, quando foi surpreendido por Domingas: Por que não o pecado? Isso, António! O pecado!

António dessa vez sentou-se, voltando-se para a irmã, agora aflito, a rodar a boina nas mãos.

Ó Mingas, acaba logo com essa conversa, que estou a te estranhar. De que falas, afinal?

Do pecado... Ah, o pecado, António... Viestes por onde? Pela ladeira João Homem?

Pois decerto! Sabes que gosto de subir por ali.

Pois passaste pela esquina do pecado!

De que estás a falar, rapariga?

Domingas espreguiçou-se mais uma vez, e António surpreendeu-se percebendo na irmã movimentos até então desconhecidos para ele. Teria ela bebido algum vinho? Não... A Mingas não era dada a beber sozinha... Na verdade, nem era dada a beber. Bacalhau pedia vinho, decerto, mas nesses momentos estavam sempre todos em família. É o calor, pensou. Esse tempo quente deixa as pessoas mais...

A risada clara da irmã arrancou-o dos devaneios. Que estás tu a pensar, pergunto-te eu agora... Estás com uma cara...

António sobressaltou-se, desconcertado. Diga-me lá, Mingas, que história de pecado é essa, que cá não estou a te entender nem a gostar do tom desta prosa...

Pois Matilde tinha um namorado. Um não. Dois. Não se sabe como ela fazia para que um não soubesse do outro.

O certo é que mulheres têm lá suas artimanhas.

Ah, não, António! Não me venhas tu a falar de artimanhas de mulheres...

António calou-se, que, curioso como estava, não queria interromper a irmã. Mas a Matilde... aquela menina...

Pois o certo é que ela namorava os dois. Um era marinheiro.

Pois aí está! Por certo, quando um estava ao mar, o outro atracava!

Domingas não se conteve, e riu-se com gosto. Claro! Como é que não chegara a pensar nisso? Pois seja lá como se dava o acontecido, um dia um soube do outro, e deu-se a discórdia. A pobre da Matilde, dizia-se, não conseguia se decidir por nenhum dos dois e aquela situação já era do conhecimento de todos ali do morro da Conceição. Até que um dia o marinheiro, tomado pelo ciúme e vendo que aquilo não se resolveria nunca pela boca de Matilde, resolveu ele mesmo pôr um fim na história. O que fez ele? Pois esperou Matilde se despedir do outro, e quando ele estava bem aqui na esquina da Jogo da Bola, naquela viradinha que vai pra ladeira João Homem, sabes?, pá!, deu um tiro no sujeito!

Virgem de Fátima! Desgraçou a vida dele!

Não muito, António. O sujeito não morreu. O pessoal acudiu. Mas o marinheiro entregou-se. E, agora, um está no hospital, e outro na cadeia. E Matilde a visitar os dois. Tem uns 15 dias, isso. Pelo visto, a história continua. E o povo já está chamando a esquina de Esquina do Pecado. Até pintaram isso lá na parede... Não reparastes?

Não... Não... Pois devia ser Esquina dos Pecados... Pois são muitos pecados, por certo. De mentira. De traição. De quase morte matada...

Domingas ouviu calada o irmão, e ainda permaneceu calada uns instantes.

Lá fora, as cigarras puxavam uma cantoria sem fim, e ela pôs-se a lembrar com saudade dos banhos de mar quando menina, na praia das Virtudes. Mas António, ah, esse impacientou-se um pouco, que aquela história já dera o que tinha que dar, já que

nenhum dos envolvidos era da família ou, sequer, amigo, e afinal ali estavam as sardinhas e as cervejas e... Podiam ir se levantando e arrumando tudo na mesa, que logo logo o cunhado chegaria e...

Mas tem uma coisa que cá não me sai da cabeça, nessa história, António... E, agora que lembrei da praia das Virtudes, mais ainda... Pensa bem, António, isso de chamarem de Esquina do Pecado não está lá muito certo, com certeza...

António ensaiava levantar-se, mas parou, curioso. Que será que ainda vinha da cabeça da tonta da irmã? A praia das Virtudes há muito que não existia mais, aterrada que fora...

Pensa bem... A Matilde estava a encontrar-se com dois sujeitos ao mesmo tempo. Mas agora que os dois estão em desgraça... Aquele do hospital parece que não vai ficar muito bom não... E o preso, então... Pois ela não largou nenhum dos dois. E te pergunto eu: a rapariga tem ou não tem um bom coração? Isto não é uma virtude? Pois Matilde, no seu jeito, é leal. Quanta mulher não abandona seu homem, sem querer saber se...

António não se conteve. Estás a dizer asneiras, Mingas! E não me vás a falar isso por aí, que não vão mais te respeitar. És mulher casada, lembra-te disso.

E, pra dar um fim logo ao assunto, levantou-se decidido, ajudando também a irmã a pôr-se de pé. Pois fecha essa porta e aquietate de vez, disse-lhe, procurando a entonação mais impositiva, mais inquestionável de que dispunha.

Devia ser o calor, com certeza. E ficar deitada ali, ao sabor da brisa, pensando na tal Esquina do Pecado não ajudava em nada.

E dirigindo-se rápido à cozinha, tratou de desembulhar o prato de sardinhas e abrir a cerveja, sem esperar a chegada do cunhado. Muito perigoso isso. Isso de a irmã ficar a descobrir virtudes numa qualquer que se amancebava com dois sujeitos ao mesmo tempo. Ora, pois!

Arriscou um olho à irmã. Ah, essa, parada na porta e entregue à brisa que entrava, escapulia, com certeza, em conjecturas sobre pecados e virtudes... Gritou-lhe o nome. Mingas?!

Parada estava, parada ficou.

Dando de ombros, António entregou os pontos. Que cuidasse dela o marido.

E pegando uma sardinha com a mão, antegozou o supremo prazer de, ao final, poder lambar os dedos engordurados.

Conversa de bar

Conversa de bar

Olhou a fauna humana por olhar, já que não lhe restava muita opção. Ou melhor: não lhe restava opção porque, para ele, tudo era igual. Escolheu a mesa central, surpreendentemente vazia. Fora de padrão, menor que as demais. Sábado, naquele bar, a tendência era as mesas engatadas umas às outras, em conversas barulhentas. Fosse em Vitória, fosse em BH.

Para onde iam os casais? Depois de quase trinta anos de casado, nada mais sabia de práticas sociais de fim de semana.

Risadas explodiram, pegando-o de surpresa. A fala viera de uma das mesas ao fundo, certamente. Não se virou para identificar. Qualquer esbarrar de olhos, num dia como aquele, colocaria à luz sua situação. Parecia mais que evidente que se tratava de um coroa recém-separado.

Procurou por cardápios, ou algo semelhante. Parece que só no balcão. Mas um inesperado garçom praticamente jogou-lhe um sobre a mesa, ao jeito daqueles meninos que passam deixando pacotinhos com amendoim. Abriu-o, percorrendo os olhos sobre o que lhe parecia nada mais do que um emaranhado de letras, nem chegando a formar palavras. Sua mente se fechava ao racional. Não queria estar ali. E nem sozinho.

Poderia ter arriscado um convite a Heloísa; não propriamente um jantar à luz de velas, pra lá de prematuro, mas um vinhozinho. No inverno, sempre desarma, aproxima. Na semana seguinte, quem sabe, uma fugida até a serra.

Mas talvez tudo fosse inútil. Como é que ela lhe falara? Ah, que a história deles era uma história de amor, sim, mas uma história de amor de mão única, alimentada apenas pelo desejo de se sentir amada.

Precisava beber alguma coisa. O garçom, onde estava o garçom, que parecia ter sumido de vez? Ah, parecia que um, enfim...

O casal da mesa ao lado já se encontrava ali, quando ele chegara, e a aparente fragilidade da jovem despertava, agora, sua atenção. Parecia ter escapado de algum romance do século XIX.

A proximidade das mesas veio lhe trazendo trechos do que falavam, mesmo que à meia-voz, e ele não se sentiu deselegante por se ater a um momento que não lhe dizia respeito. Ouvia, simplesmente. Aquele murmurar pausado ia como que criando um vácuo de suavidade em meio ao tumulto.

Ela – ... *esquecer o olhar no castanho dos olhos do povo, lembrar a dança dos papéis no chão do trem, naquele outono...*

Por sobre a mesa, após um silêncio visivelmente constrangido, a visível pressão dos dedos do rapaz sobre os da jovem, quase um pedido: — *Me desculpa, é que me distraí, e me perdi um instante... O que era mesmo?... Ah, o castanho dos olhos do povo...*

Ela – *Isso... E o outono dentro do trem. A dança dos papéis era bonita, sabe? Era uma felicidade tão transparente, tão zumbida de cigarras! Cigarras em pleno outono, imagina! —* cala uns instantes, observando-o amorosa, enquanto os olhos dele retomam o passeio inquieto por sobre as cabeças dos que chegam. Ela não desanima. E baixa um pouco mais o rosto, aproximando-se dele: — *E tem mais...*

Ele — *Onde? Onde foi, mesmo, que você tinha ido...?*

Ela — *Não importa... Qualquer lugar. Estou falando da vida. Sempre em volta da gente, e a gente não percebe. Feito a expressão daquele velho olhando o bilhete sem prêmio; ou a alegria de dez reais na noite do festival, com a chuva caindo no telhado do ginásio e escorrendo em volta, feito cortina... (Cala um instante, olhando-o.) Ou aquela família pobrinha, no centro espírita, roupas de domingo, solenes alegres puros tomando guaraná... O rio claro, em Paraty, tonto de lírios...*

Ele — *Desculpe. Fala de novo. O que era mesmo? Ah, lembrei! O castanho dos olhos do povo... Pode continuar, que, dessa vez...*

Não quis testemunhar mais nada. E sem esperar pela caipirinha pedida, saiu.

Mais brilhante que o sol

Mais brilhante que o sol

1945, 6 de AGOSTO; SEGUNDA-FEIRA

1h45 (horário do Japão), ilha Tinian, oceano Pacífico – O avião B-29, batizado como *Enola Gay*, em homenagem à mãe de seu piloto, coronel Paul Tibbets, decola rumo a Hiroshima, portando a primeira bomba atômica de urânio a ser lançada sobre população humana.

13h45 (fuso horário Brasil, 12h menos), S. Paulo

O homem afasta a cadeira com estrépito e busca sobre a escrivaninha a capa da máquina de escrever. Aborrecido, visivelmente aborrecido, detém-se no maço de cigarros. A intenção de varar a tarde e finalizar o livro dissipara-se no tédio. Nada o interessa, absolutamente nada, nessa vida nauseante, e o romance, iniciado por encomenda, estacionou de vez, capenga, reforçando cada vez mais a vontade de mandar tudo à merda: prazos, pressões... Merda. A vida é uma merda.

7h27, oceano Pacífico – Verificados, pela última vez, todos os circuitos do *Enola Gay*

19h27, Goiás

O casal empurra as crianças porta adentro, e, enquanto ele se esforça em passar a chave pela porta mal-ajambrada, ela descalça o caçula, que sacode os pés, aliviado. Cansados, todos, de tanto caminhar. Já na estrada com o dia amanhecendo, o pai nos seus passos largos à frente, as crianças saltitando atrás, e, fechando a fila, a mãe, abraçando o embrulho da merenda que seria o de-comer de todos ao longo dos caminhos poeirentos. A ida mensal à

feira da vila era uma festa, quando, além do sal e do querosene pro lampião, havia sempre a esperança de alguma coisa diferente pra agradar os pequenos. Mas não fora ainda daquela vez que dera pra lhe comprarem um calçado novo. E entre resmungos a mãe tenta explicar ao pequeno que, se calçasse o que havia em casa, talvez fosse melhor, era só colocar um pouco de jornal no bico, que não lhe sairia dos pés. E reforça a fala, cada vez mais baixinho: pensa bem... Se você usar aquele outro... Quietas, as demais crianças simplesmente aguardam.

7h39, oceano Pacífico – Paul Tibbets avista Hiroshima. A manhã é clara, de agosto.

19h39, Santa Catarina

Num alvoroço só, a jovem corre até o espelho. Nenhuma espinha! Feliz, feliz, feliz, rodopia pelo quarto, simulando valsar com um guapo cavalheiro, sorrindo de nada, feliz feliz, feliz, naquele anoitecer da véspera de seu décimo quinto aniversário, quando seria formalmente pedido ao pai consentimento para namoro. Feliz, feliz, feliz. Como é possível tanta felicidade assim na vida, meu Deus?, pergunta-se.

8h, Hiroshima – Amanhecera não só bem claro, mas também quente, em Hiroshima; no céu, apenas fiapos de nuvens; a vida, no de sempre: comerciantes já com lojas abertas, estudantes já nas salas de aula, escritórios e fábricas a pleno vapor.

20h, Pernambuco

Feita a curva, o bonde diminui a marcha e para. O senhor já aproxima o pé do estribo, para subir, quando se lembra do jornal esquecido na casa do irmão. Nem chegara a ler. Um ligeiro titubeio, logo seguido de um dar de ombros. Notícias, notícias... O que precisava mesmo, agora, era pensar na conversa que teria no banco, no dia seguinte. Pra resolver de vez a questão daquela hipoteca. Notícias, notícias... Do jeito que andavam as coisas, não precisava saber de mais nada, que a desgraça já estava beirando sua vida. E que ficassem pra lá as notícias do mundo, que ele não lhe pagava as dívidas.

8h15, *Hiroshima* – O major Tom Ferebec enquadra no visor de sua mira uma ponte sobre o rio Ota, que corta Hiroshima.

20h15, *Minas Gerais*

Afastando as migalhas de pão de sobre a toalha, a mulher ajeitou papel e lápis e começou a escrever. Açúcar, feijão, óleo... Parou e esticou o olhar por sobre as caixas de mantimentos na prateleira sobre a pia, rigorosamente em ordem de tamanho. Gostava daqueles raros momentos de silêncio em que ficava em paz. (Desligado o rádio, agora apenas o estardalhaço do banho do marido, ressoando pelo corredor escuro.) Onde estava mesmo? Ah... Voltou o olhar para os cupons de racionamento. Talvez valesse tentar um pouco mais de carne para um jantarzinho melhor... Dali a pouco fariam 25 anos de casados. Não que o casamento valesse comemoração alguma...

8h16, *Hiroshima* – *Little boy*, como foi denominada a bomba, explode 576m acima do Hospital Cirúrgico de Shima.

20h16, *Espírito Santo*

O rapaz caminhou até o alto da propriedade. As covas ainda não estavam totalmente prontas, mas as mudas, recém-pegadas, já se encontravam próximas a elas, ao sereno da noite. Ali, ao luar, sentia-se quase pacificado. A dor ante a morte da mãe, agora, doía surdamente; já não rogava pragas aos céus contra os médicos, incapazes de salvar a vida mais preciosa do mundo para si. Viera do avô a ideia do jardim. A mãe gostava tanto de flores... Por que não florir o alto do morro? Seu olhar olhou em torno, avaliativo. É... Da janela da sala veriam as árvores ali florindo, e seria como se a mãe continuasse com eles...

8h16min20s, *Hiroshima* – Nesses vinte primeiros segundos morrem 70 mil pessoas; nas semanas seguintes, o total chegaria a 210 mil.

20h16min20s, *Espírito Santo*

E enquanto desmanchava nas mãos torrões de terra aqui e ali, pensava na previsão de chuva para os próximos dias, e a imaginação ia fazendo brotar ipês-rosas, brancos, amarelos...

13h45, ilha Tinian, oceano Pacífico - Cerca de 12h depois de terem decolado, Tibbets e sua tripulação pousam, saudados por todos os principais militares que puderam ser reunidos; o general John Davies coloca uma Cruz de Serviços Distintos em Tibbets, assim que este desce do avião.

8h45min, Manaus

A menininha de traços indígenas encolhe o peito enquanto a professora coloca, na blusa branca, a medalha de Honra ao Mérito escolar. Sentiu vontade de chorar. Fora tudo tão bonito... O Hino Nacional, a bandeira... Quando crescesse queria ser professora também. Ou médica. _

Histórias não cantadas

Histórias não cantadas

— As irmãs lá da avenidinha da travessa. Tua mãe se lembra delas?

Não chegava a ser bonita, a Amélia, mas percebia olhares na rua e divertia-se com os galanteios, perfeitos em graça e sutileza. A cada *reveillon* que José reafirmava “a nomeação na prefeitura sai esse ano”, corria a remexer o enxoval, a trazer para a luz do primeiro sol as fronhas simples, mas com monograma. E pensava: lá pelo carnaval, previno a patroa. O carnaval chegava e se ia; prudente, calava.

Acostumara-se a acordar de madrugada, pois o que a princípio fora apenas um agrado, uma surpresa a ser acrescentada à lata de goiabada que fazia a vez de marmita, virara certeza para José: nem quatro da manhã e lá estava Amélia, radiante, debruçada na janela. E marmita reforçada, lá se ia o Zé, pendurado na porta do trem. Ela imaginava-se cuidando, um dia, da marmita, alvejando panos de prato no sábado, enquanto ele ia para o bate-bola com os amigos. José ouvia em silêncio. Sem vaidades, aquela sua Amélia... Mulher de verdade. E tinha lá seu bocado de razão... Resolveu casar, afinal; mesmo sem o tal emprego. Em maio, como ela queria. Do ano seguinte. E quando Amélia ajeitou finalmente a grinalda e olhou-se ao espelho, sobrava de felicidade. Dona Augusta, empregada na padaria, ofereceu um bolo confeitado e se deram por festejados.

José era feliz com seu trabalho. Seu mundo era aquele da obra, andaimes balouçantes, falas gritadas, cantarolar dos colegas. Quando o sinal batia a hora do almoço, ah... Era a felicidade: barra-cheia e o bate-bola de meia, fazendo do peão um menino. Amélia? Ah, essa se considerava feliz também. Acordando cedo pra cuidar da sobra da janta na marmita do José, e desencantando o invariável “meu filho, o que se há de fazer?” ante algum gesto contrariado dele. Dormir e acordar com José eram, afinal, belezas suficientes para amar a vida.

Mas foi o desejo de ter um filho que começou a desandar as coisas. José ouviu calado. Muito calado. Para enfim se derramar: a gente nem se aguenta os dois, Amélia. Quando não tem trabalho, fico pagão, sem santo que ajude. E rasgou o silêncio dela: ter filho pra dividir fome?

Amélia mergulhou numa mágoa só. Das que afundam qualquer um. Mas foi Emília quem, no intuito de consolar a irmã, acabou por mostrar o fundo do poço: “Amélia... filho pra quê? Já tem seu menino... José vai ser um menino a vida toda.”

Isso mudaria tudo.

A partir dali, conformação e enlevo foram se transformando em sentimentos que preferia não identificar. A cada vez que embrulhava a marmita em folhas e folhas de jornal, tinha a sensação de um desconsolo surdo bombeando-lhe o coração — o que era reforçado a cada saída feliz de José para a pelada. Filho pra quê, se já tinha criança em casa?!

E esperar por José, pelo denço com José, foi deixando de ser uma espera apaixonada. Até que, num sábado, Emília bateu-lhe à porta.

Ao samba? Ir como, sem José? Mas o Zé não estava no futebol? Amélia não foi, mas ficou pensando. E mal ele chegou, suado e feliz, falou-lhe, animada. Não, não dava, não vira como estava com as canelas esfoladas? Amélia ouviu e calou. José sentiu o peso do silêncio. Mas se fechou. No sábado seguinte, mal chegou do futebol, a pergunta sobre as canelas dele. Antes mesmo de responder que estava tudo bem, reparou na calça e camisa limpas esticadas sobre a cama. E resolveu antecipar-se: por que você e Emília não vão ao samba? Amélia sentiu-se diminuída. Pois não vou com ninguém não, se quer saber!, respondeu brusca. José deu de ombros. Que não fosse, então, e que não o aporrinhasse mais.

E não aporrinhou mesmo. Aporrinhação veio foi por conta de Emília, que *desde que se separara* não gostava de sair sozinha. E quando queria algo, ah... E vamos e vamos e vamos... E, num sábado adiante, foram. Emília? Essa sumiu logo de vista. Amélia sentou-se a um canto, observando o movimento. Foi quando um som de cuíca, choroso, lento, irrompeu. Olhos fechados, ao contrário daquele se mostrar sorridente, beirando o malicioso, comum ao toque da cuíca, o rapaz parecia um ser à parte. Amélia não conseguiu despregar os olhos dele. Ali, tão concentrado, tão sereno, quase um tocadour de violino. No que pensaria ele? E se entregou àquele som pungente.

Uns sábados adiante, surpreendeu-se buscando o canto onde ficava a cuíca. Lá estava. O sambista, porém, era outro. Mesmo incomodada, teve que admitir a decepção. Mas Emília logo reapareceu, com uma amiga. Essa é a Rosa Maria. Veio com o irmão, aquele do surdo. Acompanhou naturalmente o gesto da irmã, pra descobrir que se tratava do mesmo sambista da cuíca. E uma alegria boba quase lhe abriu sorriso.

O alvoroço que dali por diante tomou Amélia a fazia sentir-se menina-moça de novo. Alvoroço e pavor. Aquilo não poderia estar acontecendo com ela, pensava. E, como um pedido de socorro, passou a insistir, em vão, com José para acompanhá-la ao samba. Até que ele oficializou a paz doméstica: sábados, ela no samba; ele, no futebol. Confiança em Amélia? Total. Uma Amélia que, se gostava de samba, nunca chegara a se revelar propriamente uma cabrocha. Gostava de samba, apenas.

Pois ela retraiu-se, assustada, por meses. E quando finalmente voltou ao terreiro, o verão já estava de novo esticando crepúsculos sobre as tardes, o canto das cigarras acordando alvoroços ingênuos dentro de cada um. E lá estava Rosa Maria. E Nestor. Amélia empalideceu. Temia não parecer natural. Preferia não conhecê-lo, ter somente aquela visão no momento em que tocava, quando olhar para os músicos era natural. Mas ali, frente a frente... Ao se cumprimentarem, pareceu-lhe que ele prestara atenção nela, que se demorara mais que o comum no aperto de mão. Sentiu-se atrapalhada por todo o tempo, temendo ser atraída pelos olhos dele. E foi com alívio que viu que Nestor se despedia, afastando-se. Temia estar pálida demais ou, ao contrário, com as faces afogueadas. O samba começou, enfim, e ela pôde olhar para os músicos. Buscou a cuíca, o surdo; não, eram outros. Ombros caídos, apagou-se. Foi quando o repique do tamborim iluminou o terreiro. E ela olhou. E se deparou com o sorriso dele, olhos nos dela.

Pois passaram a se ver no samba. A se ver, simplesmente, e, mesmo distanciados, a conversar com o olhar. Ele não desconhecia a condição dela, de casada, mas nada sabia, além disso. Sabia apenas — e muito — do que irradiava aquele olhar ao encontrar o dele. Amélia pensava em Nestor. Mas pensava também em José. Para onde fora seu amor por José? O amor por ele, descobria aos poucos, parara de crescer. Quando, meu deus? Talvez quando se deparara com o menino que ele era. Macho, mas menino.

Uma tarde, Nestor sentou-se a seu lado, quieto, e ficaram os dois por algum tempo observando a movimentação. Emília, por onde andaria Emília, perguntava-se aflita Amélia, vasculhando o terreiro com o olhar. Você sabe da Emília?, dirigiu-se a Nestor. Não, ele não sabia. E, olhando-a sério: mas queria que ela demorasse a aparecer... Não, deus meu, ele não pode falar nada de errado pra mim... Eu não posso NEM ouvir nada; sou casada com José. Mas ele arrastou a cadeira, ficando de frente pra ela. Sabia pouco de Amélia, disse, mas sabia muito. E queria muito saber mais, pois não podia esconder o que sentia. Ela ia dizer-lhe que tinha que voltar pra casa, mas se deparou com os olhos dele frente a frente, como nunca havia estado. E não deu mais para ignorar. Ali, sem se tocarem, os sentimentos de um e de outro brotaram em palavras que se descobriam, se completavam, se... Amélia pegou a bolsa e quase correu, voltando para casa.

Naquela noite, não dormiu direito. Virava-se na cama, cuidando para não despertar José; virava-se na cama, querendo acordar José. Para lhe contar. Contar o quê?, perguntava-se. Tudo, tudo... Que ouvira declaração de outro homem. Que se declarara. Que se decidia por não mais ir ao samba, mas ao mesmo tempo o coração se apertava no peito... Como poderia deixar de vê-lo, se era *apenas isso* que queria?

Os dias seguintes foram de silêncio. Que é que tu tem, mulher?, chegou a perguntar José, para logo atrelar a pergunta a outras falas. Ela ouvia, perguntando-se que espaços existiriam nele para as histórias dela. Mas aquela história não era dela, pensou; era dos dois... E de tanto pensar nisso de “não ter acontecido nada”, umas ideias foram se insinuando. Às vezes, uma traição física é uma coisa muito pobre se comparada a sentimentos escondidos. Ela, a traição, pode nascer de um impulso, de um momento. E se apagar na vida da pessoa. Sentimentos, não. Mas por que as pessoas empacam só na traição física? Ali não estava ela, agora, toda complicada porque não conseguia parar de pensar em Nestor? E se defendia: aquele sorriso que lhe brotava, irresistível, aos lábios, de total felicidade, era tão bonito que não podia ser comparado à traição física. Mas sentia medo, mesmo assim.

Emília estranhava a ausência dela. Vamos... A gente chega junto e depois não te perturbo mais... Amélia sorria, amargurada. Pois nesse depois é que vinha a perturbação! Mas acabaria por se render. A Emília, pensara. Mal chegaram, ele se aproximou. E

aportou ali, ao lado dela, tamborim na mão como que indicando que se tratava de um aportar-se momentâneo. Curiosamente, não se referiu à declaração feita no encontro anterior. Curiosamente, foi lhe falando da própria vida, que ela ouvia encantada. E aos que o chamavam, fazia um sinal com o tamborim, num “já estou indo”, mas não arredava o pé. Espontaneamente, ela também foi lhe falando da própria vida. Aqueles cotidianos simples, se entrelaçando nas semelhanças, iam como que construindo uma ponte entre eles.

E, a cada sábado, mais enredados passaram a ficar. Um dia, ele lhe falou abertamente da possibilidade de viverem juntos. Ela entrou em pânico. Uma coisa era conversar por horas com ele num lugar público, enquanto o samba se derramava; outra era fugir. Sim, porque era o que lhe propunha. E sem lhe dar tempo de resposta, Nestor lhe falava de seu irmão, Ernesto, que morava em São Paulo, no Brás. Você vai gostar de lá, Amélia. “Você vai gostar”, lhe dizia? Mas se ela nem concord... Indo pra São Paulo, continuava Nestor, as coisas seriam difíceis até ele arrumar emprego, mas tinha amigos e poderia chegar com algum dinheiro para os primeiros tempos. Amélia sentia-se atordoada. Não sei se tenho coragem... Ensaiaava dizer, mas o entusiasmo de Nestor ia aos poucos contagiando-a. Possível, tudo parecia possível aos olhos dele. Depois de algum tempo, roçou-lhe a mão com as pontas dos dedos, falando em tom mais baixo: Desde que você entrou na minha vida que tenho pensado em ir embora daqui. Com você. A felicidade não pode ser uma coisa partida, Amélia. No samba, não tenho espaço. Toco três instrumentos e não tenho espaço aqui. (Amélia sabia do que ele estava falando. Justamente por ser um bamba, acabava por despertar ciúmeiras, invejas.) E agora quero felicidades inteiras, sabe? No samba, na vida. Sabe o que é uma felicidade inteira, Amélia? Ela fez que sim com a cabeça. Quem sabe de felicidades partidas sabe de felicidades inteiras — até porque, de início, vivera uma felicidade inteira com José. Amélia olhou longamente para Nestor. Como seria viverem juntos? E descobriu que imaginar seria muito pouco.

Agora, como agir em relação a José, ah, isso não sabia. Se falava abertamente com ele, se ia simplesmente embora; se deixava bilhete... Aquela sua história com Nestor era entremeada por silêncios... Como colocar silêncios em um bilhete? Mas uma coisa sabia: que nunca mais iria abortar sua felicidade aos poucos, em silêncios. Iria embora, sim. Falando ou não falando, com bilhete ou sem bilhete.

Já Nestor, para assunto tão delicado, abriu-se com um amigo apenas, o Waldemar. Quando Amélia soube, sobressaltou-se. O pedreiro?, pois além de ter sido casado com Emília, já tinha trabalhado com José! Que se tranquilizasse, ela, pois fora muito discreto, e até já falara com Antonico sobre o empréstimo. Antonico? Esse não conhecia. Parece que ele mexe com bicho, Amélia. Se ele quiser, tem como ajudar.

No sábado em que partiram, Amélia deteve-se antes, longamente, diante da folha de papel. Querido José... Não, não podia chamar de querido uma pessoa que ela estava abandonando. Ou podia? "José. Estou indo embora. Amélia." Releu. Muito pouco. Não devia ser assim... E gostava de José, ainda. Não mais como devia gostar, mas com um querer bem precioso. Buscou a borracha, e acrescentou pouca coisa mais. Pronto. Releu: "Estimado José. Vou embora. Não quero mais silêncio na minha vida. Amélia." Silêncio ou silêncios? Pensou um pouco, e espremeu um esse no papel.

Pois a notícia correu por tudo quanto foi ladeira das redondezas. Amélia? Amélia! E o Zé? Ah, o Zé... Para ele, parecia que o mundo tinha se acabado. Chorava, o Zé chorava feito menino deixando no canto sem de comer. E tanto que dona Augusta e dona Carola, preocupadas, passaram volta e meia a lhe preparar umas canjas. Considerado de alta, o silêncio voltou a corroer cada canto da casa, agora sem ruídos de panelas e de jorros de água na pia. Emília, você sabe fazer canja? E no dia em que ela foi lhe preparar uma canja, o cheiro de café vindo da cozinha acordou as paredes, a vida. E quando lhe apareceu com o copo, explicou sorrindo, sem jeito: antes de depenar a galinha, resolvi fazer um café... Ninguém sabe preparar café assim, pensou José. E, mesa posta, surpreenderam-se em silêncio, olhando um para o outro, a canja esfriando no prato. Emília é bem igual à Amélia, pensava José. Eu não quero filho mesmo..., cismava Emília. E foi o que se deu. Um casório de outro jeito, mas casório. Com bolo e tudo. Ofertado por dona Augusta e dona Carola.

— *Como a senhora sabe tanto detalhe dessa história, tia Dorinha?*

— *Ah, meu filho, palavras a gente escuta da boca de quem fala, mas se a gente sabe ouvir e observar, entende mais do que é contado... E falando em café... Que tal um cafezinho agora?*

A história curtinha de um baile na varanda

A história curtinha de um
baile na varanda

Pois, de pouco tempo pra cá, instituiu-se a quinta-feira de forró. A primeira pergunta que veio à ideia de muitos foi por que uma quinta-feira? Por que não num sábado? Ou numa sexta-feira, que fosse? A resposta veio naturalmente, nos pormenores: forró de pé de serra, bem socadinho na tradição, nada universitário, ah... Esse tinha de ser bem ao largo do lazer oficial e da agenda da moçada; tinha de vir encravado na semana, quase que meio às escondidas.

Na quinta-feira, lá estavam: músicos, muitas damas, alguns cavalheiros, um e outro cachorro deitado ao pé do dono. E quando o músico abriu o pregoado do acordeão sobre o peito, parece que as paredes sumiram e que do teto, mais do que pobres lâmpadas amareladas, jorraram estrelas sobre os casais.

Cabe aqui uma explicação. Uma recomendação era passada aos interessados: cavalheiro só entra acompanhado de dama. As damas, essas poderiam vir sozinhas. E o que se deu? Muita dama, pouco cavalheiro. Mas naturalmente os pares se formaram. Mulher com mulher, a maioria. Pois como que acostumadas ao retraimento masculino, as damas não titubearam desde os primeiros acordes, e vizinha com vizinha passaram a rodopiar felizes.

Nisso de falar de retraimento masculino, há que se chamar a atenção para outro fato: os casados, em sua maioria, mantinham a prerrogativa masculina determinada por eles próprios: pra se divertir, ou era sozinho ou não era. E pouco se valiam da companhia das esposas em eventos festivos. Mas, como quem não estava nem aí, volta e meia um e outro passava pelo meio da rua, espichando o olhar curioso pelos dançantes. A mulher, em casa.

Devagarinho, a novidade pegou. Agora, já os mais jovens se aproximavam, atraídos pelo som gostoso do acordeão, pandeiro,

triângulo, violão, e, mesmo sem chegar a entrar, cada quinta-feira foi diminuindo a distância entre eles e o salão. À boca pequena, tratava-se de “festa de terceira idade”, mas a qualidade da música não faz restrição a público, e o chamado daquele som acaba por acordar no corpo memórias ancestrais.

Bem, essa explicação toda nada mais é do que uma introdução, determinada que estou a descrever a paisagem de modo que um acontecido — ah, tão solitário quanto belo — se revele em todas as suas cores e sombras e sons e silêncios.

Pois toda quinta-feira, na casa com varanda do outro lado da calçada, uma mulher encostada à porta entreaberta apreciava a movimentação. Durante as duas horas que durava o forró. Marido avesso àquele tipo de coisa. E mulher dele não sai desacompanhada. (Dele, claro). E ponto final.

A cada vez que fui ao forró para meus rodopios, não deixava de constatar aquela presença silenciosa, distante, mas fiel. Fiel aos ditames masculinos, mas igualmente fiel à festa. Uma resistência silenciosa, pensava eu, pois não podia deixar de perceber naquela presença laivos de desobediência civil, mesmo que inconsciente. Fisicamente, o marido e dono não permitia que comparecesse. (Dono do corpo dela, porém não dono dos pensamentos e emoções, que isso é terra de ninguém, e não tem feitor que tenha força).

Até que uma noite a luz do poste queimou. O poste da casa da varanda.

A porta entreaberta mostrava, como sempre, a silhueta da mulher, quieta, recostada ao batente. Constatei a cena e fiz um comentário com meu companheiro. Mas, afeita à liberdade como sou, sem pressão de jugo algum, fui muito pobre em minhas considerações: o escurinho da varanda favorece as fantasias, e com certeza ela está mais livre pra sonhar, pra voar...

Aquela mulher, contudo, mesmo restrita às regras herdadas de mãe e avós, mesmo circunscrita às grades da varanda, vislumbra os próprios caminhos com olhos próprios. E após os primeiros acordes, encostando mais a porta da casa, de modo a resumir a fita de luz a uma tênue linha, dançou sozinha na varanda — a mão esquerda na própria cintura, e a direita tomada por algum sonhado cavalheiro, qual verdadeira dançarina, ocupando todos os espaços do próprio chão, sem perder o ritmo até o fim da festa.

Desde as cavernas, não tenho dúvida alguma, aqueles estão entre os mais belos movimentos femininos.

EDUALDO SELGA

Nascido a 16/03/1968, é professor de Língua Portuguesa. Coletânea de contos *Livre Pensador*, em 2004, editora Scortecci; livro individual de contos *A Morte de João Mocinha*, em 2004, editora Papel Virtual; coletânea textos sobre MPB *Cantigários*, 2008, editora Guemanisse; coletânea de contos *Literatum e Poeticum*, 2009, editora Guemanisse; artigos acadêmicos publicados pela Ufes e jornal *A Gazeta*, em 2009 e 2011, respectivamente; contos publicados no Caderno Pensar - *A Gazeta* - em 2012.

Timorato

Timorato

Como dois e dois são quatro, aquele momento de perda chegaria, inevitavelmente. Nenhuma esperança que contradissesse a ruína era nutrida (exceto no jogo ficcional que gostava de fazer com ela e consigo mesmo, mentirinhas estéticas), pois a experiência ensinara: relação amorosa esquartejada aos poucos, sem os necessários esclarecimentos mútuos, antes até fluida e depois estancada não como quem resolve fechar uma ferida que lateja e lateja, e sim como quem decepa a cabeça do outro para aliviar sua própria enxaqueca, toda relação assim suspensa é anacoluto, conduz não ao silêncio e à paz pretendidos: antes à tragédia. Talvez não imediata, talvez nem tanto Eurípedes, mas sempre tragédia.

Abandonou-se. De repente perdido numa floresta, após o desabamento.

– Há um engano, não foi bem assim. A verdade, por mais desdita que seja, precisa ser expressa sem sombras, em minúcias. O sol nosso de cada dia foi fazendo água aos poucos, houve todo o tempo do mundo para se construir uma nova manhã a dois. Mais que isso: ele se levou para as brenhas de si mesmo, antes, a vida era uma planície. Nem tantas flores, muitas vezes esburacada, vá lá, mas ainda assim planície.

Não mais fez caso de si. Desceu. Vertiginosamente. E desceria ainda mais e aos poucos, tencionava-se. Quando do divórcio, perdeu os pés, o solo, ah... tão amena aquela realidade cosmética, doméstica, domesticada, os atores conhecendo suas falas e marcações no palco... Além do mais, tinha uma certeza vaga: ainda residia em algum grotão de sua alma o afeto por ela, motivo pelo qual precisava fazer-se visível novamente àqueles olhos tão severos. Surpreendentemente cartesiano e metódico quando saía de seu mundo abstrato, não queria parecer ostensivo em suas atitudes e pro-

vocar a piedade dos familiares mais próximos, as previsibilíssimas palavras de apoio e superação, porque você não se pode entregar, porque é preciso mostrar a ela que você é mais forte, pode contar com o nosso apoio, nós o amamos irrestritos, e outras bobagens próprias de quem desconhece um coração trespassado de razões sem assinaturas. Ou de um orgulho ressentido? Pretensamente bem quisto por muitos, também precisaria ser misericordioso e evitar, tanto quanto possível, a dor sincera que sua fuga de si, supunha, causaria aos mais amigos e à parentela mais pegajosa quando seu corpo, coitadinho dele, fosse encontrado na estrada da floresta.

Portanto, desceria ao inferno paulatinamente. Mas não usando as escadas mais óbvias (os álcoolis, a adrenalina das altas velocidades em noturnas rodovias, os narcóticos), pois isso já fazia mesmo quando mais ou menos feliz naquele matrimônio assim-assim, que aliás já desmoronara, apenas ele não se dera conta disso. Não?! Fingia cegueira, confortáveis ouvidos de mercador.

Ria de si mesmo, aflagando-se o ego e chegando sempre à mesma conclusão: como estava redondo o plano!... Primeiro, precisaria comportar-se outro, incompetente o tanto que chegasse para perder seu ótimo emprego de crítico teatral (no sentido farsesco da palavra, pois os colegas de texto apenas encenavam respeitá-lo pelas opiniões) e fazer isso chegar aos ouvidos dela; segundo, sofreria de caso pensado uma dor verdadeira, advinda da imaginação: ela retornando, rabinho entre as pernas macias, amor, me perdoe, nunca mais vou me preocupar com a minha felicidade egoísta, lágrimas na voz. Entretanto, pressentia sem querer admitir: tais imagens nunca desceriam das nuvens; aqueles cabelos em cachoeira e aquele sorriso de sol não resplandeceriam outra vez. Afora noutro céu. Como toda a dor, inclusive a verídica, gravita em torno de uma dimensão estética, talvez fizesse poemas apócrifos e epístolas sem remetente para ela nas madrugadas. E palavras tão talentosas, que chegaria ao ponto de se perguntar: será mesmo que ela existiu em carne e osso em minha vida? Não terá sido efígie, uma daquelas ninfas?

– Por favor. Sempre existi inteira, nenhum subterfúgio, nítida, solar. Às vezes, lunar, é verdade, mas o que podia fazer se ele desaparecia, virava sombra e sátiro dentro de seus sonhos insensatos, e mesmo quando retornava ainda estava fora da realidade? Criatura frágil, inadaptado, de porcelana mesmo. Era

um quebrar-se constantemente e não se conseguir recompor. Ora, a vida não admite isso, fraturas e estilhaços que não cicatrizam!

Ignorou os correios eletrônicos. Neles, não havia o necessário apelo romântico, e escreveu, resultado de vários rascunhos, extensa carta destinada a ela, tão carregada nas tintas da dramaticidade quanto um céu armando temporal: palavras-ventania, imagens-trovão, eram lembranças editadas: citava essa e aquela passagem feliz do casal, alterando premissas, subtraindo diálogos, as ironias mordazes e a reversão de culpa (suas armas melhores naquele jogo de xadrez) nem eram mencionadas.

A última etapa: gigantesca delícia, o canto da boca alargando-se e os olhos virando criança como quem antevê o passarinho cair no alçapão, o parágrafo indicando o local onde seria possível encontrar seu cadáver largado no chão, numa estradinha. No matagal, raticida misturado à bebida, escrevera. Na verdade, meu amor, pensei em cicuta, mas desisti: filosófico em demasia; cortar os pulsos, mas não quero virar dramalhão no horário nobre. No bolso da calça, meu anjo, deixarei resumidas essas palavras que escrevo doravante para você, afinal todo suicida que se preze dá explicações por escrito.

Plenamente cômico do tanto que julgava conhecer a alma timorata da mulher, escolheu um dia colorido para seguir rumo a uma matinha ordinária próxima à sua casa, onde seria encontrado sem muitas buscas; onde construiria um cenário oportuno: roupa suja, pois os abatidos são largados; pela metade, uma garrafa enclausurando um vinho ao qual odiava tanto que nem mesmo se o conteúdo da carta fosse verdadeiro beberia; pensou mesmo numa taça, porém temeu o ridículo; declarações escritas de amor mútuo de quando eram namorados, habilmente misturadas a partes do veneno, como se formassem iscas. Algumas ligações telefônicas estratégicas, e pronto: ela chegaria em poucas horas. Bastava deitar-se e fingir-se morto, toda a volúpia da espera. Viria descabelada, a alma repleta e rasgada de culpas que nunca teve. Revanche, meu amor.

Errou o cálculo, último erro de sua vida: ao receber a carta, no mesmo dia das ligações, ela foi mais ágil na movimentação das pedras no tabuleiro: suicidou-se sem escrever palavra, sua grande jogada. Xequemate. Ele desceu ao abismo, perdeu-se para sempre.

Paisagem interna

Paisagem interna

Era uma taça de cristal azul que descansava estendida sobre a mesa, só aparentemente morta. E só. Mas era apenas um cansaço mentiroso, como ademais eram sempre seus cansaços. Porém, uma dissimulação difícil de entender para qualquer testemunha, se houvesse, se alguém adentrasse aquela sala, paisagem de um sonho. Dentro do cálice, entornando, cristais de sangue em gotas: mínimos rubis, na exata proporção em que a cortina da sala sibilava suas janelas, uma ligeira brisa que entrava como quem quisesse de repente assuntar. Mas entrava por onde, se a sala de estar, na verdade, não era, não passava de sonho de um menino assombrado, sobressaltado, que um dia vivera, mas naquele instante preciso do sonho já não existia? Uma luz triste, ainda assim, conseguia entrar, sequer licença, se infiltrava, minava uma sombra deitada do copo na mesa.

Era uma faca ferida, e muito, pelo tanto de sangue que escorria por sua lâmina apodrecida pela ferrugem e abandonada à própria sorte, à possibilidade do último suspiro que o destino reserva às facas vorazes quando cumprem seu ciclo de vida, de morte: nascer, assassinar e, terceiro movimento, morrer. Sufocava sob o travesseiro, lâmina escondida. Lágrimas femininas numa camisola, calcinha sem o devido corpo e colcha amarfanhada que testemunharam uma senhora noite. Tão senhora que havia outra noite, despropositadamente fora de lugar – embaixo da cama, sem a lua dos românticos. Talvez por isso mesmo um escorpião tenha fugido pela vagina do corpo (o negrume é um cadáver de mulher) antes que este inchasse; escalou pedaços de lençol pendurados, teresa, subiu, e no meio da cama ficou a farejar à procura de um culpado pela morte. Sentinela e espadachim, não viu nem ouviu o menino chorando e trêmulo atrás da porta. Desvario, ele sonhava, o menino em estado de sonho.

Era uma caixinha de música enferrujada, sem o mesmo brilho que outrora tivera, sobre a bancada do lavatório de estranha arquitetura. Suíte barroca. A bailarina, uma infeliz, não rodopiava

mais sua arte, muletas por causa da perna direita, mecânica. Sentada numa das margens da caixa como quem à beira do Lago ou do pior abismo – à morte –, sem a música, o olhar triste perscrutando em torno e descendo ao fim do precipício, as ruínas do tempo tecendo teias intrincadíssimas a partir de o teto cheio de mofo. E tantas que, junto ao pesado fedor, aglomeravam-se nuvens ao ambiente. Pela umidade relativa do ar, mais temporal doméstico era questão de alguns minutos. Significaria outro desconforto, pois as platinas que ligavam alguns ossos da perna esquerda provocavam dores quando relâmpagos e trovoadas. Por isso assoviava. Quem sabe desse modo a engrenagem da caixinha se dava corda novamente, os acordes previsíveis despertavam e a possível tempestade se dissipava? E aí, recuperar a vontade de viver, vencer o esquecimento dos passos. Como mesmo se dança o padedê? Enquanto se perguntava, totalmente puída, a mão triste na saia um dia rendada. Impossível livrar-se dos sons de dor que, flechas, ecos, vinham de toda a casa: constantemente os gritos de alguém morrendo a facadas, e o choro de um menino no interior do próprio sonho.

Agora o menino já foi embora. Ou nunca existiu. De toda a maneira, abandonou, à guisa de herança, um homem muito sozinho e adulto caminhando na madrugada tão alameda, quase floresta. Nuvens tornadas invisíveis pelo escuro prometem alagar a atmosfera e a rua cáusticas. Cadê a lua, estrelinhas, aquele blá-blá-blá todo? Não estampam o cenário. Ainda assim fantasmas existem, acredita o homem. Sente, imprimindo seus passos na camada fina de areia espalhada no chão, a presença ainda longínqua daquelas malditas sapatilhas saltitando como um eco, como uma flecha de rumo certo. Virá cheia de vida, cheia de graça, cheia de si; sorriso absorvente emplastrado no rosto, como num desses *jingles*. Dançando não sei o quê. Vestidinho de boneca, afetação nos gestos. Numa das mãos, estará segurando aquela taça repleta, sangue que, apesar dos movimentos, não escorre pelas bordas; na outra, pela coleira, felizinho e colérico, seu escorpião favorito.

Aproximação, portanto. Abordagem. Assestando, ameaça de canhoneio. Como um Cupido às avessas que, entre cínico e ridículo, desconhecesse o quanto sua presença é sestra.

– *Posso propor um brinde, querido, enquanto você mais uma vez vai a lugar nenhum?*

– Se eu puder lhe mandar para o Inferno...

– Pode, é claro... Não conseguirá, é bem sabido de nós dois. Nos seus sonhos você tentou, e tentou... Nunca deu em nada! Lembra-se? A lâmina não foi enterrada o bastante, eu não desci o penhasco da morte o tanto quanto você precisava. Portanto, a faca ressuscitou num lugar de onde nunca deveria ter saído: a sua alma enferrujada. O seu pesadelo, meu amor, permanece inalterado. Tim-tim.

Lucy

Lucy

Mas no meio da narrativa o personagem salta aos olhos e invade o quarto após errar desarrumado, sem rumo certo, superpovoa na madrugada o cômodo escuro e sem nenhum morador vivo, porém ocasionalmente visitado pelos pensamentos de Lucy (ficcionais ou só talvez), e se declara primeira pessoa. É que essa estória de ser narrado em terceira, toda distância excessiva inventa miopias, chegou a tal nível o transbordamento que agora basta. Preciso dizer muitas coisas com todas as letras a ela e seria temerário confiar nas incertezas e na falta de bússola dum narrador que em oceano pleno parece nau sem vela. Não. Agora a voz é minha e, independência ou morte, Lucy me ouça. Mesmo que você não passe duma ficção, como de vez em quando me tenta persuadir. E quase acredito, menino boboca, abduco de minha identidade e da sua imagem para, nessas horas, igualar-me ao narrador, virar calmaria que não leva a lugar nenhum. Por isso prefiro as tormentas verbais, elas me sopram para além e o ardido da vida que agarra na pele dói menos. Está me entendendo? Sei, sei... Às vezes pareço mesmo um balão solto no céu para ninguém, sem mais aquela. Se for esse o caso, é só dizer: eu me refaço de outra maneira.

Sabe o que eu almejava, depois de tudo passado, nem tanto tempo vivido apesar dessa embarcação permanente aqui dentro, ora incompletude, ora espaço vago? Queria acordar no próximo dia, Lucy, amanhã ou depois, Lucy, e repentino fazer das pálpebras claustro para meus olhos, pois eles carregam uma saudade que é tanta e me cega. Não passa. Atravessa. Flecha. Irrompe. Mas de quem essa nostalgia quase lusitana, se sempre mantive uma “distância segura” do outro (até mesmo de você), receio de ver meu mundo invadido por alguma palavra corsária que me acertasse em cheio nesse imenso nada que me constitui? Meu mundo... É até engraçado... Ele já foi universo, mas hoje é apenas um quarto, uma porção. Um mínimo. Tantos metros vezes outros tantos, igual a certo número de quadrados nos quais eu caberia inteiro. Ou pela metade?

Mas talvez seja muito melhor assim. Afinal, a concisão, dizem, é preferível ao prolixo. Mesmo? E quando eu sangro, quem me estanca a saudade senão elas, as palavras muitas, aos borboões, loucura que brota feito vômito? Por vezes, quando não me explico, preciso de uma coletânea delas, como um pintor dispõe de vários tons em sua paleta.

Finja não ter ouvidos para essas tantas coisas até agora, por favor. Na verdade, é preciso dizer mais. Por enquanto, não exatamente eu quem está aqui, nestas palavras, e sim um duplo a pretender de mim seu reflexo. É que, jamais coerente, perdi agora de vez a coesão. Veja se vê sentido, se me entende: eu quase sempre abro as cortinas e a boca da janela antes mesmo que a manhã boceje, olho para o ontem e sinto daquilo tudo que eu não fui uma coisa medonha no peito. E uma espécie de você, nessas horas, me saúda na madrugada, sorri ao pé da cama um sorriso mudo e esgarço que diz: “é uma pena, a oportunidade foi jogada no tempo; agora, meu bem, mesmo se ainda lhe amasse, você assustou meu coração, ele não confia mais, apesar de suas palavras”.

É sobre você que gostaria de falar, eu acho, e me perdi. Mas nem mesmo comeci. Ah, minhas palavras... Onde se escondem nos instantes mais imprecisos, quando mais necessito? Elas às vezes em mim, porém fugitivas nalgumas ocasiões, enquanto você é permanentemente bandeirinhas de Santo Antônio na forma de lembrança, visitando-me o oceano da insônia. Imagine, Lucy, o Atlântico enfeitado de ponta a ponta em homenagem ao Santo Casamenteiro e eu, caravela, naufragando... Sim, é o que me sobra de mim esse arraiá sem quadrilha, perdido e ainda escuro por mais que um galo disfarçado de relógio grite no criado-mudo.

Mas você desaparece, me deixa falando sozinho, a ver navios! Assustada, você aos poucos se evapora, névoa, névea, e não sobra nenhuma dama a quem compor um madrigalzinho sofrível. Ah, minhas palavras... Elas estão aqui, penduradas às paredes como os antigos calendários nus em oficinas mecânicas, ganindo sob a cama, personagens de mim mesmo, ocultas e sem destino entre os papéis escrevinhados com um passado que não aceita jazigo. Os meus cadáveres, Lucy, são você.

É idealização sua, meu amor, você diria se ainda estivesse aqui. Meu amor. Vai ver, querido, eu nunca existi. Até não acho impossível, e várias vezes supus tal hipótese à sua imagem próxima à

minha cama solteira. Mas pouco adianta admitir um talvez platonismo ou ficcionalização: algumas das muitas palavras mantêm luz e melodia, parecem melopeia, mas não a maioria. Quase todas, empalidecidas, perderam a língua e já não querem se manifestar, greve e silêncio: cruzam os braços e ficam olhando para minha cara como quem pergunta: “não vai tomar uma atitude e reconquistá-la?”.

Não obstante sua fuga, imagino cheio de dedos: com a mão direita, você tenta cobrir a boca, mas arregala, maiores, os olhos inundados pelo canto de sereia. Sorri formidável, balança suave a cabeça e diz, harmoniosa de alto a baixo: “só você mesmo...”

Mas antes do término da narrativa o personagem se obscurece no quarto. Ameaça fechar cortina e janela para que o sol não invada sua amargura disfarçada de estética, mas se detém por um tempo sem metro ao perceber naquele rasgo de céu entre a madrugada morrente e o dia descarado um balão enorme, do tamanho de uma caravela, repleto de cores, porém dolorido e choroso da exata maneira como antes jamais viu, de uma maneira que só vendo, Lucy. Ah... Vou atrás de você, preciso ir embora, voltar às minhas páginas em indefinida terceira pessoa sem enredo.

Ismália Pós-Moderna

Ismália Pós-Moderna

A defunta abre suas asas no alto da torre sineira como quem, sensaboria, boceja longamente. Ao mesmo tempo, ainda de cócoras, reconhece pelo faro a alta madrugada que acabara de penetrar no tempo. Ódio desafiando o quarto crescente e todo o manto sem estrelas no qual ele está pendurado. É, no entanto, ira mansa, pois desde há muito entendera: o inverso é sempre inútil. Foram séculos no tempo aguardando este instante, escalando a torre como uma larva, embrionária nas reentrâncias dos barrocos pós-modernos da cúpula e crescendo à proporção que as notas musicais do sino, moto-contínuo, convocavam os mortos da cidade para assistirem a missas e missas em prol de si mesmos, ensimesmados. Eternos sétimos dias.

Ergue-se. Sacode o corpo para espalhar certo tipo de poeira. Só aí percebe que está nua, a branquidão inseparável das pessoas extintas. Os longos cabelos, outrora anelados e loiros, até cresceram, aproximando-se das nádegas, tão vermelhos que, se quisesse, poderia mesmo cobrir com tanta cor as vergonhas em pelo. Também os seios (belas maçãs), porém nunca os teve por suficientemente desfrutados, ao inverso dos lábios, sempre terra de ninguém e de todos. Neles, ainda o mesmo azul-marinho-celeste de antes?

Do alto da arquitetura catedral, todas as mechas querendo valer-se da brisa e revoar, asas formando um ligeiro arco, olhos correndo em disparada pelas ruas falecidas em busca de resgatar o filho, por enquanto para sempre enovelado nos labirintos da metrópole semidestruída pelos fatos e pela memória (quase não se lembrava mais de si mesma naquele lugar, viva). Apenas umas poucas edificações relativamente em pé. Ruas e avenidas afora, corpos em diferentes estágios de fetidez. Os mais apodrecidos nem alcançam andar, abandonados, decúbitos coitados. No máximo rastejam, arrastando consigo os vermes que lhes mastigam. Toda a vez em que o mar sopra uma aragem mais forte, areia e gravetos e folhas flutuam à procura, escolhem a dedo os corpos que oferecerão menor resistência ao serem lentamente cobertos. Sepultamento aos pou-

cos, ao longo dos anos, como se alguma tecelã invisível alinhavasse edredom sobre os cadáveres enquanto o vento assovia sua flauta de Hamelin e convida todos os ratos para o banquete. No campanário, seus olhos gaviões procuram as mesmas imagens do filho que a memória traz por nunca tê-las levado embora.

Como num eterno videoteipe, o que sobrou dele morto repete sempre as mesmas atitudes perante as madrugadas, pedaço do dia em que seu corpo dói menos, talvez pelo não derretimento da pele que o sol provoca: levanta-se, túbio entre ossos, em meio aos mortos esquecidos sob uma das muitas passarelas transversais aos trilhos, caminha rumo à estação para aguardar, mochila às costas, melodias assoviadas a partir da infância e um esclerosado bilhete de passagem, a maria-fumaça da madrugada. Entretanto, ela não existe mais: há tempos seus vagos vagões sangram ferrugens em pontos esparsos da ferrovia ocupada pelo matagal. A locomotiva tão morta quanto ele, cujo corpo, vigília e expectativa sempre frustrada, estaciona no banco de espera como quem dá adeus a si mesmo, até outro dia. Indefinido junto aos escombros da gare, olhar flutua, organizando imagens de um pretérito tão longe que ignora o quanto de fábula e o quanto de real. Os deslimites provocados por quase meio século de morte. Nem se lembra mais da fisionomia de sua mãe, por exemplo. Mesmo assim, ainda sente as profundas dores causadas pelas mordidas que ela lhe aplicava nos músculos mais macios do corpo. Pedaço arrancado (e o grito era ensurdecedor), engolia-o num imenso desenho de prazer no rosto. Depois regurgitava nas mãos em concha, produzindo um som que lembrava uma caverna trespassada por ventanias. Lambia nas carnes que retornavam os restos da bílis, costurava-as de volta em seu filho.

Seu rosto, angulosidades cadavéricas, ganha uma espécie de vida ao vislumbrar lá embaixo o corpo do filho, vagando sentado à espera do que não vem, mais ou menos sem norte em busca da saída. Paradoxalmente, é impossível: os edifícios, paredes desse labirinto, estão abaixo, estão ruídos, mudos e estirados nas ruas. Sem referências, ele não sabe exatamente onde está. Em certas madrugadas, por exemplo, mesmo a estação ele custa a encontrar, perde-se, supõe itinerários.

Mergulha no espaço que Deus lhe deu, abandonando a torre, Ismália incompleta (tem a lua, só falta o mar). O voo é longo, parábola, asas ruflam de par em par, rompe a quase completa escuridão enquanto o sino esclerosado repete o mesmo discurso de sempre. Finalmente, ri pensando banhada em desvario seu, voltar ao coração do filho. E abocanhar o músculo cardíaco. E comê-lo.

In Corpore

In Corpore

Dormir e acordar beijando os lábios da solidão – escolha toda particular – tinha lá algumas vantagens, principalmente por ser pessoa inquieta demais, não com as estradas que a vida lhe ia abrindo, se era felicidade ou se ribanceira: antes, importavam-lhe os pormenores desses caminhos, feitos de sucessivas crises de mutações drásticas na personalidade. Não se lembrava mais quando ocorreram as mais antigas, entretanto tinha consciência de que já havia sido muitas pessoas, algumas vezes completamente opostas entre si. Era o sorriso fácil, a cólera súbita; elegância nas palavras, sordidez nos gestos. A certeza de que seu corpo servia de condomínio a várias identidades, elas se alternavam por meio de critérios obscuros. Enquanto determinado caráter lhe ocupava, os outros ficavam em torno, aguardando.

Os maiores incômodos não estavam relacionados às mudanças em si; de certa maneira, gostava desses múltiplos eus, minoravam uma lástima que apenas recentemente se manifestara: a fadiga por existir. O que importunava eram aqueles barulhos dentro da cabeça, como se os ossos do crânio estivessem em terremoto. No sentido exato, não era dor o que sentia: estalos, luzes internas como *flashes*, acompanhadas de sussurros. Diversas vezes, indefiníveis, não suas. Talvez flanassem desde a infância, muito embora... Quem havia sido mesmo em criança? Sempre que tais fenômenos aconteciam, era certo: tão logo acordasse, nova personalidade.

Assim que despertou daquele sono cujas imagens não pareciam ter fim e foi ao banheiro expelir os resíduos do corpo, a saliva ressecada no lábio, esmerilhar os dentes, não se deu conta: havia na cama outro corpo. Alguém que, sorriso azul e olhos, acompanhava seus movimentos incertos, tateios, rumo ao início do dia. Aspecto de quem refletia grandes silêncios, de tal maneira que, houvesse flagrante, muitas dúvidas seriam perguntadas e respostas varridas para debaixo dos lençóis. Após o susto e mirar o cinismo guardado na esquina da boca, o questionamento: por que este topete nos lábios, corpo?

A algararra da água encachoeirada e formando redemoinho, como crianças cirandando. É sabido que lavar as mãos nunca satisfaz a alma, mas era o bastante para começar as tarefas. Colocou-se em movimento de modo a cumprir a rotina, enfrentar excepcionais que porventura. Logo, abriu a porta.

Por um desses cochilos da vida, tropeçou na cabeça decapitada de sua última vítima, mas nem por isso vomitou palavra entupida de obscenidade. Pelo contrário: toda a pachorra do mundo, como quem vai pegar uma pétala primaveril esquecida pelo vento na relva dum poetastro, inclinou o corpo para diante, puxou a cabeça pelos cabelos água-oxigenados a 40 volumes, olhou-a face a face, algum bom humor e menosprezo. Quase imediatamente, o corpo na cama, a um só tempo olhos e sorriso, sentou-se, não admitindo que daquela provocação pudesse surgir algum diálogo. Cruzou os braços, manifestando especial curiosidade.

– Você não acha que é um pouco tarde demais para me pedir desculpas? Pode chorar sangue, será inútil.

Foi imediata a indignação com tamanho desabuso daquele bestunto dos diabos. Quem ele pensava, deitar falação assim, tagareladamente? Pois se o assassinato havia sido nos conformes!... Não lhe responderia, homessa! Ira ininterrupta, pôs a cabeça sob um dos braços, correu os olhos em busca do primeiro cesto de lixo que encontrasse. Mostraria que mandava naquela casa.

– Estou esperando você se perguntar a mim onde o corpo que antes era meu, que você separou com várias dentadas certeiras. Terá ele corrido para debaixo da cama de modo a não ser também morto?

Sem muito saber o que fazer com tamanha insolência, com a vaga certeza de que o seu dia não começaria (e as horas já iam tarde, era preciso cuidar), arremeteu a cabeça contra a parede. Urro. Foi possível ouvir o som dos ossos desmontando, artérias implodindo, hemoglobinas pelos olhos. Resultado imediato do choque, caiu e rolou como se procurasse o corpo, sua parte que faltava. Apertou as têmporas, esfregou a face porque há muito aquele desassossego não mostrava as caras. Qual será a índole que ocupará os espaços desta vez?

O corpo se atemorizou de imediato, os pelos se arrepiaram. Talvez, fosse interessante evanescer, passe de mágica. Não, muito melhor: aproximar-se em silêncio, pedir licença e vaga na fila dos indivíduos à espera de espaço para entrar naquela consciência e, uma vez dentro, invisível. Aos poucos, foi desassombrando-se, certa paz no espírito. Sem recuos, os primeiros movimentos no sentido de esgueirar-se. Escorreu, mimetismo, arrastou-se, felino, fingindo-se escultura para enganar a vítima. Bote certo. Abocanhou a cabeça. E por ela entrou no corpo.

Carabina nos dentes

Carabina nos dentes

Chegou a casa esbaforido e redondamente feliz; a vontade de permanecer o menino que, desde a morte do irmão cinco anos mais velho, inflexível e nenhum carinho, se perdera nos labirintos erguidos pela vida. Não apenas o medo de alguém na rua ter testemunhado tudo ou parte, afinal o dia quase nascido já era luz bastante aos olhos mais acordados. Não. Também uma certeza (vinda de quando?) vinda de longe lhe segredava aos ouvidos, mulher comadre: se você não correr, seu brinquedo ficará impossível, o apodrecimento vem a galope. Apalpou os bolsos, apreensivo naquele claro-escuro ambiente entre a casa por fora e a casa por dentro. Taquicardia ou, ao contrário, geada a correr pelas artérias? As chaves, cadê?!

Abriu finalmente, após uma infinidade desesperadora. Empurrou, bateu a porta da sala com estrondo. Encostou-se nela como se um dos dois fosse desabar, esfregando a parte posterior do crânio para sentir as mínimas ondulações da madeira e sua textura, coração cambalhotando, o ar cuspidos dos pulmões às enxurradas. A cabeça e os olhos para o teto, na penumbra, talvez quisesse agradecer alguma benção. Houvesse luz o suficiente naquela caverna travestida de casa, houvesse alguém por perto, os lábios poderiam ser flagrados em seus movimentos sorrateiros dizendo coisas sem som, mas, mesmo assim, expressivas a seu modo. Talvez até se persignasse, não fosse a pequena caixa de isopor que as mãos nervosas seguravam. Sentiu entrar pele adentro, transmitidas por suas palavras sussurradas, eficiente como um contágio virótico, uma espécie de êxtase. Era, naquele preciso momento, impossivelmente feliz. Portanto, algo aconteceria para desarranjar tudo. Quem sabe meganhas acompanhados de testemunhas oculares batessem palmas, ô de casa?

Seus risinhos nervosos, consecutivos, eram os beliscões que algumas pessoas se dão para autenticar uma verdade. Inacreditável: tudo havia dado certo, e a ausência de viaturas nas ruas durante a madrugada facilitara as coisas, conforme supôs fosse acontecer desde quando traçou os primeiros rascunhos do plano, deitado na

cama em companhia do recém-amigo, o cérebro abrasado e suando de tanto presumir, soando imagens e gestos quase cirúrgicos para antecipar o que faria madrugadas depois.

Mais calmo, menos penumbra. Mas ainda assim alguma. Atabalhoadamente quis caminhar por dentro da ausência de luz, pretendendo-se desenvolto. Entretanto, a vida doméstica não tem a mesma lucidez da rua: derramou líquidos, fez em pedaços copos que estavam sobre a mesa. Sons agudos escalarão num átimo seu corpo, gritaram fundo nos tímpanos, e o medo, que já se apaziguava, reacendeu espavorido. Fragmentos navalharam-no pouco acima dos tornozelos, mas o que ele sentiu foi o barulho como uma mordida de animal selvagem no pescoço e nas costas. Peste! Mais atenção, idiota! Pensou esbofetear-se, ojerizar a si mesmo. Mas... E se houvesse, inesperadamente, algum policial escondido na casa, disfarçado de qualquer objeto? Portanto, silêncio. Mastigar, engolir o palavrão. Shhhh... Descobrir onde a luz. Os dedos da mão, pé ante pé, auscultando a parede em busca do interruptor. No preciso momento em que a claridade se fez e acendeu a sala, ouviu (ou supôs ouvir) trovejos ao longe, talvez carabina. Teria sido na mesma rua em que ele estava até há pouco? Estranho... Policiais em patrulhamento cotidiano não costumam usar esse tipo de arma, preferem trinta e oito ou pistola. Delírio meu.

A dúvida e o instinto fizeram com que apertasse contra o peito a caixinha de isopor. Abriu-a sobressaltado, olhou para os lados como se houvesse em casa muitas esquinas suspeitas. Tudo certo. O gelo preservava o motivo pelo qual correria tanto risco na madrugada. Acelerou o passo, venceu alguns metros quilométricos até o quarto a fim de encontrar seu amigo. Algum sol pleno entrando pela fresta de janela. Lá estava ele deitado, aguardando, barriga para cima, completamente sem boca. Ou seja, nada havia mudado em sua fisionomia inconclusa desde quando engendrara o plano ao lado dele.

Após a morte do irmão, tanto quanto pôde, juntou inúmeros trapos de sua vida, antigos ressentimentos muito similares a bolor por se impregnarem à alma e apodrecê-la. Habilidade nenhuma, costurou com muita lentidão esses retalhos, formando um corpo e um rosto nos quais embutiu o enchimento (restos de tudo e as piores sombras de si mesmo). Pragmaticamente, tosquiou os pelos do corpo para plantar uma cabeleira em sua obra (o novo amigo não poderia permanecer careca, ora essa!), em cuja face havia os recortados

olhos do primeiro Bicho Papão que conheceu impresso na vida, num antigo livrinho de estórias, até hoje guardado. As orelhas, conchas de uma praia em que nunca pôs os pés porque seu irmão mais velho, a um só tempo mãe e pai, aquele maravilhoso filho de uma puta, ele jamais deixou. Do hábito infantil de amassar com as mãos a comida, fez o nariz imenso, malcheiroso. Entretanto, faltava a boca.

Assentou-se à beira da cama, um pequeno sorriso nervoso e o olhar titubeante rumo ao seu amigo deitado. Pôs sobre o colchão, todos os cuidados do mundo, a caixa de isopor. Inclinou o corpo, conseguiu encontrar sob travesseiros tumultuados o objeto. Era de mogno, incrustações vagamente ciganas, e pertencera a quase todas as mulheres de sua família, desde muito lá atrás, o estojo de costura no interior do qual as coisas dormiam organizadíssimas. Meticulosos, os dedos escolheram e se apossaram da meada cuja cor mais se assemelhava ao moreno. Esta, essa ou aquela? Qual será a agulha mais jeitosa à empreitada, de modo a não permitir cicatrizes? O fio colorido negro atravessando lentamente o orifício, culminando em um nó para que a costura fosse possível. Agora, sim, a obra estaria completa. Seriam felizes para sempre, irmãos. Sorriu. Descobriu a caixa de isopor, os cubos já estavam se liquefazendo em meio a tanta água sanguinolenta. Apanhou aquele pedaço de músculo humano, ergueu-o como se troféu ou oferenda a algum deus particular. Estava claro não adiantaria coisa nenhuma a tentativa de varrer o sangue enquanto realizasse o transplante: sem maiores cerimônias, encostou a carne no rosto do amigo, logo abaixo do nariz, calculando visualmente a posição. Muitas nervuras e artérias escancaradas, líquidos pela face.

– Consegui finalmente encontrar a sua parte que me faltava. Ou conseguimos, pois decerto você ajudou, a seu modo. Agora calma, a costura não vai doer nada. E quando tudo isso acabar você terá a boca que tanto lhe marcava. Que tanto me marcou. O eterno sorriso diagonal. Não será a mesma, óbvio, mas ao menos muito bonita. Sem sobressaltos, confie um pouco em mim... Será indolor, eu garanto.

E principiou a costura dos lábios junto à face do boneco.

Apesar de sentir grande prazer em torturá-lo psicologicamente com as mais variadas ferramentas (a palavra escancarada

ou suposta, o gesto), ainda assim o irmão mais velho conseguia ser fundamental para o espírito atormentado dele, o menino caçula daqueles pais já então falecidos. O sorriso com que lhe dava ao mesmo tempo ordens e palavras de falso carinho era composto de um cinismo com cujos motivos ele não atinava. Sempre lhe pareceu gratuito. Todas as respostas para essa pergunta eram insatisfatórias. Ainda assim, a fisionomia acobreada pela epiderme, pano de fundo para os dentes muito brancos e arreganhados pelo sarcasmo, o rosto do primogênito nunca lhe desaparecera da lembrança. Nem daqueles cômodos onde, ainda hoje, morava. Enjaulava-se, eternamente menino. Pois a ausência do irmão, assassinado, não fora o bastante para trazer sentimentos adultos para dentro de si, para os espaços da casa vazia.

– Só mais um nada para os lábios ficarem prontos e bem alinhados no rosto.

Foi carabina nos dentes a coronha em alta madrugada. Como quem esfarela vidraça. Matara seu querido irmão, desfigurou o maninho a arma. Dois, três... Quantos disparos houve depois? Perdeu olhos, orelhas, nariz, a boca. Até hoje a polícia investiga o crime. Ou não. É provável já ter desistido. Mas a saudade também precisava morrer, de alguma maneira desassombrar o imaginário encastelado nele. Por isso colheu os farrapos de infância para reconstruir o irmão e seu sorriso sem caráter.

– Viu como fui rápido? Podia ao menos uma vez na vida me elogiar. Ah, se você tivesse visto a minha destreza ao arrancar os lábios daquele sujeito que era a sua cara...

Esta publicação foi composta utilizando-se as
famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que
não seja para qualquer fim comercial.

